

Carlos Henrique Silva de Castro

Luiz Henrique Magnani

[Organizadores]

MEMÓRIAS *de* LETRAMENTOS

vozes do campo





Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons
Atribuição – Não comercial 4.0 Internacional.



Com essa licença, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que dê créditos devidos aos autores, na maneira especificada por estes, e que os usos não sejam para fins comerciais.

Capa: Fabiana Martins Mouchrek

Imagens internas: imagens públicas e livres disponíveis na rede; fotografias tiradas pelos autores e desenhos feitos pelos autores.

(Org.)

CARLOS HENRIQUE SILVA DE CASTRO

E

LUIZ HENRIQUE MAGNANI

MEMÓRIAS DE LETRAMENTOS: VOZES DO CAMPO

1ª edição

Diamantina/MG
Editora UFVJM
2017

Ficha Catalográfica - Sistema de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária: Jullyele Hubner Costa CRB-6/2972

M533 Memórias de letramentos: vozes do campo / Organizado por
Carlos Henrique Silva de Castro e Luiz Henrique Magnani.
Diamantina : UFVJM, 2017.
144 p. : il.

ISBN: 978-85-61330-70-5

1. Letramentos. 2. Alfabetização. 3. Memórias. 4. Campo. I.
Castro, Carlos Henrique Silva de. II. Magnani, Luiz Henrique. III.
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. IV. Título.

CDD 920

Elaborada com os dados fornecidos pelo organizador.

Sumário

[O livro foi organizado por ordem alfabética dos nomes dos autores]

Apresentação.....	p. 07
1. De volta à infância em busca de textos.....Adelza Higino	p. 09
2. Meu primeiro contato com as letras.....Alessandra Gomes Rodrigues	p. 11
3. Para ler e escrever o mundo.....Alessandra Rodrigues de Souza	p. 13
4. Minha autobiografia escolar.....Amanda Oliveira Peçanha	p. 15
5. Resgate de memórias de leitura e escrita.....Ana Lúcia Oliveira	p. 17
6. Relembrando as primeiras letras.....Andreia Ferreira dos Santos	p. 19
7. Trajetória da minha vida escolar.....Angela Silva Peçanha	p. 21
8. Usando a imaginação para descobrir novos mundos.....Bianca Martins	p. 23
9. O baú das memórias de minha vida escolar.....Cláudia Rejane de Souza	p. 25
10. O caminho da construção.....Cristinjaques Celestino dos Santos	p. 27
11. Relembrando minha infância e a vida escolar.....Daiane Núbria da Cunha	p. 29
12. Minhas memórias com as letras.....Eliana Henrique de Sousa Dias	p. 31
13. A verdade por trás da escrita e da leitura.....Eliane Maria Pires Gomes	p. 33
14. A visão letrada da vida.....Emanuela Raymunda de Souza Miranda	p. 35
15. Caminhos para meus letramentos.....Eni Elizabete Marques Ribeiro	p. 37
16. Desvendando mistérios.....Flanciene Ferreira Ribeiro	p. 39
17. O primeiro contato com a leitura.....Flávia Idalina Alves Moreira	p. 41
18. Buscando na memória.....Flávia Moreira Chaves	p. 43
19. Lembranças de meus letramentos.....Francine Nilma Perpetuo	p. 45
20. Memórias e letramentos.....Franscielle dos Reis Candido	p. 47
21. Infinitos caminhos para novas aprendizagens.....Gean Marcos Martins de Melo	p. 49
22. Memórias da minha vida escolar.....Iarla Pereira Dos Santos	p. 51
23. Minhas lembranças.....Ingrate Taiz Ferreira	p. 53
24. Uma infância marcada pelas letras.....Ivani de Fátima Assunção Rodrigues	p. 55
25. Aprendizados da minha vida.....Janaína Dos Santos Ferreira	p. 57
26. Eu e minhas lembranças escolares.....Jane Ramos de Souza	p. 59
27. Minhas letrinhas.....Jéssica Emanuely Vieira	p. 61
28. Memórias.....Joice Alves Carvalho	p. 63
29. Lembranças.....Jonas Oliveira Santos	p. 65
30. Viagens ao mundo da leitura.....Jucélia Viana Barbosa	p. 67
31. Memórias de minha vida.....Juliana da Silva Moreira	p. 69
32. Trajetória da Minha Vida.....Katiane da Cunha Ribeiro	p. 71
33. Realidade do ensino: uma autobiografia.....Kelly Silva Ferreira	p. 73
34. Lembranças escolares.....Keyliene Pereira Martins	p. 75
35. Descoberta.....Leidiane Calixto da Silva	p. 77

36. O descobrir e o decorrer da descoberta.....	Magno Santos Ferreira	p. 79
37. Letramentos na minha vida.....	Manoel Macedo Martins	p. 81
38. Luz para o meu aprendizado.....	Maria Karina Oliveira	p. 83
39. Minhas lembranças de letramento.....	Maria Natiele Soares Ramalho	p. 85
40. Memórias: viajando ao mundo da leitura.....	Maria Nilza Rodrigues dos Santos	p. 87
41. Uma vida de letramentos.....	Marilene Rosa Dos Santos	p. 89
42. Os caminhos da minha educação.....	Mateus Felipe Oliveira Santos	p. 91
43. Minha grande paixão.....	Maura Rodrigues	p. 93
44. A leitura pela sobrevivência.....	Mauricio Teixeira Mendes	p. 95
45. Um mergulho em meus letramentos.....	Napolitânia Gonçalves da Silva	p. 97
46. Minha trajetória escolar.....	Nicarla Serafim de Souza	p. 99
47. A biblioteca da minha vida.....	Pablo Bedmar Soria	p. 101
48. Portas abertas pelo conhecimento.....	Patrícia Pereira de Souza	p. 103
49. Da infância à juventude.....	Paulo Vitor Alves	p. 105
50. Minha relação com gêneros textuais.....	Renata Mendes Assis	p. 107
51. Infância querida: autobiografia de letramento.....	Rosimara Soares	p. 109
52. Grandes viagens no mundo da leitura.....	Sabrina Lemes Vieira	p. 111
53. Minhas memórias de letramento.....	Samuel Lemes Pereira	p. 113
54. Um <i>tour</i> pela minha história de letramento.....	Sandra Ferreira da Silva	p. 115
55. Conhecimento e sabedoria.....	Sandra Moreira Alkimim	p. 117
56. Minhas leituras.....	Sandra Moreira da Silva	p. 119
57. Viajando no meu letramento.....	Sarah Santos Pereira	p. 121
58. Mundo de imaginação: sonhos para mudança.....	Sônia Ferreira Souza	p. 123
59. Minha infância e as letras.....	Tálita Tamires Teles Evangelista	p. 125
60. Minha trajetória escolar.....	Tatiane Mendes Sousa	p. 127
61. Vitórias-régias de Claude Monet.....	Thainá Fernandes Cordeiro	p. 129
62. A busca por uma Identidade.....	Valdeci Raimunda Fernandes	p. 131
63. Memória da Minha Infância.....	Valdinéia Pereira dos Santos	p. 133
64. Tempo que não volta mais.....	Vera Lucia Fernanda Macedo	p. 135
65. Épocas que marcaram minha trajetória de vida.....	Vinícius Lima Cardoso	p. 137
66. Minhas memórias.....	Vitor Moreira dos Santos	p. 139
67. Tortura e glória.....	Walisson Victor Caldeira de Freitas	p. 141
68. Minhas lembranças de letramentos.....	Yasmin Rodrigues de Barros	p. 143

Apresentação

Este é um livro sobre aprendizagens. Como todo trabalho sobre esse tópico, ele é educativo e, antes de tudo, emocionante. Podemos aprender muito a partir dessa leitura permeada de várias vozes do campo, que nos trazem práticas de alfabetização e letramentos nem sempre previstas pelo olhar acadêmico, mas que contribuíram e contribuem significativamente para o processo formativo do nosso povo.

Podemos aprender sobre a importância das lutas na busca pelo conhecimento, o que envolve situações desafiadoras como: correr para fugir da chuva de uma escolha destelhada e se abrigar na igreja mais próxima, caminhar por horas para chegar à escola, enfrentar falta de merenda, estudar à luz de lamparina, acordar extremamente cedo ou, ainda, passar o dia todo entre o ônibus e a escola. Podemos perceber o quanto se pode aprender com práticas cotidianas e lúdicas, feito a famosa brincadeira de 'escolinha', pela qual muitos passaram, bem como os causos dos mais velhos à beira do fogão de lenha. Essas experiências são trazidas por estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Há, nos relatos, a menção a livros que fazem parte dessas histórias como *O diário de Anne Frank*, *A história sem fim*, *Poliana*, *O Fantasma do Tarrafal*, *O Barquinho Amarelo*, *O Navio Negreiro*, *A Bonequinha Preta*, *A Vida Secreta de Jonas*, *O Menino Maluquinho*, *A festa no céu*, *A Marca de uma Lágrima*, *Linéia num jardim de Monet*, *Minha Vida de Menina*, *Iracema*, *Lucíola*, *Senhora*, a *Bíblia*, dentre vários outros, muitos conhecidos do grande público, mas a maioria sem citação dos autores. Há relatos de leituras de autores clássicos de literatura brasileiros, como Álvares de Azevedo, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, José de Alencar, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade; de clássicos gregos, como Homero; o francês Charles Baudelaire; o estadunidense Edgar Allan Poe e *best sellers* como os de Sidney Sheldon. Uma das poucas autoras citadas é Raquel de Queiroz. Há espaço para os cartuns de Ziraldo e para os animes. Notamos, assim, que os personagens também são muitos e diversificados. Há os brasileiríssimos Jeca Tatu e Mônica, o estadunidense Bambi, o japonês Pokémon e outros já consagrados no imaginário ocidental, como Chapeuzinho Vermelho, os Três Porquinhos e João e Maria. Há também os personagens de causos contados pelo pai, como um certo hortaleiro e um príncipe, e os dos livros doados por tios e irmãos.

As professoras aparecem com frequência, e muitas delas são carinhosamente chamadas de tia. Conheceremos os esforços das alfabetizadoras Cida, Raquel, Salete, Rosária, Maria do Rosário, Dilvânia, Shirly, Nardete, Mariza, Amarailda, Idalina, Dona Martinha e Dona Sirlene, dentre outras. Saberemos de uma professora que comprava livros para suprir a escassez da escola. Curiosamente – ou nem tanto, quando se conhece a realidade das salas de aula – há

poucas referências a professores homens, como os citados Paulo Natalício, o Valdir e o Tutu. Os bons resultados desses professores, no contexto de pouca formação acadêmica, são uma vitória incontestável de quem toma para si a luta pela educação.

Nessa luta, o papel dos familiares e da comunidade também se mostra fundamental na apresentação de novos textos e na motivação dos pequenos. É o caso do Tio Bené, da Tia Maria, do vô Levindo e de irmãos mais velhos que ora ajudavam na decoreba, ora acompanhavam a irmã no castigo ou no enfrentamento da professora. É o caso do Sebastião, o vizinho que lia histórias para as crianças, e da vizinha Estela, que habitualmente emprestava papel e lápis de cor.

As práticas de escrita acontecem formal e informalmente. Há relatos de rabiscos de carvão nas paredes que eram o único suporte para as primeiras práticas com a escrita de uma criança; de diários e poemas produzidos por iniciativa própria; do Jornal Mural que foi definitivo na motivação para a leitura de uma estudante; do mural com os nomes dos melhores leitores da escola acompanhados de uma estrelinha; da curiosidade diante de textos religiosos presentes na vida familiar; da inusitada técnica de cópia de desenhos que usava querosene no papel; e até a aprendizagem autônoma de uma criança de cinco anos que assistia às aulas da mãe sem nenhum compromisso, mas um dia leu a palavra ó-le-o na lata do produto. As escolas, por sua vez, eram sobretudo públicas, como as municipais e as estaduais, ou de associações, como algumas creches e as Escolas Família Agrícola (EFA).

Temos certeza que essa experiência de leitura será muito rica para todos aqueles que se interessem pelo diálogo sobre a educação. Boa leitura!

Carlos Henrique Silva de Castro e Luiz Henrique Magnani
Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens e Códigos
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Diamantina - MG, novembro de 2017

De volta à infância em busca de textos

Adelza Higino



Quando eu era bem pequenininha, ainda com pouca idade para frequentar uma escola, não era comum ver textos em minha casa. Só se via os jornaizinhos da igreja, que minha mãe levava ao final de cada missa que assistia. Eu os folheava, mas não entendia nada, pois não sabia ler. Era só curiosidade.

Por meio do senhor Sebastião, um vizinho, ouvi várias estórias infantis. Ele as lia para mim, meus irmãos e as suas filhas. Esses livros foram herdados de professoras amigas de minha mãe. Não me lembro de mais nenhuma situação em que fui presenteada com outro tipo de texto além das estórias do senhor Sebastião que foram de grande relevância em minha infância.

Em relação a textos não escritos, eu tinha em minha casa o rádio, que era usado por mim e minha família para ouvirmos as notícias da região. Era ligado sempre pela manhã e pela noite, nos momentos em que a família estava toda reunida. Televisão eu conheci em casa de vizinhos. Quando meu pai conseguiu comprar uma, eu já estava bem crescida.

Com esse histórico, eu não aprendi a escrever nada antes de ir para a escola. Meus irmãos mais velhos estudavam, mas não tinham como me ensinar nada, pois não tinham tempo, já que chegavam da escola e iam trabalhar na roça com os meus pais. Quando completei seis anos de idade, comecei a frequentar a escola e ser alfabetizada.

Quando comecei a frequentar a escola, aprendi a ler e escrever bem rápido, mas carrego um grande 'defeito': não acentuar as palavras. Na escola da minha comunidade, os professores

que trabalhavam na época da minha infância incentivavam a escrita passando para casa uma ficha a ser completada. Lá anotávamos o nome da escola, o nosso nome e como estava o tempo. Além dessa ficha, os professores solicitavam, que lêssemos e copiássemos textos de livros, revistas e jornais para treinarmos a leitura e a escrita.

Fazendo uma avaliação a respeito do papel da escola nos meus letramentos iniciais, posso dizer que o básico eu consegui aprender, apesar de que alguns professores poderiam ter me ajudado mais. Naquele tempo, os livros propostos pelos professores, para realização de leituras e para as práticas da escrita, eram de estórias infantis como O Lobo Mau, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Cinderela, entre outros. O uso da biblioteca, que já existia quando comecei a estudar, não era muito incentivado. Para que não houvesse bagunça no espaço, os livros só poderiam ser retirados das prateleiras pelos professores ou por alguém da direção, já que na época não existia uma pessoa responsável só para este serviço.

A leitura e a escrita têm me proporcionado muitos benefícios, como uma melhora na caligrafia e uma boa interpretação do que estou lendo, principalmente os textos acadêmicos. Depois de 14 anos sem frequentar uma escola, entrei para a universidade e senti muita dificuldade em recomeçar, porque na verdade nunca gostei muito de ler e escrever, o que credito aos poucos incentivos desde a infância. Penso que se tivesse recebido mais motivação, hoje a minha relação com a leitura e a escrita seria bem melhor, e isto facilitaria muito a vida, como na hora de produzir um texto acadêmico.

Meu primeiro contato com as letras

Alessandra Gomes Rodrigues



Quando criança, meu primeiro contato com textos diversos foi quando entrei na escola aos seis anos de idade. Nessa época, tive acesso a histórias em quadrinhos, contos de fadas, entre outros. Também vivenciava práticas com textos através dos encontros religiosos, de comemorações culturais, de cantigas de roda, de festas de São João, entre outras atividades, promovidas tanto pela escola, como pela comunidade.

Aos quatro anos de idade já tinha acesso ao rádio e à televisão nos quais eu ouvia histórias, assistia a desenhos animados e a novelas. Além desse contato por meio da tecnologia, cresci ouvindo histórias de vida dos meus avós e suas dificuldades que passaram ao longo da vida. Na época, também me lembro dos meus tios lendo a Bíblia ao meu lado e explicando para toda a família os propósitos de Deus.

Aprendi a escrever meu nome antes de entrar para a escola. A professora da comunidade pedia aos pais com filhos faltando apenas um ano de idade para se matricular na escola que os enviassem antecipadamente à sala de aula, com o objetivo de nos ensinar nosso nome e nos preparar para entrar oficialmente em sala de aula. Tive muitas dificuldades nos primeiros anos na escola e, talvez por isso, não gostava de frequentá-la e dava muito trabalho para minha mãe. Eu me escondia e fingia que ia para escola. Quando estava presente nas aulas, batia nos professores e colegas da sala de aula. Não conseguia aprender muito, porém, com muita dedicação, a professora conseguiu me ajudar.

Na escola não havia biblioteca, mas existiam muitos livros de estórias, quadrinhos, contos e outros. A professora, todos os dias, nos mandava escolher livros e levá-los para casa para lermos. No dia seguinte, havíamos de recontar o texto lido. Certamente isso me ajudou com prática da leitura.

A escola da zona rural era muito precária e só contava com uma sala de aula, multisseriada. Na condução das aulas, a professora separava o grupo em pequenas partes para atender aos diferentes níveis dos alunos, que iam do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental. Muitas vezes faltava merenda na escola e a professora precisava dispensar os alunos mais cedo da sala de aula. Isso, infelizmente, ainda é a realidade de muitos alunos da zona rural.

Quando completei a quarta série do ensino fundamental, me desloquei da zona rural para a cidade. Esse deslocamento foi muito difícil, pois tive de conviver com outro tipo de ambiente, mas consegui me superar, crescer e chegar à universidade.

Para ler e escrever o mundo

Alessandra Rodrigues de Souza



Meus primeiros contatos com textos diversos se deram quando eu era criança, antes mesmo de entrar na escola. Tive acesso à *Bíblia* em encontros religiosos, a comemorações culturais nas quais se cantava cantigas de roda e se dançava capoeira, entre outros. Também, nessa mesma época, tive acesso ao rádio e à televisão preto e branco. Além disso, cresci ouvindo as histórias de vida dos meus pais e avós que nos eram contadas, geralmente, quando a família estava toda reunida ao redor de uma fogueira.

Não via diretamente ações que me influenciassem a estudar, já que os meus pais não tiveram essa oportunidade. Mas, também por isso, me cobravam um esforço maior, dizendo a seguinte frase: “estude para se tornar alguém na vida”.

Ainda menina eu gostava de escrever em pequenos blocos de anotações ou brochurões. Eu escrevia pensamentos, sonhos para o futuro, tristezas que me aconteciam, entre outras coisas. Era como se, momentaneamente, eu conversasse com um amigo confiante. Até passar a ter intimidade com Deus. Com Ele eu não só dizia ou escrevia algo melhor do que isso, eu tinha respostas sobre meus questionamentos. Como já não escrevia e sim pensava, comecei a ter uma facilidade de interpretar os contextos, entender assuntos e dialogar com as pessoas.

Me recordo bem de quando vinham em minha casa algumas visitas e eu precisava anotar algo ou um recado para algum vizinho. Escrevia esses textinhos num pequeno pedaço de papel. Certa vez, vi minha mãe com os olhos cheios d’água ao me ver escrever bilhete. No meu coração, não cabia tanta felicidade, pois sabia que aquilo era orgulho de ver sua filha, uma das poucas a saber escrever da terceira geração da família. Mas tinha um problema: algumas vezes eu não sabia escrever algum recado que haviam me pedido, mas como não queria decepcionar minha mãe, eu tentava desenhar bem, mas do meu jeito, e até mesmo sem conhecer o objeto eu conseguia passar a informação e todos ficavam felizes.

Passava boa parte do meu tempo pensando, dava nomes a tudo que eu não conhecia para que assim os relacionasse e aprendesse mais rápido. Comecei a tomar gosto pela leitura por meio da minha professora do nono ano. Ela contava algumas estórias com tanto sentimento que me emocionava e emociona até hoje. Me recordo também do primeiro livro que li: *Poliana*. Concluo que o aprendizado é constante e, então, nunca devemos dizer que não sabemos nada, e nem que sabemos tudo, pois nenhuma das duas coisas é verdade.

Minha autobiografia escolar

Amanda Oliveira Peçanha

Antes de entrar na escola, não tinha nenhum contato diretamente com textos ou livros dentro da minha casa. Como fui criada com meus avós, eles não tinham tempo para me ensinar a ler, escrever, pois tinham que trabalhar na roça. Além disso, não sabiam ler e, então, na minha casa não havia livros.

Na minha comunidade, a minha tia Maria era coordenadora da igreja católica e catequizava as crianças. Com isso, eu comecei a frequentar o catecismo todos os domingos. Ela lia a Bíblia e, mesmo não sabendo escrever, ensinava todos a refletir sobre o que ela estava falando, fazia encenações, teatros, etc. E isso me motivava muito e me deixava muito feliz.

Quando entrei no ensino básico, senti muitas dificuldades. A professora era agressiva e queria que os alunos aprendessem de qualquer jeito. Ela batia nos alunos, jogava apagador e só gostava de ensinar matemática. Quando dava alguma coisa de português, eram apenas os famosos ditados. Ela não ensinava os alunos a fazerem leituras de textos. Assim, o ensino era bastante precário.

Passado algum tempo, fui para o ensino fundamental na cidade de Ouro Verde de Minas. Lá me deparei com vários professores, dentre eles a professora da língua portuguesa, e com ela comecei a gostar um pouco de leitura, pois ela realmente colocava todos os alunos para lerem. Me lembro muito bem de uma crônica de que gostava muito: *O caroço de abacate*. Os alunos liam os livros e apresentavam o que tinha entendido sobre o livro, e isso era muito bom.

Assim que terminei o ensino fundamental, saí da escola por um tempo. Eu tinha que trabalhar, já que meus avós não podiam me dar roupas, sapatos, etc. Fiquei um bom tempo sem estudar e acabei retornando para a escola. Quando estava indo para o terceiro ano do ensino médio, tive que sair de novo porque estava grávida e era puxado para mim. Me deparei com uma grande dificuldade na língua portuguesa, pois não tinha tempo para praticar leitura.

Quando meu filho começou a crescer, voltei para a escola novamente. A professora não usava a mesma metodologia que a do fundamental, que tanto incentivava os alunos a fazerem leituras. Com essa nova realidade, comecei a tomar uma certa antipatia por leituras, uma certa preguiça de ler. Isso me prejudicou muito, pois a gente só entende realmente o que o professor quer transmitir se praticarmos a leitura.

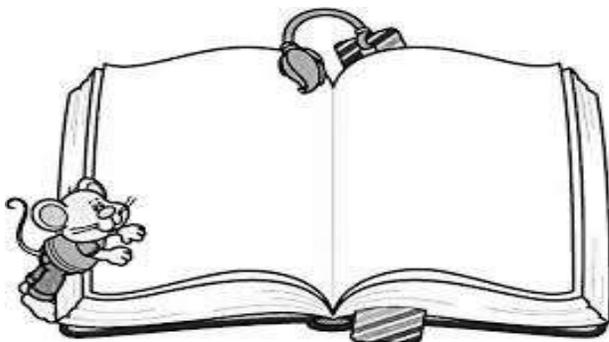
Meu sonho sempre foi ingressar em uma universidade, mas nunca pensei que iria estudar para ser uma educadora, pois queria estudar enfermagem. Hoje estou na Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

(UFVJM) e percebo o quanto a educação é importante para mim. Estou fazendo ciências da natureza porque prefiro as questões que envolvem a vida e, então, me identifico mais com essa habilitação.



Resgate de memórias de leitura e escrita

Ana Lúcia Oliveira



Durante a minha infância, meus primeiros contatos com a escrita foram através de folheto de igreja, de cartilha do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), cartas e livros de terços. Esse contato acontecia em casa com minha mãe e na igreja com a catequista.

Lembro-me bem de assistir as aulas do MOBRAL. Por sorte, a professora era a minha mãe. As aulas eram à noite e a iluminação era feita através de lamparina de querosene. Isso ocorreu de 1984 a 1987 e foi onde tive os primeiros contatos com a escrita. A escola não contava com quadro negro e a escrita era feita toda em caderno. Minha mãe e professora ensinava a partir da *Cartilha do ABC*. Frequentei essas aulas dos cinco aos sete anos de idade e foi lá que aprendi a ler e a escrever.

Por ser uma mulher muito religiosa, participava também do grupo de oração e, com isso, tive contato com outros textos, como as orações. Recordo-me especialmente do 'terço de ofício', o que quer dizer um terço cantado. Naquela época, a comunidade não tinha energia elétrica e o acesso a outros textos, como a música e oração, era feito principalmente pelo do rádio que funcionava à pilha.

A minha relação com a escrita foi bem tranquila, pois já tinha um conhecimento da leitura e da escrita, o que foi um aspecto importante e facilitador no meu processo de aprendizagem. A única coisa que me desmotivava era a caminhada feita todos os dias, pois já chegava na escola cansada, devido a longa distância da minha casa até a escola, que me consumia aproximadamente duas horas a pé.

Recordo-me muito bem da minha primeira professora, pois teve uma grande influência na minha aprendizagem por ser muito motivadora e por trabalhar com vários instrumentos pedagógicos que facilitavam a minha aprendizagem. Nos primeiros anos da escola, usava um livro, cujo o nome era *Vivina e Fafau*, que tinha pequenos textos que me faziam viajar no mundo das fantasias e, por incrível que pareça, tinha alguns textos relacionados ao campo.

Naquele tempo, as aulas aconteciam em um distrito chamado Santa Rita, que fica a cinco quilômetros da comunidade do Cuba, município de Chapada do Norte (MG). Como não havia

prédio escolar, os alunos eram divididos em casas e igrejas. Não contávamos com bibliotecas, mas mesmo assim tínhamos contato com os livros.

Ao chegar no ensino fundamental II, antigo ginásio, tive um professor de redação e foi a partir daí que comecei a desenvolver a escrita de textos maiores. Isso ajudou bastante na minha aprendizagem. No entanto, outras mudanças vêm ocorrendo desde então.

No ensino médio, ao cursar o magistério, tive um contato maior com a escrita e a leitura e melhorei a produção dos meus textos. Em 1998, eu formei para professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Logo, afastei-me dos meus estudos para cuidar da minha filha, hoje com 17 anos. Durante esse tempo, não deixei de ter contato com livros e estava sempre lendo alguma coisa e escrevendo também. Isso me impulsionou a retomar os estudos mais tarde.

Iniciei a faculdade de pedagogia em 2008 e terminei em 2014. Nesse período, trabalhei nos anos iniciais e na educação de jovens e adultos. Daí a vontade de dedicar-me um pouco mais aos meus estudos. Então, surgiu a Licenciatura em Educação do Campo (LEC), na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), uma oportunidade de aprender ainda mais.

Nesse processo, houve várias mudanças nas práticas educativas com a leitura e a escrita. Quando estudei, senti falta do contato com alguns textos e do preparo adequado para produzi-los. Nota-se atualmente um grande avanço no ensino e os professores estão ensinando vários gêneros textuais para os alunos. Isso certamente facilitará a entrada e a permanência deles na universidade.

Relembrando as primeiras letras

Andreia Ferreira dos Santos

Recordo-me de ter iniciado o meu contato com os livros aos quatro anos de idade, em um ato de carinho do meu tio Bené que, para tentar suprir os problemas que ocorriam devido a separação dos meus pais e a nossa mudança. Éramos da Comunidade de Cubas e fomos para a comunidade de Raiz onde eu moraria com a minha avó materna. Todas as noites, meu tio ia até a casa de minha avó ler histórias ou contar contos. Para mim, era a melhor hora do dia onde eu fabulava com aquelas estórias como a da *Chapeuzinho Vermelho* ou, aa que eu mais gostava, a do *Pavão Misterioso* e o conto do *Bago de Milho* que ele contava sem se cansar.

A *Bíblia* e os hinários da Igreja Cristã do Brasil influenciaram desde cedo meu letramento inicial com textos escritos, pois, nos cultos de jovens, as crianças recitavam versículos da *Bíblia* que eram decorados em casa. A minha avó sempre me ajudou a decorar. Na igreja eu observava as letras bem grandes escritas no altar e eu sabia o que estava escrito, pois já havia perguntado, mas ficava lá admirando. Minha ida para a escola foi com cinco anos de idade. A escola da comunidade continua sendo a Escola Municipal de Raiz.

Na primeira série, minha professora, que se chamava Conceição, era muito rígida, mas foi ela que me ensinou a ler as primeiras letras e, quando eu ia para a igreja, ficava lá juntando as palavras que agora não me eram mais estranhas. E lia e relia as letras pregadas na parede que formava a frase “Em Nome do Senhor Jesus”.

Quando passei para a segunda série, fui morar com minha mãe na Comunidade de Cubas e passei a estudar na Escola Municipal de Cubas. Lá encontrei uma professora maravilhosa que vejo como referência em minha vida. Ela me ensinou a gostar de ler e escrever. Seu nome é Nice. Na escola, não tinha uma biblioteca, havia apenas uma estante dentro da sala de aula que tinha livros que eu gostava de ler. Eram livros como os dos contos de fadas que o meu tio Bené já havia me dado. Cheguei a reler o *Pavão Misterioso* para suprir a saudade do meu tio, mas não era a mesma coisa. Nos finais de semanas, eu ia dormir na casa do meu avô materno. À tarde, nós dois sentávamos à porta de sua casa onde tinha um lindo gramado. Era o meu mundo encantado! Naquele pedacinho de chão verde, eu comecei a escrever meu diário e a ler livros. Nesses momentos eu gostava de ficar só.

Nas segundas-feiras, no caminho da escola, muitas vezes nos divertíamos cantando as músicas das Chiquititas. Um texto que na terceira série era o preferido chamava-se *A vaca e guaraná*, do livro didático *De olho no futuro*, que eu e a minha amiga Camila chegamos a

decorar. Em casa, sempre estudei só, pois minha mãe não sabia e nem tinha tempo para me ajudar nas minhas dificuldades.

Na quarta série, eu tinha que andar a pé por uma hora em direção à escola e depois pegar um ônibus no qual eu ficava mais uma hora até chegar à outra comunidade chamada Palmital. Nessa época, eu tinha grande dificuldade em matemática. Me lembro de fazer muitas produções de texto e cópias de livros.

Na quinta série, com dez anos de idade, eu estudava à noite na Escola Estadual João Ermenegildo Caldeira na cidade de Datas. Para chegar a tempo nas aulas, saía da comunidade às quatro horas da tarde e voltava quase à meia-noite. Com isso, fui deixando, aos poucos, esquecidos dentro da caixa de papelão, meus livros de contos de fadas. A biblioteca da escola era estranha e muito grande. Tinha muitas gramáticas e nada dos livros dos quais eu gostasse. Com isso, comecei a gostar de músicas e reescrevê-las em um caderno, o que me ajudava a dar mais sentido a esses textos. Eu também os modificava e lia horóscopos sempre que tinha uma revista por perto.

No segundo ano do ensino médio, com 15 anos de idade, voltei a morar com a minha avó na Comunidade de Raiz. Comecei a estudar na Escola Estadual Pio XII na cidade de Presidente Kubitschek. Lá, a professora de português, a Márcia, passava livros para lermos, como *Olhai os Lírios do Campo*, e pedia para construirmos sínteses a partir da leitura. Na Comunidade de Raiz, eu e a amiga Eliad sempre escrevíamos teatros e fazíamos apresentações para a comunidade. Me formei no ano de 2006 com 17 anos de idade e em casa continuei lendo livros que a minha tia Izabel me presenteava.

Em 2009, tive o meu filho Saulo e comecei a trabalhar. Aí sim eu conheci a vida de adulto e meus livros e diários se tornaram enfeites na estante. Comecei a fazer faculdade em 2015 e o tempo que tenho é para ler sempre algum texto acadêmico ou livros didáticos. Mas a Educação do Campo, que é o curso que faço, ainda mudará muitas comunidades.

Mas como eu amo o mundo da fantasia e amava ouvir as histórias, então decidi apresentar bem cedo os livros para o meu filho. Desde os cinco meses ele já ouve estórias. E à noite, antes de dormir, o mundo da Disney sempre é visitado. Hoje ele está com sete anos e deve ter uns trinta livros. Só que quem lê agora não sou eu, é ele quem lê estorinhas para mim antes de dormir.

Trajetória da minha vida escolar

Angela Silva Peçanha

Lembro-me de quando eu era pequena e minha mãe contava muitas estórias para mim, tais como fábulas que ela aprendeu com a minha avó, que também as contava ainda em sua infância. Eu gostava muito e com isso ela resolveu me ajudar a ler e a escrever e, com ela, aprendi algumas letras do alfabeto e a escrever até mesmo meu nome. Foi um ótimo incentivo.

Aos seis anos de idade, em 2005, comecei a estudar na Escola Municipal Bartolomeu Dias. A escola era simples, com apenas quatro pequenos cômodos. Desses, um contava com a primeira e a segunda séries juntas, outro com a terceira e quarta séries. Comecei estudando no período da manhã e me deslocava de casa até escola a pé.

Minha mãe não deixava ir sozinha, pois eu tinha muito medo. Foi então que uma amiga minha passou a me levar para a escola.

A professora foi me ensinando a ler e a escrever cada vez mais, e foi aí que comecei a conhecer e aprender novas palavras que melhoraram minha escrita. Ela dava folhas com desenhos para colorir e também para escrever várias coisas, como o nome de frutas, animais, o alfabeto, entre várias outras coisas. Sobretudo trabalhava com alguns livrinhos que havia na escola, que eram poucos mas ajudavam muito. Por causa da minha pouca idade, tive que repetir a primeira série e, no ano de 2006, passei para a segunda série. Nessa época eu já ia para a escola sozinha e minha mãe me ajudava nos deveres de casa.

No terceiro ano, meu irmão e minha irmã começaram a estudar também e, então, íamos todos juntos caminhando para a escola. A professora Idalina pedia para que os alunos desenhassem paisagens e eu adorava desenhar. Gostava também de ler histórias em quadrinhos tais como O Menino Maluquinho. Todos gostávamos muito da professora, pois ela era super legal conosco. Em respeito, a chamávamos de tia. Já na quarta série, a nova professora era muito rígida e os alunos tinham que aprender de qualquer forma. Nessa época, já havia disponibilidade de livros didáticos. Achei ruim o modo dela dar aula, pois ela nos criticava muito, mas notei que o que ela estava fazendo, de certa forma, contribuía para minha aprendizagem.



Com 12 anos, no ano de 2009, comecei a estudar na cidade, na Escola Estadual Vereador Luzo Freitas de Araújo. Eu já não caminhava tanto e ia de transporte escolar, mas, às vezes, o ônibus quebrava e eu chegava em casa a pé. Para mim, era tudo novo: os colegas, as matérias, os professores. Mas aos poucos fui me acostumando e algo que me marcou era o fato de, ao final do bimestre, os alunos terem que elaborar um pequeno resumo sobre a disciplina de ciências, da docente Marizete (mais conhecida por todos como Tinha), para assim prosseguirmos. Outra prática com leitura de que me lembro foi na oitava série, quando a professora de português nos dava livros de narrativas e pedia para que lêssemos e depois recontássemos o que havíamos entendido. Muitas vezes ela só falava o nome do livro e partíamos até a biblioteca. Ela, então, dava um prazo para a leitura e pedia que, além de recontarmos o livro, que fizéssemos também um resumo para fazer o reconto.

No ano de 2013, fui para o ensino médio e, nesse mesmo ano, surgiu na escola um projeto no qual cada semana os alunos tinham que ler um livro diferente e recontá-lo. A atividade contava como nota e a professora cobrava muito de nós, tanto em leitura quanto em produção de textos. Também, quando eu ou meus colegas tirávamos nota baixa nas provas, tínhamos que copiar a prova quase toda. Eram textos muito grandes e, se não fizéssemos o que a professora pedia, perderíamos o bimestre. Reclamávamos muito dela, pois sentíamos aquela prática como algo ruim, mas quando se aposentou e parou de dar aula ficamos triste, pois percebemos que iríamos perder uma excelente professora. Era um pouco rígida na sua forma de ensinar, mas contribuiu muito para nossa aprendizagem.

No ano de 2016, comecei a estudar na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na Licenciatura em Educação do Campo e estou cada vez mais adquirindo novos conhecimentos que pretendo repassar para os futuros estudantes, não só da minha comunidade, mas também de outras, que devem ser valorizadas.

Usando a imaginação para descobrir novos mundos

Bianca Martins



Lembro-me que a maior responsável pelos meus primeiros contatos com a leitura foi a minha mãe, pois sempre a via lendo a *Bíblia*, folheando revistas e me incluindo nos seus momentos de leitura. Principalmente no momento de ler o livro sagrado e de fazer as orações. Era quando me mostrava como eram escritas algumas palavras que despertavam minha curiosidade. Outro elemento que despertava a minha curiosidade eram os potes de cosméticos onde eu olhava os desenhos das palavras e ficava tentando adivinhar quais eram as letras.

Recordo-me ainda que meu pai sempre viajava para trabalhar em outros estados e, com isso, minha mãe sempre escrevia cartas contando como estávamos e eu ficava a olhá-la e perguntava como escrevia certas coisas e a ia ajudando a escrever. Até então, eu não havia tido contato com livros. O que geralmente acontecia era o costume de nos reunirmos na cozinha com meus pais e minha avó para contarem causos que acreditavam que tinham acontecido. E, com isso, surgia a curiosidade de como se escrevia determinadas palavras.

Eu também participava de missas onde, ouvindo o padre falar sobre o que estava escrito no folheto, ficava a imaginar como seria bom aprender a ler e a escrever. Mais ou menos aos quatro anos, comecei a rabiscar as paredes com carvão, fazer desenhos de pessoas, tentar escrever as letras do meu nome, mesmo que eu ainda não soubesse nem a rabiscá-las. Lembro que a minha mãe ficava brava comigo porque depois ela teria que limpar as paredes.

Com isso, ela foi percebendo a minha vontade de aprender a escrever e me comprou um caderninho no qual, quase todos os dias, me ensinava a escrever as letras do meu nome.

Depois eu mesma fui fazendo os rabiscos das letras e formas até entrar para a creche, pois na minha comunidade não tinha pré-escola. Na creche, tive contato com livros de estorinhas, principalmente gibis e jogos educativos.

No final do fundamental I, aprendi a fazer redação. Lembro que teve um projeto envolvendo várias escolas chamado Torrãozinho, que era um pedacinho de terra que tentava salvar o planeta das destruições humanas junto com outros personagens. O resultado final desse projeto seria uma redação sobre o tema da estorinha, com direito a prêmios para a melhor redação. Infelizmente, na nossa escola, ninguém foi o sortudo. Depois do ensino médio, o trabalho e a faculdade tomaram mais o tempo de leitura e agora tenho mais acessos a textos acadêmicos, onde não leio mais só por prazer, mas sim pela formação intelectual para a qual escolhi me dedicar.

O baú das memórias de minha vida escolar

Cláudia Rejane de Souza



Voltar ao passado e relembrar os momentos em que a construção do conhecimento, por meio de diferentes gêneros textuais, se fez presente em minha vida, é abrir um baú com várias experiências significativas e outras irrelevantes que refletem hoje no que sou e faço. Hoje isso ocorre de maneira positiva, mesmo que alguns desses momentos tenham sido outrora negativos. A minha primeira escola foi o meu lar. Simples, humilde, com pouco acesso a textos e pouco estímulo à aprendizagem. Não faltava o pão, mas faltavam livros, cadernos, folhas e lápis. A televisão não tinha cor e o rádio era o que mais me chamava à atenção, pois amo música. Meus primeiros professores foram meus pais. Não me ensinaram a ler e a escrever, nem mesmo as iniciais de nomes, mas me passaram valores que hoje são um dos maiores tesouros que carrego no baú de minha existência. A oração era louvável antes de dormir. E as ditas “palavrinhas mágicas” - muito obrigada, desculpe, por favor - não podiam faltar. Meus pais não concluíram o ensino fundamental devido às várias dificuldades impostas pela época, mas sempre foram dotados de dizeres e saberes populares aos quais eles recorriam para me ensinar.

Aos seis anos de idade ingressei na escola. Ali tive o meu primeiro contato com o mundo da fantasia e das cores por meio dos desenhos e de rabiscos diversos. E como uma sopinha divertida, ia degustando e ingerindo cada letrinha do alfabeto e um novo horizonte surgiu em minha vida. Uma verdadeira aurora boreal. Embora tímida, participava de teatros, danças, recitações de poemas e contação de histórias da professora. Em casa, brincava de roda com os amigos. Também havia as cantigas que aprendia na escola e outras repassadas pelos meus pais, tias e avós. Gostava de cantar, fazer imitações, brincar, ouvir os passarinhos entoar suas canções, observar a natureza e rezar. Lia a Bíblia que ganhei na catequese, clássicos infantis. As historinhas relacionadas à família eram a minha predileção.

Vasculhando o meu baú, como esquecer as férias no sítio do vovô e vovó? Ali um universo de saberes se abriram aos meus olhos e só hoje tenho consciência disso. Eles me ensinavam

com seus contos antigos, seus causos, orações e histórias de seus tempos de infância e bíblicas. Dormíamos embalados ao som de cantigas, com luz da lua e lamparinas e com uma interrogação. Meus avós antes de dormir nos faziam uma pergunta para descobrirmos a resposta, aguçando assim nossa curiosidade. Ali era só festança. Tinha fogueira, fartura, risos e dança. Muitos primos, irmãos e toda família reunida. Os mimos incomensuráveis. E o amor eterno.

Mas assim que iniciei a quinta série, perdi o gosto pela leitura. Meu primeiro livro nessa época foi Iracema. Como esquecer a virgem dos lábios de mel? A professora pediu que lêssemos e contássemos este livro. Na época, não entendi o assunto do livro. Não tive maturidade necessária para compreendê-lo e os pesadelos começaram a surgir. Ler naquele momento já não era um prazer, mas uma obrigação. Mas havia biblioteca na escola e a gente tinha liberdade de escolha, exceto quando o livro era definido e os monstros surgiam em minha cabeça.

No ensino médio, com a chegada da disciplina literatura, comecei a me interessar mais pela leitura. Gostava de música, de arte, de poesia. E tudo isso eu contemplava no conteúdo de literatura. Lia também gibis, livros de autores religiosos, cartilha dos grupos de jovens. Amava os livros de Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar. A Iracema já não era mais um fantasma. Gostava de palavras cruzadas e livros com jogos matemáticos. Tinha prazer em ler também o caderno de receitas de minha mãe e até arriscava em fazer algumas.

Apesar de minha dificuldade de administrar as letras, gosto de literatura, amo e admiro gente que lê e escreve bem. “Ler é viajar sem sair do lugar”, disse um autor que me foge à memória; é ter a oportunidade de vivenciar emoções, sejam elas rir ou chorar; é conhecer o mundo, pessoas e autores diversos; é ter a oportunidade de voar e dar asas à imaginação. Conhecer lugares por meio da leitura é ser um eterno viajante. E à medida que os anos vão passando, o baú das memórias vai aumentando e ficando menos pesado! O conhecimento nos torna viajante leve e com grande bagagem!

O caminho da construção

Cristinjaques Celestino dos Santos

Nasci na comunidade Pratinha, comunidade rural do município de Ataléia –MG, filho de uma família de trabalhadores rurais, e tive uma aprendizagem na minha infância bem informal e voltada aos conhecimentos populares.



Comecei a estudar aos nove anos de idade e a escola era longe de casa. Mesmo sem saber ler, ficava folheando uns livros e cadernos velhos da minha mãe que ela tinha guardado de quando estudava. No decorrer do tempo, eu já sabia escrever o meu nome,

fazer cálculos simples e ler as letras do alfabeto, tudo ensinado pela minha mãe.

Em 1992, fui matriculado numa escola que começou a funcionar na casa da professora que ficava a dois quilômetros de distância da minha casa. Ali estudei o primeiro ano com a professora Maria Aparecida. Lembro-me até hoje de um dia que ela me colocou de joelho em cima de grãos de milho por eu não ter feito uma atividade e por ser muito tímido. Como minha mãe era muito rígida, eu nem falei com ela por medo de levar uma surra.

No ano seguinte, a distância aumentou, pois a nova escola funcionava a seis quilômetros da minha casa. O professor era o Carlos Roberto que, na época, tinha como formação somente a quarta série do ensino fundamental. Ele foi meu professor até a terceira série. Como na minha comunidade não tinha um prédio para funcionamento da escola, um prédio foi construído pela prefeitura próximo à casa do professor, o qual existe até hoje. Então, para cursar a terceira série eu tinha que andar, desta vez, oito quilômetros com meus cadernos protegidos por uma sacola plástica que já servira de embalagem de açúcar.

Eu gostava muito de estudar e quando chegava em casa, já à noite, eu ia fazer as tarefas de casa. Mas, como não tinha energia elétrica, usávamos um lampião a querosene para clarear e aquilo formava uns borrões que caíam sobre o meu caderno. Era uma tristeza só que me levava aos prantos.

Eu fazia sempre o possível para decorar tudo e tirar uma boa nota nas avaliações. As brincadeiras eram muito poucas, pois minha mãe não me deixava sair de casa, saía somente

para estudar. Mas quando eu ia à escola, como toda criança levada, sempre aprontava. Com muita cautela, porque se meus pais descobrissem: ai, ai!

Para cursar a quarta série, tinha que ir para um distrito que fica a dez quilômetros da minha casa. Então, minha irmã e eu íamos todos os dias. Saíamos de casa às 04h30min da manhã para chegarmos à escola às 07h00min da manhã. Na volta, chegávamos às 13h00min em casa mortos de fome. Fazíamos todo este percurso a pé diariamente.

Para estudar as séries finais do ensino fundamental, o sofrimento aumentou. Tinha que trabalhar e estudar. Assim, me levantava às 06h00min da manhã para ajudar meu pai na roça. Eu levava meu caderno para o trabalho e estudava no horário do almoço. Quando era às 15h30min, tinha que sair do serviço, tomar banho e pegar o pau de arara para chegar até a escola. Muitas vezes o carro quebrava e tínhamos que retornar a pé. Às vezes nem conseguíamos chegar até a escola. Esse bendito caminhão já pegou até fogo com a gente dentro. Mas ninguém se feriu. Era a maior bagunça, pois não tínhamos apoio no transporte escolar e isso me desmotivava muito. Muitas vezes eu tinha vontade de desistir da escola, só que pensava: a desistência será pior.

Esta vida sofrida continuou até o ensino médio e a distância até a escola aumentava cada vez mais. Eu me sentia cansado, mas não desistia. Chegava em casa à meia-noite, muitas vezes, sem me alimentar, por não ter merenda na escola e nem condições para comprar. No ensino médio, o que me marcou muito foi uma apresentação, onde fiz o papel do Jeca Tatu. Eu e alguns colegas éramos sempre deixados de lado como se fôssemos o pior grupo da sala, mas ao final fizemos uma bela apresentação.

Terminei o ensino médio no final de 2003. Em 2014 concluí uma licenciatura em Matemática e no mesmo ano fiz o vestibular para o curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM. Ingressei no primeiro semestre de 2015 na área de Linguagens e Códigos e estou no quarto período. Por meio do curso tenho a oportunidade de resgatar algumas de minhas lembranças. Realmente me identifico com o curso, pois nele estou aprendendo a valorizar o sujeito do campo, que muitas vezes é esquecido, mas que como qualquer outro tem direito à educação, à alfabetização e aos letramentos.

Relembrando minha infância e a vida escolar

Daiane Núbia da Cunha



Nasci em uma comunidade rural que se chama Capivari e é localizada no município de Serro em Minas Gerais. O lugar é muito tranquilo e possui belas paisagens. Eu também sou discente da UFVJM de Diamantina onde faço o curso Licenciatura em Educação do Campo. O curso é voltado para a minha realidade.

Agora vou falar um pouco sobre as aprendizagens na minha casa e na escola onde estudei por 12 anos, que foi muito importante para a minha trajetória pessoal. Lembro-me da minha infância, de quando entrei na antiga escolinha do primário e ouvia minha professora contando estorinhas e promovendo brincadeiras tradicionais. A lembrança mais viva da minha infância foi de uma estória contada em casa pelo meu irmão mais velho, que era da *Chapeuzinho Vermelho*. Meus pais tinham pouco conhecimento, pois estudaram somente até a antiga quarta série do ensino fundamental, pois naquela época não havia professores com graduação para trabalhar nas escolas. Faltavam oportunidades de estudos para que eles aprendessem. Eu, diferentemente, já tive a oportunidade de estudar e até ingressar no ensino superior.

O primeiro contato com o mundo da leitura foi na primeira série quando comecei a escrever meu nome e a conhecer o alfabeto. Foi uma diversão aprender a pronunciar as palavras. Na minha casa, tinha televisão, mas não gostava de assistir porque as brincadeiras com amigas como cantiga de roda e boneca eram muito mais interessantes. Talvez seja por isso que até hoje eu não goste muito de televisão.

Na escola, lembro-me de que os livros didáticos eram muito simples nos conhecimentos da leitura, de produção de texto e com relação aos outros conteúdos. Então, as professoras melhoravam o material com um planejamento adicional que faziam em casa. No ensino fundamental e médio, me lembro de um trabalho denominado *Jornal Mural* que foi uma

expiração total para o mundo da leitura. Foi ali que comecei a notar que o meu aprendizado era de grande valia para minha vida profissional. Sobre os estudos na minha infância, me lembro que todos os aprendizados em sala de aula, como aprender a ler e a escrever, eram conduzidos pelos professores com a intenção de me ajudarem a ingressar no mercado de trabalho.

Quando eu estudava em minha comunidade, a escola era muito simples e precária, com pouco material de apoio para professores. O ensino era muito básico com conhecimento para saber identificar objetos e lugares e não ficar perdido em um mundo sem conhecimento e leitura.

As professoras buscavam trabalhar com as realidades das crianças e com o material que tinha na escola. A escola não tinha um prédio adequado, pois havia apenas dois banheiros, duas salas de aula e uma cozinha. Nessa época, havia apenas duas professoras para quatro turmas, e as salas eram pequenas e apertadas. O ensino era o multisseriado, mas o trabalho das professoras era evolutivo e muito bem planejado de acordo com a nossa realidade. Na escola não tinha bibliotecas e os livros, que eram doados, eram colocados em um armário no cantinho de leitura. Os textos lidos pelos estudantes, em todo final de aula, eram relatados na frente da classe para a professora e os colegas de sala.

Eu estudava de manhã e acordava às 06h30min para tomar café. Às sete horas, estava na escola e lá permanecia até às 11h45min. Depois que chegava da escola, almoçava e ia brincar. Depois, às 16 horas, ia para a casa da minha professora para aula de reforço em matemática, leitura, interpretação de textos, formação de frases e palavras. Na minha comunidade, tem, até hoje, até o quinto ano ensino do ensino fundamental. Com o ingresso no curso de Licenciatura da Educação do Campo, me senti mais incentivada a ler mais, pois a leitura é muito boa para a vida, não só em livro e sim a leitura do mundo que faz parte da nossa vida, inclusive a profissional.

Minhas memórias com as letras

Eliana Henrique de Sousa Dias



O meu primeiro contato com as letras foi com o folheto do culto da igreja, que eu pegava e fingia que lia. Não me recordo quando exatamente aprendi a ler e a escrever, mas desde os meus primeiros anos de vida ouvia muito rádio e minha mãe, muito religiosa, comprava fitas cassetes das palestras da igreja e eu acabava ouvindo muito. Na minha casa não tinha televisão, pois meus pais não gostavam. Nós frequentávamos a igreja e lá ouvíamos as músicas e as leituras, ficava encantada de ver como as pessoas conseguiam entender aquele monte de letrinhas.

Aos sete anos de idade ingressei para a escola e fui para a primeira série. Não tive acesso ao jardim de infância, na época chamado prezinho. No início foi muito difícil para me adaptar à escola, eu era muito tímida e estudava na sede da Escola Municipal Professora Rosa Herculana, que ficava no distrito, longe da minha comunidade. Tinha estudantes que eram bem maiores do que eu e os achava metidos. Na verdade, eu sentia muita vergonha. Meu irmão e eu estudávamos na mesma escola e no mesmo turno, sendo ele mais velho. Íamos de ônibus e eu ficava muito triste por estar sozinha quando meu irmão não ia, pois era ele quem me protegia das provocações de outros alunos. Eu me sentia segura com ele. Foi muito difícil para estudar no começo, pois mamãe tinha filhos pequenos e precisava de ajuda em casa. Dessa forma, minha irmã mais velha e eu alternávamos os dias de ir para a escola. Assim, sempre tinha alguém para ajudar a mamãe.

Apesar de tudo, nunca tive dificuldade para aprender e me desenvolver. Eu não gostava de ter que faltar tanto à escola, pois, apesar da timidez, adorava estudar. Graças a Deus aquilo não durou muito tempo, pois, antes de acabar a primeira série, surgiu um anexo da escola municipal na minha comunidade. Era uma turma multisseriada e eu amei aquilo, pois estava estudando agora com colegas que já conhecia. Recordo-me que nessa época eu já sabia ler e escrever um pouco e adorava as tirinhas e os textos que vinham no livro didático de português. Sempre gostei muito de ler e acho que herdei da minha mãe o gosto pela leitura. Eu gostava de escrever também e me recordo de quando a professora dava à gente desenhos para que pudéssemos criar uma história baseada neles. Foram anos muito bons na escolinha da minha comunidade.

Em casa eu brincava de escolinha com minhas três irmãs, fazia chamada e tudo, ora eu era professora, ora aluna. Os outros alunos eram imaginários e inventávamos nomes para colocar na lista de chamada. O giz vinha da escola e o quadro era o guarda-roupa. Mamãe xingava por sujarmos o móvel. Quando finalizei a quarta série, voltei a estudar na sede da escola. Não foi muito bom, pois eu continuava tímida e era desajeitada.

A primeira vez que tive contato com um livro literário foi na quinta série. Ainda me lembro do nome: *Tajá e sua gente*. Era pequeno e a professora pediu para ler e fazer um resumo. Na sétima série, a mesma professora criou o “Projeto literário: eu gosto de ler”, para o qual tínhamos que ler um livro todo mês e responder a uma ficha sobre ele e fazer um resumo. O primeiro que peguei foi um da capa amarelinha chamado *Curupira*. Não gostei muito, mas li mesmo assim. A partir daí, não parei mais de ler. E eu sempre lia todos os livros do começo ao fim. Às vezes eu pegava dois livros de uma vez, pois me apaixonei pela leitura e hoje tenho vários livros em minha casa e leio sempre. Lembro-me que na oitava série peguei um livro do Pedro Bandeira, “A marca de uma lágrima”, um romance, e me encantei por aquele livro. Eu o li e reli inúmeras vezes, apesar de não concordar com o desfecho da história, que me fazia chorar. Era assim: em cada livro eu vivia uma aventura diferente.

No ensino médio, eu já havia perdido boa parte da timidez e eu gostava de estar ali. Agora era uma escola estadual na qual eu estudava física, minha disciplina predileta. Mas eu tirava notas boas em todas as disciplinas e tinha orgulho disso e os meus pais também. No primeiro ano eu gostava de português, mas não de inglês, pois o professor não explicava direito. No segundo ano mudou o professor, esse era gentil, educado e ensinava muito bem. Depois disso passei a gostar de todas as disciplinas, especialmente as da área das linguagens, o que me levou a escolher essa área quando prestei vestibular. Passei e hoje faço ensino superior na UFVJM e estou muito feliz por isso.

A verdade por trás da escrita e da leitura

Eliane Maria Pires Gomes

Quando criança, não era comum o meu contato com textos escritos. Uma das poucas recordações que tenho era de quando brincávamos de escolinha com os amigos da vizinhança, mas apenas rabiscávamos as folhas do caderno e fazíamos alguns desenhos simples.

Minha mãe semianalfabeta nunca se dispôs a me ensinar a ler e a escrever. Meu pai, analfabeto, me contava vários casos, fábulas e às vezes me levava para a casa de alguns parentes onde eu ouvia muitas histórias.

Na minha casa havia um rádio de pilha antigo, eu ficava ansiosa para frequentar a escola para aprender ler e escrever, assim poderia anotar as letras das músicas que ouvia.

Aos seis anos de idade, fui matriculada em uma escola e, aos poucos, fui desenvolvendo habilidades para a leitura e a escrita. Com isso, iniciou-se o gosto por ler, o que tornou minha atenção para os livros que havia na biblioteca da escola.

Já na terceira série do ensino básico, a professora instigava os alunos a ler os livros e resumi-los. Essa prática contribuiu muito para ampliar minha imaginação e ter acesso a novas descobertas, além de novos aprendizados através da leitura.

Nesta mesma época, ocorreu um fato marcante para toda a minha vida, pois meu pai saiu de casa. Neste momento de insegurança e instabilidade emocional, busquei me aventurar nos livros e nas histórias, principalmente voltados para a mitologia grega, isso fazia com que viajasse para um lugar mais bonito de se viver.

Quando não lia, ficava me perguntando por que um pai tão amoroso e presente poderia ter me abandonado e todos os meus pensamentos e frustrações eram transformados em poemas e contos para que depois eu pudesse apagar. De certa forma me sentia mais tranquila assim, certamente algo estava errado. Seria apenas o fato de eu não gostar da minha ortografia?

Aos poucos, o interesse por livros foi desaparecendo, a realidade parecia dura demais para ficar fantasiando coisas e até o fim do ensino médio não tinha mais interesse por leituras, fazia apenas o que era exigido pelos professores.

Após este período, comecei a escrever poemas, cartas e até um diário. Sentia novamente a necessidade de escrever minha história para compreendê-la melhor. Havia dramas, romances, problemas familiares, como também momentos felizes.

Era uma história bacana. Surgia ali um belo livro com algumas modificações para incrementá-lo, com ideias que o tornaria muito interessante e torná-lo público seria sensacional. Mesmo assim, os momentos tristes ainda me atormentavam.

Foi então que li e reli tudo que estava escrito. A minha história se passava novamente diante



de meus olhos, algo estava errado e por incrível que pareça não era a ortografia. Algo precisaria mudar. Percebi, então, que havia me fechado no meu mundo todos esses anos e também me afastado de pessoas queridas. Minha mãe era uma delas. E todos esses sentimentos negativos, que ficaram adormecidos por muito tempo, haviam me afastado daquilo que eu mais gostava de fazer. Senti que precisava mudar minha relação com a minha família. Não pensei duas vezes: APAGUEI esses sentimentos e iniciou-se ali uma nova história.

A VISÃO LETRADA DA VIDA

Emanuela Raymunda de Souza Miranda



Minha relação com a escrita e a leitura vai além de ler e escrever. Para mim, o modo como interpretamos a vida e de que jeito vivemos já é o início de uma boa leitura e escritura da vida.

Pensar a escrita e a leitura antes da escola me faz remeter a minha vizinha Estela, que sempre ao sair para a rua me trazia algo da banca

de jornal como quadrinhos ou álbuns de figurinhas. Em sua casa, Estela emprestava os seus lápis de cor e papéis em branco para que eu pudesse desenhar e ao mesmo tempo me ensinava a escrever meu nome.

Meu primeiro contato com a vida escolar foi aos quatro anos, e como já havia noções de ler e escrever devido aos incentivos de pessoas próximas, não frequentei por muito tempo o período de Educação Infantil. Os professores decidiram que eu teria a capacidade de acompanhar a turma do CA (Centro de Alfabetização). Tudo era muito curioso para mim, gostava de ler parlendas e cantigas de roda ensinadas na escola, mas também aprendia muito através dos folhetos com produtos de mercado e eletrodomésticos que minha mãe trazia da rua. Com estes folhetos, imaginava o que iria comprar para a minha casinha de brincadeira. Assim, eu olhava as figuras que me chamavam atenção e em uma folha de caderno anotava o nome do produto.

Meu modo de viver foi diferente em relação ao modo dos meus pais, principalmente à vida da minha mãe, que veio de comunidade rural. Porém, minha avó, com seus passeios a nossa casa, deu continuidade ao laço cultural com o campo. Isso acontecia uma vez por ano e era quando ela contava histórias de como minha mãe fazia para estudar, das folias de reis que meu avô tinha como tradição. O que mais me chamava atenção era o sotaque e o palavreado diferentes utilizados por ela. Isso me instigava tanto que resolvi perguntar à minha vizinha Estela o porquê de as falas serem diferentes. Para atender à minha resposta, Estela me deu um livro onde mostrava diversas palavras características dos mineiros com os seus significados, para mim isso foi o máximo.

Ao final da minha infância, eu, meu irmão e meus pais nos mudamos para a terra natal de minha mãe, Taiobeiras, em Minas Gerais. Ao entrar no ensino fundamental, me deparei com o projeto *Literarte* que acontece uma vez por ano em todas as escolas estaduais de Minas Gerais. Por meio dele tive um contato maior com a literatura. Porém, tudo de maneira superficial, com foco apenas para uma exposição e realizado de forma pressionada para se ganhar pontos. Assim foi até eu chegar ao terceiro ano do ensino médio.

No último ano do ensino médio, tive um incentivo a mais diante dos professores na questão da leitura e da escrita, pois neste ano eu teria que fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A professora de português toda semana nos dava um tema de relevância nacional da atualidade e, a partir disso, pedia para que cada aluno fizesse um texto dissertativo-argumentativo, mas mesmo assim ainda não era algo levado a sério por mim. Às vezes penso que faltou alguém que me incentivasse a ter interesse pela leitura, pois sinto a necessidade nos dias de hoje de uma comunicação com mais poder argumentativo diante da sociedade.

Antes de entrar no curso da Licenciatura em Educação do Campo (LEC), tive o contato com o Curso Técnico em Informática e o Curso Normal de Educação Infantil, nos quais me formei. Estes foram grandes suportes de confiança e determinação para cursar o nível superior. O Curso Normal de Educação Infantil foi o que mais me proporcionou um contato significativo com a literatura e a escrita de fato, pois até então nunca havia lido um livro completo, a não ser os infantis. Nesse curso, pude ter clareza do quanto a leitura e a escrita se fazem importantes na vida de uma criança desde seu primeiro ano de vida. É a partir do texto que tudo é interpretado e desenvolvido, nele é criado o mundo da imaginação. Se eu tivesse desde pequena um desenvolvimento da literatura por partes das escolas, como é aprendido no curso, estaria muito mais preparada e envolvida com a leitura e a escrita. Nesse curso, pude vivenciar minha infância novamente de uma forma que me fez evoluir notoriamente na vida adulta em que estou iniciando.

Caminhos para meus letramentos

Eni Elizabete Marques Ribeiro

Que saudades que tenho da minha infância, do medo que tinha das histórias contadas pelos meus pais, de mula sem cabeça, de lobisomem, e até mesmo quando na sala escura da minha casa eles começavam a ler a Bíblia. Tremia de medo quando liam o Apocalipse e sobre o fim do mundo ou sobre o dilúvio. Não entendia muito, só sei que tinha medo da morte, pois a morte seria o fim, o fim de um sonho de ser professora.

Mas quando minha mãe começava a contar a história de minha avó, a primeira professora da comunidade, contava dos teatros que ela fazia e, então, era como se aquela luzinha de lamparina quase apagada em cima da mesa reacendesse uma chama dentro de mim. Ali, com o rádio ligado e meu pai ouvindo *Aqui Agora* com o radialista Eli Correia, me apaixonava sem saber por que aquela caixinha que falava. E falava tudo. E falava tão bem. Sabia cada detalhe. Minha irmã mais velha era apaixonada pelo Amado Batista e “vivia cutucando o rádio”, como dizia meu pai, até arrebentar o cordão do rádio. Eu ia para a escola na companhia do meu irmão que, infelizmente, não aprendeu muita coisa. Já eu, que comecei com muita vontade de entender aquela caixinha falante, o rádio, fui bem mais longe.

A professora do primeiro ano, Dona Geralda, cantava: *meu lapinho (lápiz) vai rodando, vai rodando sem parar, agora sim - ela dizia - você faz o novelo da titia desenrolar.*

O meu irmão era matriculado e eu não. Então, ele tinha dever de casa, cadernos lápis, livros, e eu não. Foi quando ganhei meu primeiro livro: *O bosque perdido*. Me perdi naquele bosque e me encontrei no mundo fascinante da leitura. Agora sim eu lia tudo: cartazes, folhetos, placas e tudo que via pela frente.

Quando tive que mudar de escola, foi muito triste, pois tive que ficar longe da minha família e começar a trabalhar muito cedo. Com isso, perdi parte da minha infância. A professora da quarta série tinha mania de criar o caderninho de treino ortográfico. Que horror! Treinava muito a escrita, mas não incentivava a leitura. Essa foi uma época muito difícil na minha vida.

Tive que voltar para casa e fiquei ainda mais triste porque parei de estudar, mas, ao mesmo tempo, me sentia feliz por estar perto da minha família novamente. Seis meses depois, uma senhora veio até a minha casa pedir aos meus pais para que eu olhasse as netinhas dela durante um período de férias. Foi essa boa senhora que me matriculou em uma escola e fiquei muito feliz. Porém, os meus pais não sabiam e pensavam que, ao passar o período de férias, eu voltaria para casa, mas não foi o que aconteceu. Nesta casa permaneci até me formar.

Como eu era feliz ali! Recebia todo amor e carinho que uma criança precisava e a Dona Lindinha (Erlinda Luzia) era como se fosse minha mãe.

Aos 15 anos, voltei para minha comunidade me casei e me tornei mãe, porém isso não foi um empecilho para eu concluir o ensino médio. Eu ia todos os dias da minha comunidade, Capivari, para São Gonçalo do Rio das Pedras – ambas no município de Serro (MG) - a cavalo para estudar.

A professora de história era a única que gostava de nos levar para a biblioteca. Então, comecei a gostar dos livros da série Vaga-lume. Dentre todos, os meus livros prediletos eram *A vida secreta de Jonas*, *O disco voador* e *O engraxate*. A partir de então, comecei a colecionar livros e hoje tenho uma minibiblioteca na minha casa. Isso contribuiu muito para minha formação de pedagogia em 2011 e, conseqüentemente, a ingressar na Licenciatura em Educação do Campo (LEC) em 2016. A universidade certamente vai me abrir novos horizontes para minha vida pessoal e para a minha comunidade.



Desvendando mistérios

Flaciene Ferreira Ribeiro



Lembro-me bem sobre a minha iniciação no processo de alfabetização. Eu morava em uma casa de pau a pique, com o telhado coberto por capim, um pouco afastada do povoado onde a escola se situava. Ainda não tinha idade para frequentar a escola, pois naquela época só se podia começar os estudos com sete anos e eu ainda estava com quatro. Isso me faz recordar quando minha irmã mais velha já estudava e começou a me ensinar a escrever meu nome e o nome de meus pais. Aquilo para mim era uma grande novidade. Minha família era muito carente e, como morávamos afastados, não havia acesso a textos escritos.

Na minha casa, o único meio de acesso a textos diferentes do que nos produzíamos oralmente em casa era o rádio. O nosso era daqueles quadrados, bem antigos, que parecia até uma TV, e mesmo assim o que me recordo era de ouvir somente jogos da copa do mundo na época em que o goleiro era o Taffarel. Tenho recordação de quando eu fugia de madrugada atrás de meus irmãos para a escola, aquele mundinho que era tão diferente e que eu tinha grande curiosidade de conhecer. Eu andava uma hora de pé, pois, nessa época, não tinha transporte escolar. Uma professora me aceitou com muito carinho e a outra me fez sair da escola.

Só retornei com sete anos de idade, o que era permitido. Não me recordo como eram as aulas da minha primeira professora, só sei que tenho grande afinidade com ela até hoje, mesmo ela morando em São Paulo. Na escola em que estudava, não tinha biblioteca, pois só havia duas salas e uma cozinha. Uma sala tinha que comportar a primeira e segunda séries e a outra, a terceira e quarta séries. Então, os pouquíssimos livros eram postos em prateleiras na própria sala de aula, mas por meio desses livros passei a ter contato principalmente com um que se chamava *De olho no futuro* que era o livro didático que a professora utilizava para ministrar seus conteúdos. Ele tinha muita coisa interessante, brincadeiras, músicas, poesias,

cartas, bilhetes. Foi com a poesia, já ficando adolescente, que comecei a me interessar por livros de romance. Não lia o romance somente por ser um gênero e sim porque na roça as meninas se apaixonavam muito cedo. Então, também era com intuito de escrever cartinhas amorosas.

Outra coisa que tenho em minha mente muito importante é que a gente não tinha noção de gênero textual, hoje percebo que tinha contato com eles a todo momento, mas a professora nunca comentava que tudo que manuseávamos eram, na verdade, diferentes gêneros textuais. Recordo-me que um dia a professora de terceira série pediu que produzíssemos uma redação sobre feira livre. A feira livre era um evento que estava acontecendo no município. Então, quem tivesse a melhor redação iria participar desse evento. A minha redação foi a melhor da minha escola e não pude participar do evento porque meus pais eram analfabetos e não tinham conhecimento sobre esses assuntos. Mesmo assim, posso dizer que a escola nos anos iniciais foi bem marcante em minha vida, mesmo quando éramos desabrigados pela chuva que arrancava os telhados da escola e tínhamos que correr para a igreja.

O tempo foi passando e para que eu pudesse terminar o ensino fundamental eu teria que estudar em outro distrito e os pais de antigamente tinham essa coisa de que filha mulher não podia sair de perto de seus olhos. Foi uma luta até que eles me deixaram continuar e, assim, me formei na oitava série. Depois não pude mais continuar, pois tinha engravidado e somente pude continuar meus estudos no ano de 2013 em um supletivo. Foi uma luta, pois estava grávida de novo. Mas isso não foi um empecilho e hoje consigo perceber a importância da educação e dos letramentos, pois com uma base não teríamos tanta dificuldade de interpretação e de leitura, como as que enfrento atualmente na universidade, sobretudo com os textos acadêmicos.

O primeiro contato com a leitura

Flávia Idalina Alves Moreira



Meu nome é Flávia, tenho 20 anos, sou de Virgem Da Lapa e perdi meu pai com quatro anos de idade. Deste momento para frente, minha mãe sempre incentivava a mim e a meus outros seis irmãos a estudarmos e a fazermos leituras na igreja, que era algo que meu pai sempre nos incentivou. Eu amava levar os folhetos da igreja para casa e pedia minha irmã para me ajudar a ler e ficava brincando de rezar missa quando todo o folheto era lido de novo.

Antes de entrar na escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, estudei na creche que atendia crianças da zona rural de dois a seis anos de idade que funcionava em uma associação que se chama Aprisco. Na creche, eram desenvolvidas várias atividades como assistir à contação de histórias, escrever os números e as primeiras letras a partir dos nomes das pessoas das nossas famílias e dos personagens das histórias contadas. Na creche tinha também um cantinho de leitura, onde as professoras colocavam todo mundo em um tapete e lia as histórias que eram, na grande maioria, trazidas por moradores mais velhos da comunidade.

Minha irmã mais velha parou os estudos no primeiro ano do ensino médio e foi para São Paulo para trabalhar. Mas ela sempre apoiou a mim e à minha irmã mais nova nos estudos, coisa que ela tinha vontade de fazer e que, por necessidade, teve que deixar. Meses depois de se mudar, ela me mandou uma coleção de livros da *Mônica*, já que eu falava para ela todos os dias que eu tinha lido na creche a estória da *Mônica*.

Meu padrinho, que é professor de história, me presenteou com um livro que eu sempre lia e que continha exercícios de cruzadinha para responder com as palavras do texto que eu gostava muito.

Eu amava ler as estorinhas da *Mônica*, da *Chapeuzinho Vermelho*, histórias que as pessoas mais velhas da comunidade contavam e as professoras da creche liam para nós. Mas na escola eu não gostava de ler. Assim, recados das professoras de português eram enviados com frequência para minha mãe. Meus professores eram bem presentes e me incentivavam muito a ler. Eles levavam jornais e revistas para sala e quem se interessasse poderia levar para casa para leitura. Com dez anos, comprei um diário para escrever tudo que acontecia na minha vida durante o dia. Tenho ele até hoje.

Na escola onde estudei, tinha biblioteca. Porém, não tinha livros legais de se ler. Me formei em 2013 e me lembro de um recital de poesia que acontecia na escola que era realizado pelas professoras de literatura e de português. Elas faziam uma votação entre alunos para ver quem ia declamar a poesia no dia. Então, os projetos com os alunos do ensino fundamental e do médio traziam inúmeras poesias. Lembro-me de uma poesia que declamei do Cazusa. Nossa! Essa sim marcou minha vida! Fiquei treinando por 22 dias e, a partir daí, passei a amar fazer teatros e a declamar. Com o tempo, a realidade da minha antiga escola só tem melhorado. Hoje ela contém mais livros que falam mais das realidades dos alunos, o que, acredito, chama mais atenção e motiva o estudante. Hoje, também, vários gêneros textuais são trabalhados na escola como o blog dos estudantes, o jornal informativo da escola e da comunidade, e os jornais de circulação em Minas. Com tudo isso, os alunos têm mais interesse pela leitura. Por fim, minha vida do mundo da leitura tem mudado cada vez mais, sempre em um processo contínuo em busca dos conhecimentos que estão sempre ligados a diferentes gêneros textuais.

Buscando na memória

Flávia Moreira Chaves

Sobre todo o meu processo de alfabetização e letramento, tenho algumas histórias a serem contadas a partir de um exercício de memória e reflexão.

Antes mesmo de frequentar a escola, eu já brincava de 'escolinha'. Eu era a aluna, juntamente com meus irmãos e meus primos, e minha prima Katiane é quem era a professora. A brincadeira se tornou tão séria que até demos um nome para a nossa escola: *Escolinha da Felicidade*. Essa fase foi muito interessante, pois foi daí que começou a surgir o interesse e entusiasmo em querer ir para uma escola de verdade.



Mais adiante, aos sete anos de idade, fui matriculada na Escola Municipal do São João que ficava situada no povoado que era próximo da minha comunidade. Lá estudei todo o ensino fundamental. Nesse tempo, quando minha prima deixou de gostar da brincadeira, me tornei a 'professora'. Nesse contexto, cada um levava seu para casa para ser feito durante a brincadeira e assim juntávamos o útil ao agradável. Como sempre, a professora da brincadeira tinha que estar em classe à frente dos demais para poder ensiná-los.

Tinha enorme curiosidade em saber o que tinha escrito naqueles livros grossos que meus irmãos viviam carregando para baixo e para cima. Então, eu os pegava e ficava a folheá-los. Acho que nem tanto para saber o que tinha escrito, mas porque neles havia muitas figuras que despertavam meu interesse. Eu também gostava muito de folhear a *Bíblia*, pois minha mãe era e é evangélica e sempre incentiva a mim e a meus irmãos a importância do livro sagrado.

Com essa coisa toda da escolinha, acabei chegando à escola já sabendo meu nome, o alfabeto, os numerais de 0 até 10 e algumas pequenas palavras como bala, baú, boneca,



entre outras que acabei vendo na minha alfabetização quando comecei a juntar as sílabas para formar as palavras. Com isso, me sentia a toda sabida porque estava vendo algo que já havia aprendido nas aulas com minha prima.

Durante todo o meu processo de alfabetização e de letramento inicial foram utilizados livros didáticos. Alguns deles continham figuras as quais coloríamos para formar palavras, associar o desenho com as palavras, e assim por

diante.

Já nas terceira e quarta séries, comecei a aprender a fazer minhas primeiras produções de textos que eram cartinhas. Lembro-me que uma das primeiras foi para minha mãe em decorrência do dia das mães. Ela a guarda até hoje. Mais tarde, chegamos à produção de redações que eram, na maior parte, orientadas a partir da apresentação de um tema sobre o qual elaborávamos nossos textos. Alguns temas eram complexos, mas nada me impedia de deixar a imaginação fluir com resultados bons, mas com uma escrita meio que mal organizada.

Na escola que estudei o ensino fundamental, tinha uma biblioteca que era muito bonita, pois era toda decorada com desenhos de crianças lendo livros e, em uma das paredes, tinha uma historinha da *Chapeuzinho Vermelho* contada por meio de figuras. Não só a biblioteca, mas todo o pátio da escola tinha esse estilo de decoração e isso me fascinava e ao mesmo me motivava a ler. Mas o que de fato me motivava era o fato de que quem lesse mais livros tinha seu nome estampado no mural dentro de uma estrelinha. Às vezes, eu pegava os livros e nem lia, só queria ter o nome no mural. Com essa prática de pegar os livros e não ler, os professores decidiram que a cada livro que fosse pego tínhamos que relatar sobre o que ele falava. Então, dessa forma, tínhamos que ler de fato para merecer ter o nome com estrelinha no mural.



Hoje, na universidade, vejo o quanto é importante termos uma boa relação com a leitura, pois a partir da leitura é que melhoramos nossa escrita.

Lembranças de meus letramentos

Francine Nilma Perpetuo

O meu início na escola, para alfabetização e muitos letramentos, foi uma época muito importante e interessante na minha vida. São tantas lembranças boas que me emocionam só de lembrar como foi divertido.

Lembro-me perfeitamente da minha irmã mais velha fazendo a lição de casa e o quanto isso me incentivou a querer ler e a escrever também. Como eu era muito curiosa, logo aprendi meu nome e as letras do alfabeto. Nessa época, eu tinha quatro anos e adorava ficar olhando as gravuras dos livros que minha irmã levava para casa, principalmente os de histórias em quadrinhos que eu fingia que estava lendo. Era através daquelas gravuras que eu inventava as minhas próprias histórias.

Então, aos meus cinco anos de idade comecei a estudar e tinha que caminhar cerca de uma hora até chegar à escola. Ia com meus tios e primos mais velhos. Saíamos muito cedo de casa, mas eu nem me importava com a distância, pois as brincadeiras do caminho da escola eram muito divertidas.

A minha primeira turma era multisseriada e os alunos menores ficavam na frente da sala e muitas vezes a professora passava ditado para a outra parte da turma e eu ia escrevendo no meu caderno as poucas palavras que eu sabia. O engraçado é que eu repetia a mesma palavra muitas vezes até o ditado acabar.

Eu aprendi a ler e a escrever bem rápido. Eu gostava muito de estudar e odiava faltar às aulas. Hoje percebo que tive uma grande motivação da parte de meus pais que sempre se mostraram muito felizes e sempre incentivavam a mim e a meus irmãos. Lembro-me de uma fala que meu pai repetia: “vocês têm que estudar, aproveitar a oportunidade que eu e sua mãe não tivemos”.

Quando eu estava na terceira série, a minha escrita não estava muito boa e a minha professora começou a pedir para eu fazer cópia de textos do livro didático todos os dias. No início eu odiava tudo aquilo, mas, com o passar do tempo, eu me acostumei e já não queria ficar sem fazer as cópias dos textos. Essa prática da cópia foi muito boa porque além de eu ter melhorado a minha escrita, eu passei a gostar de ler e a levar para casa um livro de histórias sempre. Na escola não tinha biblioteca, apenas uma pequena prateleira cheia de livros no cantinho da sala. Os primeiros livros que li foram *O barquinho amarelo*, *A bonequinha preta*, *O Menino maluquinho* e vários gibis da *Turma da Mônica*. E ficava lendo para minha mãe e meu irmão mais novo.

Foi nessa época que surgiu meu sonho de me tornar professora. Eu ficava brincando de escolinha com meus irmãos e primos, e surgia muita briga nessa brincadeira para ver quem seria o professor. Daí a gente revezava.

Quando fui para o ensino fundamental, passei a estudar na cidade em uma escola estadual e lá descobri algo novo e encantador: a biblioteca. Passou a ser o meu local predileto e toda a hora vaga que tinha eu estava lá procurando um livro novo para ler.

O tempo passou e eu comecei a estudar em outro horário e já tinha outras coisas que me chamavam mais atenção como celular, televisão, computador. Então, aos poucos fui diminuindo o meu hábito de ler livros e, quando estava no ensino médio, lia apenas os livros solicitados pelo professor. Hoje em dia, mesmo lendo com menos frequência, ainda continuo aquela mesma garota apaixonada por livros e que ainda sonha em ser professora. Espero que em breve esse sonho venha a se realizar.



Memórias e letramentos

Franscielle dos Reis Candido



Tenho vagas lembranças de meu processo de alfabetização e dos letramentos iniciais, mas posso afirmar que, assim como o processo de aprendizado em um todo, essa etapa se deu principalmente por meio de uma intensa competição. Pois tenho um irmão dois anos mais novo e me via na necessidade de estar sempre à frente dele.

Sempre ouvi muitas músicas e/ou cantava em divertidas rodas com meus tios, primos e amigos. Esse era um dos meios de se ter acesso a palavras diferentes do meu dia a dia. Só depois dos meus oito anos tive acesso à televisão, o que para mim parecia outro mundo, com outras realidades, que eu gostava muito.

Antes de ser matriculada, tinha acesso a textos escritos nos livros dos meus irmãos mais velhos, nas revistas de horóscopo e nos jornais, onde eu ficava vendo as imagens. Mas não era bem um incentivo, já que meus pais e irmãos não tinham tempo de sentar comigo e me ajudar a aprender a ler, pois a lida na roça e os trabalhos domésticos exigem e exigiam muito tempo.

Fui matriculada na escola municipal aos sete anos de idade, já meu irmão foi matriculado aos cinco anos e, então, estava apenas a uma série atrás. Embora ele tivesse ido para escola apenas para se distrair e não ficar sozinho em casa, ele se interessou pelos estudos e minha família o matriculou. Com isso, eu sempre me via obrigada a não repetir o ano, pois seria uma vergonha estudar com um irmão dois anos mais novo ou ser “deixada para trás”. Na escola, tive acesso a histórias em quadrinhos como A Turma da Mônica.

A partir do segundo ano do ensino fundamental, a única professora que ministrava aulas de todas as disciplinas me apresentou a outros tipos de leituras, mas, infelizmente, a falta de liberdade de escolha me frustrava bastante.

Durante todo o ensino fundamental, não cheguei a ler nenhum livro inteiro. Mesmo que o assunto me interessasse, nunca tive muito incentivo por parte da escola. Fui cobrada pela leitura de livros quando já me encontrava no ensino médio e a professora de português nos obrigava a ler alguns livros. No entanto, na biblioteca não havia muitas opções para escolha. Com pouco incentivo, não só eu, mas muitos amigos não liam nenhum livro, pois era mais fácil ler a contracapa do livro e entregar à professora um resumo com poucas mudanças para dizer que tínhamos lido.

Infelizmente, posso dizer que o primeiro livro que realmente li, foi *Iracema*, de José de Alencar, quando prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC). Interessei-me em ler mais obras do autor, mas como sou de família pobre, tenho de trabalhar, o que atualmente ocupa doze horas do meu dia.

Escolhi cursar a habilitação Linguagens e Códigos porque, mesmo não tendo muita afinidade com a leitura, gosto mais desta área. Futuramente desejo constituir uma família e vou fazer o possível para que meus filhos tenham muito interesse pela leitura de forma divertida. Também pretendo incentivá-los a querer sempre mais no quesito conhecimento que, nas palavras de minha mãe, é a única coisa que ninguém pode tirar da gente.

Infinitos Caminhos para novas aprendizagens

Gean Marcos Martins de Melo

Numa lembrança meio que apagada, me recordo daquelas pessoas que por um mistério olhavam em pequenos folhetos para celebrar um culto dominical. Percebia que aquilo era incrível. Eu até as imitava olhando para um folheto disfarçando que já sabia ler, mesmo sem, na verdade, nada compreender daquelas longas linhas desenhadas moderadamente. Sempre



olhei para aquelas páginas e nada conseguia aproveitar, exceto quando havia alguma ilustração. Ainda com apenas três anos de idade, vi na igreja uma pequena Bíblia que parecia abandonada. Olhei para os quatro cantos e, percebendo que não havia ninguém por perto, discretamente, peguei-a 'emprestado' sem que ninguém soubesse, pois tinha muita curiosidade em saber o que ela dizia e trazia como mensagem.

Nesse mesmo período, minha mãe me ensinou a ler e a escrever as vogais. Foi muito duro, pois minha mão não me 'obedecia' e aperfeiçoar os traços das letras era um difícil trabalho. Com isso, a todo instante era uma chinelada na mão ou um puxão de orelha. Para minha felicidade, em poucos dias, já havia aprendido escrever e a ler "A, E, I, O, U". Foi uma alegria motivadora. Logo em seguida, mesmo com medo de ser castigado no caminho, tive que aprender o alfabeto, em um processo com muitas dificuldades. Depois do "A, B, C", minha mãe ainda me incentivou na formação de palavras e frases, na escrita do meu nome e o de todos da família. Então venci aquele primeiro processo de aprendizado, o que posso considerar uma firme base para a construção de mais aprendizagens.

Quando comecei a ir à escola, tive poucas dificuldades para acompanhar meus colegas e o que meus professores ensinavam; pois, nessa época, tudo parecia muito lindo em meio às canções que aprendíamos, e os ensinamentos se tornavam fáceis. O tempo foi passando e, com isso, vieram novas etapas, séries, experiências e oportunidades de interagir com livros, revistas e folhetos encontrados em ambientes públicos, tais como a igreja ou a escola. Tanto é que acrescento aqui uma breve lembrança das historinhas que, no início, eu apenas conseguia ouvir e com o tempo já conseguia lê-las e recontá-las. Foi justamente nos anos escolares iniciais que ganhei o meu primeiro livro, chamado *O praça quinze*. Foi um prêmio dado em um ditado de palavras do professor Paulo Natalício, o que foi para mim um presente de vitória e honra mediante as minhas aprendizagens. A escola em que iniciei meus estudos, com turmas multisseriadas, se localizava na comunidade de Ilha das Cabras, na qual vivo até

hoje. A escola também continua a existir com sua salinha multisseriada. Meu meio de transporte na época foi a bicicleta. Nela, levava junto meus dois irmãos mais novos.

No segundo momento do ensino fundamental, fui estudar na Escola Municipal Professora Rosa Herculana, onde concluí meu nono ano. Nesse período, passei uma grande dificuldade com as disciplinas aplicadas, tudo isso se deve a não conseguir interagir com os professores e colegas. Percebendo essas dificuldades, a minha mãe tomou a iniciativa de ir dialogar com a escola e explicar para eles o que eu passava e os tantos desânimos que me dominavam. Logo que foram alertados, meus professores buscaram dialogar comigo e sempre me perguntavam se realmente havia entendido os conteúdos aplicados. Com essa melhor interação, meu desempenho novamente melhorou.

Quando ingressei no ensino médio, vivi uma nova realidade, pois ali encontrei novos colegas, professores e me tornei o primeiro aluno titular do colegiado da Escola Estadual de Ensino Médio Serra Nova, o que me ofereceu melhores oportunidades em lidar com todos estudantes, professores e funcionários. Com essa nova rotina, eu já me via como responsável com os desafios enfrentados naqueles momentos e sempre buscava compreender melhor as disciplinas e trabalhos pedagógicos propostos pelos professores. O ingresso na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) foi um sonho realizado, o de sair do ensino médio e entrar para o ensino superior. Aqui espero buscar novas aprendizagens e a continuidade de toda essa minha linha de raciocínio, a qual construí desde minhas práticas educacionais primeiras, dos tempos de criança. E tudo isso se deve aos livros a que me dediquei, viajando e adquirindo experiências em meio as leituras.

Memórias da minha vida escolar

Iarla Pereira Dos Santos



O estudo preenche o homem de uma diversidade de conhecimentos, não com a finalidade de arrancar suas raízes, mas de aperfeiçoá-las. Antes de começar a estudar, sempre observava meus pais lendo ou escrevendo algumas cartas, revistas, jornais e, principalmente, fazendo a leitura da Bíblia. Eu tentava de todas as formas compreender esse mundo, até então muito diferente para mim. Eu observava com atenção as palavras, por exemplo, sempre que acompanhava meus irmãos fazendo suas atividades ou quando brincávamos de escolinha em casa, com quadro e giz improvisados. Então, por ser uma menina curiosa, ao entrar no pré-escolar já tinha uma noção de algumas palavras e da nova etapa que estava por vir.

Os meus pais sempre tentavam me ensinar e, quando comecei a desenvolver a escrita, percebi o quanto era divertido juntar as palavras e escrever. A minha Tia Nardete, minha primeira professora, sempre me incentivava a ler fábulas, histórias em quadrinhos, contos, poesias e mensagens diversas. Essa professora tratava a turma com muito carinho e paciência, sempre mandava bem nos textos e isso me motivava. Eu até ajudava meus colegas que tinham dificuldades. A partir daí, meu mundo era só ler e escrever. Chegava em casa e nem queria brincar mais de boneca, apenas de escrever e de rabiscar. Foram momentos bem divertidos.

Passando pela fase do pré-escolar, fui percebendo as mudanças nos livros didáticos, que já exigiam um pouco mais de raciocínio. Nessa fase, meu avô ajudou muito com as histórias e *causos* que contava. Eu já desenvolvia em mim habilidades de interpretar e questionar. As festas culturais da comunidade, como a folia de reis, as novenas e mesmo o diálogo das pessoas nos espaços de encontro me tornavam ainda mais cheia de informações. Na escola também sempre fazíamos redação, escrevíamos mensagens e poemas para serem

apresentados em datas comemorativas, como no dia das mães, da consciência negra, entre outros. A cada aula eu me empolgava e percebia o quanto era apaixonada pelas palavras, pelo ato de escrever. E foi essa paixão que fez eu me formar no ensino fundamental.

Pude ingressar na EFA (Escola Família Agrícola) Bontempo, localizada em Itaobim/MG, para concluir meu ensino médio e sair com o diploma de técnica em agropecuária. Os textos, nessa fase, já eram bem diferentes, eram mais científicos. Percebia que muitos na minha sala tinham dificuldades com a escrita. Eu tive bem menos, pelo simples fato de sempre exercitar em minha casa. Sempre gostei de ler e interpretar e, talvez por isso, nunca repeti de série. A minha paixão pela escrita me fez escrever quatro cadernos de mensagens sobre sentimentos e sobre toda minha trajetória de vida, o que guardo com muito carinho. A leitura, os textos, as músicas, os poemas, a tevê, os causos contados por meus avós, as festas da igreja, a influência da minha família e o difícil acesso à escola me ajudaram a passar de todas as fases escolares, me preenchendo de novas descobertas.

A partir desses conhecimentos acumulados é que estou realizando um dos meus objetivos: cursar a licenciatura em Linguagens e Códigos na UFVJM (Universidade federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri). Escrever e ler hoje, embora num mundo mais acadêmico, ainda continua sendo aquilo que gosto, mesmo que às vezes eu não tenha tanta empolgação quanto nos primeiros anos de escola. Ainda assim, acredito no poder das letras para transformar nosso modo de pensar, agir e contribuir para um mundo melhor.

Minhas lembranças

Ingrate Taiz Ferreira



Quando eu tinha quatro anos de idade, minha mãe começou a me ensinar as letras do meu nome. Eu achava lindo, me empolgava e a cada avanço ficava muito feliz. Com cinco anos entrei para escola. Já sabia escrever o meu nome e foi aí que tive meus primeiros contatos com os livros e me encantei. Mesmo não sabendo ler os pequenos textos, o que mais chamava minha atenção eram as ilustrações.

Com seis anos me mudei para comunidade quilombola de Raiz, localizada no município de Presidente Kubitschek (MG), onde resido até hoje. Brincava muito com os meus primos de cantiga de roda, cantava as músicas que a gente aprendia na escola, brincava de aulinha, entre outras coisas. Quando a gente brincava de escolinha, eu pegava minhas folhas, colocava cada uma em um lugar e fingia que eu era a professora e que meus alunos estavam ali, pois brincava sozinha. Mas o que eu gostava mais era de brincar de casinha e de boneca. Adorava assistir desenho animado e ainda gosto muito, e gostava de ouvir as histórias que meus avós contavam.

Na escola onde estudei até o quinto ano, havia nas salas um cantinho onde ficava uma prateleira com alguns livros. Como eu já sabia ler, sempre levava livros para casa. O meu favorito era “A festa no céu”, não me lembro do autor(a), mas nunca me cansava de ler esse livro. Gostava muito quando a professora passava cópias de páginas de livros para colorir, eu escolhia as mais volumosas. Comecei também a ir à igreja, onde recitava versos da Bíblia, algo ensinado por pessoas que me auxiliavam. Isso, até eu conseguir decorar e falar sozinha. Faço isso até hoje.

Quando fui para o sexto ano, continuei a ler e, a cada livro que lia, me apaixonava ainda mais pela leitura. Eu tinha uma imaginação incrível, que me fazia viajar para vários lugares sem sair do lugar. Na escola tinha uma biblioteca com vários livros e todo tempo que eu tinha vago na escola era para ler. Eu me concentrava e me imaginava fazendo parte daquela história. Ainda no ensino fundamental, os professores pediam para fazer produção de textos, incentivavam a leitura.

No ensino médio, pediam para fazermos fichas literárias. O que para muitos era um tédio, para mim era um prazer. Sempre lia todos os tipos de livros, mas os meus preferidos eram os romances. Gosto de escrever e essa é uma maneira de expressar meus sentimentos. Quando estou triste, entro para o meu quarto, pego papel e caneta e coloco tudo que estou sentindo ali. Isso me alivia.

Depois que me formei, diminuí a leitura porque não tinha livros em casa. Comecei a ver mais televisão e a ouvir rádio, mas comecei a sentir falta da leitura. Daí, quando eu ia à cidade, pegava livro na biblioteca municipal ou pedia a algum dos jovens que estudavam para pegar para mim. Fiquei quatro anos em casa sem estudar, até que prestei vestibular e hoje estudo na UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri) no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Aqui estou tendo contato com textos acadêmicos que são mais complexos e muito diferentes do que estava eu acostumada a ler. É uma nova experiência com os textos.

Uma infância marcada pelas letras

Ivani de Fátima Assunção Rodrigues

Venho de uma família na qual os pais não tiveram o privilégio de estudar, ambos tendo apenas o primário incompleto. Mas mesmo sem nenhuma formação específica, minha mãe, uma pessoa muito religiosa que tem nas orações uma fé inabalável, sempre ministrou as novenas de natal. Com isso, eu tinha contato com as cartilhas da igreja, que despertavam em mim certa curiosidade. Para saber o que havia escrito nelas, acompanhava com muita atenção todos os encontros e o que neles se diziam. Onde morávamos, poucas pessoas dominavam a escrita devido às exigências do trabalho agrícola, tão necessário para suprir as necessidades da família.

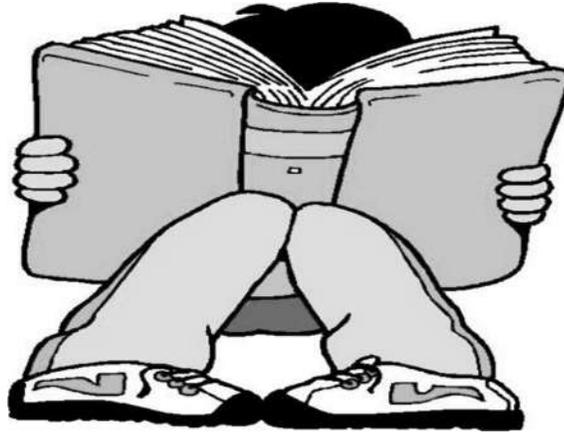
Recordo-me ainda dos cartões de felicitações que chegavam até nós por intermédio de parentes, vizinhos e amigos. Também não posso me esquecer das músicas do radinho a pilha. Televisão era só em sonhos, pois não havia luz onde eu morava e o tempo que tínhamos era dividido entre ajudar nas tarefas de casa, no plantio e algumas brincadeiras gostosas daquele tempo. Também me lembro das histórias narradas pelos mais velhos, principalmente as da minha avó, que à beira do fogão à lenha nos presenteava com suas belíssimas narrativas. Causos que ainda ficam martelando em meus pensamentos. Quando tinha sete anos fui inserida na educação infantil sem saber ler, pois não tinha quem me ensinasse ou motivasse. Então, fui iniciada nas letras somente na escola. Lembro-me bem da minha professora pedindo que contássemos como foi o dia ou a semana e, com o passar do tempo e a aquisição da escrita, o incentivo da produção vinha através das redações produzidas em sala. A biblioteca tinha apenas livros didáticos, mas aquelas experiências motivaram nossas brincadeiras na infância. Recordo que, por exemplo, quando brincávamos de escolinha, as anotações eram feitas em uma folha de bananeira e o lápis era representado por um pedaço de pau, pois o caderno que possuíamos era somente para ser usado na escola devido as más condições financeiras.

Quando já estava dominando a escrita e a leitura, recordo-me das cópias que tínhamos que fazer de textos dos livros didáticos, das redações sobre como foram as férias e das peças de teatro que tínhamos que decorar para apresentar aos pais em dias festivos. Lembro que o ensino naquela época era precário. Fui perceber isso apenas quando tive que sair do aconchego da casa da mamãe, com apenas dez anos, para estudar em outro lugar. Aí sim senti na pele a defasagem do ensino que ministraram na minha infância.

De repente me vi em uma escola enorme, com um professor para cada disciplina. Confesso que tive grandes dificuldades. Eu considerava a escola boa, os professores também, a

biblioteca com um grande acervo de livros, mas não me lembro de nenhum incentivo a pesquisas naquela biblioteca. Mesmo assim, tomei gosto pelos romances da Zíbia Gaspareto, por poemas e mensagens de incentivos.

Hoje me encontro imersa em um universo de textos complexos, que aguçam nosso pensamento crítico e reflexivo, e percebo a importância da prática contínua da escrita e da leitura em todo processo de desenvolvimento de um ser em busca de formação.



Aprendizados da minha vida

Janáina Dos Santos Ferreira



Inicialmente o meu primeiro contato com a leitura e a escrita foi através de uma creche que existia na minha comunidade, fruto de um projeto não governamental. Nessa época, eu tinha entre três e quatro anos de idade.

Lembro-me vagamente das monitoras da creche ensinando coisas do tipo: músicas com o alfabeto, cores, números, jogos. Tinha também o cantinho da leitura e algumas cantigas pedagógicas como, por exemplo: “Depois de brincar no chão de areia a tarde inteira... antes de comer, beber, lamber, pegar na mamadeira... lava uma mão, lava outra, lava uma mão... mão... mão”.

Permaneci na creche até completar cinco anos, foi quando comecei o pré-escolar. Minha professora se chamava Maria Emília. Recordo-me das primeiras frases que consegui escrever: “Minha mãe é bonita”, “A bola é do menino”.

Os anos escolares iniciais foram marcados por muito estudo e dedicação. Os meus pais estudaram até a quarta série, mas a cobrança era constante e as notas não podiam ser vermelhas.

Na época, o fundamental era avaliado com os conceitos A, B e C. Se eu e minha irmã mais velha entregássemos o boletim e tivesse um C, que automaticamente vinha de vermelho, era castigo na certa.

Apesar do rigor, meus pais e avós paternos nos incentivavam a todo custo. Para eles, “é com a educação escolar que você chega a algum lugar”.

Um hábito da minha família, que me influenciou de forma positiva, é o de assistir ao Jornal Nacional. Não sei como isso reflete no meu aprendizado, mas creio que sou uma pessoa muito bem informada e acredito que é com a perspectiva de telespectadora que consegui passar no vestibular.

Confesso que sou apaixonada pela escola e nunca precisei caminhar quilômetros para chegar, pois a casa dos meus pais é do lado da escola que estudei. Mas apesar das facilidades, reconheço o esforço de vários colegas que acordavam e andavam de madrugada para chegarem ao ponto do ônibus para irem para a escola.

Concluí os meus estudos na Escola Estadual São Domingos, no ano de 2010. Tenho muitas lembranças dessa época. Recordo-me que os professores de português e literatura adoravam indicar livros para serem lidos nas férias. Quando retornávamos das férias, cada aluno explicava de forma sucinta a história que havia lido.

Também fazíamos redações e poemas com temas diversos como: dia do índio, do planeta terra, dia dos pais, folclore, etc., mas eu gostava era do recital de poesia. Todo ano era um tema e autores diferentes. Cada turma da escola escolhia um autor para recitar poesias com a mesma temática. Relembro algumas das poesias que já recitei como: *Se eu morresse amanhã*, do poeta Álvares de Azevedo, e *A máquina do mundo*, do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Agradeço imensamente aos meus pais e aos professores que me acompanharam e me apoiaram nessa trajetória.

Eu e minhas lembranças escolares

Jane Ramos de Souza



Meu contato com a prática escolar começou um pouco mais cedo que de meus colegas considerando que, naquela época, se entrava na escola aos sete anos de idade. Mas como meu irmão é mais velho que eu dois anos, eu o via estudando e minha mãe o ajudando na lição de casa. Como toda criança curiosa, eu mexia em seus materiais, o que o deixava furioso.

Como em minha comunidade ainda não tinha energia elétrica, usávamos lampião a querosene na iluminação residencial. Recordo-me claramente da minha mãe que, à noite, despejava a querosene sobre o papel para que ele ficasse transparente. Sem rasgá-lo, colocava sobre a figura do livro e copiava os desenhos. Era magnífico! Adorávamos quando ela fazia isso.

Lembro-me também que desde sempre tivemos contato com textos e livros, como a *Bíblia*, livrinhos de oração, que minha mãe lia para nós, e até orações que nos foram ensinadas desde muito cedo.

Acessar a escola em minha comunidade sempre foi bastante dificultoso pela longa distância. Meu irmão ia a pé e quando chovia não dava para chegar. Como meu pai trabalhava, não podia levá-lo todos os dias, o que prejudicou bastante seu aprendizado e, como consequência disso, ele foi reprovado.

Quando eu ia completar sete anos, entrei para escola e meu irmão e eu fomos estudar juntos. As dificuldades continuaram, pois andávamos a pé cerca de uns quarenta minutos até a escola. Lembro que sempre chegávamos atrasados e várias vezes ensopados de água da chuva.

Minha mãe sempre ajudava nas lições de casa na medida em que podia, pois ela estudou apenas até a quarta série, hoje conhecida como quinto ano, e com o passar dos anos ela não tinha mais como ajudar, pois eram atividades fora do seu contexto de aprendizado.

Sempre gostei de estudar e creio que fui uma boa aluna, pois minhas notas geralmente eram acima da média, tanto que me formei no ensino médio primeiro que meu irmão. Mas confesso que não tenho muito o hábito de ler por prazer e sim por obrigação. Preferia mil vezes ver o filme a ler o livro com a mesma história. Achava muito mais emocionante. O que eu tenho tentado modificar ao longo do tempo.

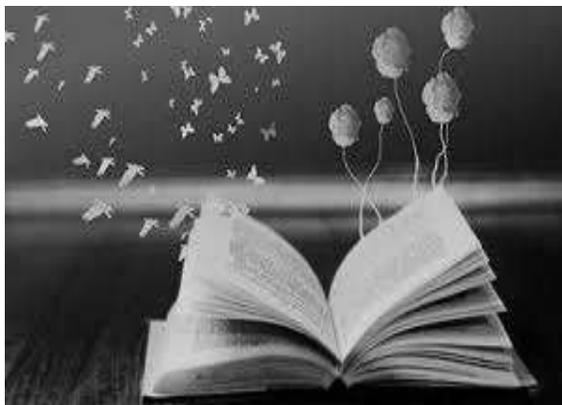
Quanto ao ensino nas séries do fundamental, não tenho nada que reclamar. Embora tradicional, creio que os professores e os próprios alunos eram muito mais dedicados, até mesmo porque eram poucos alunos e, assim, os professores tinham mais tempo para conhecer e se dedicar às especificidades de cada um. No ensino médio, as coisas mudaram um pouco de figura, pois a sala era cheia e o professor muitas vezes nem sequer sabia o nome dos alunos.

Enfim, todo o meu período escolar foi e ainda continua repleto de dificuldades e desafios, mas que serviram e servem de aprendizado fazendo com que eu tenha muito empenho e força de vontade em vencer cada um deles.

Minhas letrinhas

Jéssica Emanuely Vieira

Desde pequena, já tinha contato com meios de comunicação que ajudaram nos meus letramentos. Em casa tínhamos uma televisão em preto e branco e um rádio que era do meu avô. Além disso, ganhava muitos livrinhos de passatempo, como jogos e desenhos para colorir, da Turma da Mônica. Eu amava ficar deitada no chão com minhas irmãs, colorindo imagens e/ou descobrindo os desafios propostos pelo livro. Falando antes do meu período escolar, lembro-me da minha irmã, que já estudava, brincando comigo de escolinha no fundo do quintal da minha casa. Na brincadeira, ela era a professora e eu e as bonecas éramos as alunas dela. A escolinha era improvisada no quintal, o quadro era uma tábua velha e o giz era carvão. Eu sempre fugia da escolinha por que não tinha paciência de ficar sentada num mesmo lugar. Mas hoje consigo perceber que essa brincadeira me ajudou muito, porque quando entrei na escola já sabia ler e escrever meu nome e o nome dos meus pais.



Com seis anos de idade, entrei na Escola Municipal Dário Lins e a minha professora era a Tia Margarete, como a chamamos até hoje. No segundo ano de escola, trocaram minha professora. Ela era muito rígida e nos acompanhou até a quarta série. Lembro-me de que estudávamos com os livros didáticos da coleção “Viver e Aprender” e também me recordo de uma coleção de livrinhos literários. Destes, os dois que me chamaram a atenção e que eu adorei foram *A Formiga* e *a Neve* e o de poesia chamado *O Navio Negroiro*. Inclusive, ganhei os dois quando mudei de escola e tenho-os até hoje e quero que meus filhos os leiam também.

Quando terminei a quarta série, fui estudar na Escola Estadual Professor Leopoldo Pereira da comunidade de Milho Verde, município de Serro (MG). Lá, estudei do quinto ano até o segundo ano do ensino médio. Foi uma transição muito forte e um tanto dramática, porque tinham mais matérias e também mais professores. Além disso, eu tinha que acordar muito cedo para caminhar um trecho do caminho e, quando chovia, chegávamos atrasados. Mesmo assim, os professores elogiavam muito os alunos da minha comunidade, Capivari, pela inteligência, disciplina, participação e facilidade no aprendizado. Nessa escola, havia um acervo grande de livros na biblioteca, onde eu adorava ficar com meu turbilhão de emoções. Nessa fase li muitos livros, dos mais variados autores, como os espíritas *Violetas na Janela*,

Ninguém é de Ninguém, Tudo tem seu Preço e A Noiva Indomada. Faltando um ano para me formar, tive que mudar mais uma vez de escola, só que dessa vez mudei de cidade e fui morar em Diamantina (MG) com minhas irmãs, pois tinha passado em uma seleção para fazer o curso técnico de enfermagem no SENAC Minas. Como eu também havia acabado de terminar o terceiro ano do ensino médio, foi um baque muito forte. Formei-me no médio, mas não me senti realizada e nem quis participar da festa de formatura porque não tinha o sentimento de pertencimento pela escola. Passados alguns meses, tive que abandonar o meu curso técnico e voltar para minha comunidade, pois meus pais não tinham condição financeira para me manter em Diamantina.

Após dois meses que voltei para minha comunidade, ingressei no curso técnico em agropecuária na cidade do Serro, onde consegui me sentir à vontade pelo fato de ser um curso voltado para o campo. Esse foi mais um curso que precisei abandonar faltando pouco tempo para eu formar, por estar grávida pela segunda vez e com uma gravidez de risco.

Fiquei dois anos sem estudar para cuidar dos meus dois filhos, pois sou mãe solteira. Mas há um ano faço o curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri no Campus de Diamantina. Entrei nesse curso pelo fato de ser em regime de alternância e, assim, além de não precisar mudar de cidade, poderei me dedicar aos meus filhos e ao estudo. Além disso, poderei ajudar outros jovens, pois muitos me veem como exemplo pela minha atual situação de ter conseguido enfrentar as adversidades e ter seguido em frente. No curso de Licenciatura em Educação do Campo eu reconheci a minha verdadeira personalidade e assim consegui mudar completamente e, principalmente, ter orgulho de ser do campo.

Memórias

Joice Alves Carvalho



A minha relação com gêneros textuais antes de frequentar a escola era muito pequena. Meus pais tinham pouco conhecimento das culturas letradas e as precariedades da época e a falta de oportunidades não favoreciam os seus aprendizados. Desse modo, ambos viviam em uma constante preocupação com os serviços de casa e atividades agrícolas, fator que dificultou seus processos de alfabetização. Logo, é importante mencionar que eles sempre buscaram me motivar a estudar e a ter uma

formação profissional.

Tive pouco acesso à creche, devido à longa distância da minha casa em que ela se encontrava. Sendo assim, meu primeiro contato com textos escritos surgiu quando o meu irmão mais velho começou a frequentar a escola. A partir daí, comecei a aprender a escrever o meu nome.

O primeiro livro que ganhei em minha infância foi um livro bíblico, presenteado pela professora que atuava naquele tempo. Depois fui presenteada com um livro de canto pelos meus pais, por perceberem desde cedo o meu gosto pela música.

Comecei a frequentar a escola aos seis anos de idade e, nesse período, eu sabia escrever apenas o meu nome. Minhas experiências, então, foram muito boas e bastante construtivas, pois o meu maior anseio era aprender muito mais e ter melhor desempenho na leitura e na escrita.

De família humilde e com poucos recursos tecnológicos, eu e meus amigos procurávamos sempre brincadeiras que estimulavam a aprendizagem. Dentre elas, as preferidas eram a de escolinha, a forca e a *adedanha*. Assim foi minha infância, um período muito gostoso que me proporcionou vivenciar muitas emoções e adquirir uma série de conhecimentos.

Tive bons professores nos anos iniciais, o que de certa forma favoreceu minha educação. Como forma de motivação, eles sempre tinham ajuda de outros profissionais, como por exemplo os supervisores, que vinham uma vez por semana verificar as leituras dos alunos. Buscavam ainda entregar livros com atividades de leitura para a casa, além de nos propor organizar e realizar pequenas peças teatrais, produção de textos e histórias em quadrinhos.

Recordo-me de que nos anos finais não foi muito diferente. Tive de fato professores que nem se importavam com os erros ortográficos que tínhamos, mas também tive professores muito autoritários e os que instigavam o hábito da leitura por meio de pequenos saraus, produção de poemas, leitura de romances, crônicas, entre outros.

Hoje, cursando a Licenciatura em Educação do Campo, noto que em todo o meu percurso escolar faltou mais motivação por parte dos professores para explorar mais atividades com diferentes gêneros textuais como cartilhas e outros. Acredito que são questões realmente eficazes para quem deseja cursar uma universidade. Acredito que quem quer estudar deve estar em uma constante busca pela aprendizagem, pois de fato sempre existem várias mudanças ocorrendo, como é o caso do novo acordo ortográfico.

Ao longo da minha trajetória escolar, tenho notado mudanças muito significativas no ambiente escolar. Posso dizer que muitas coisas têm melhorado no decorrer desses últimos anos. Observo a preocupação e o esforço dos professores na preparação dos alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o SASI, que é um processo de seleção da minha universidade, a UFVJM. Isso antes ficava somente a encargo do maior interessado, o aluno. Essa observação não deixa de significar que ainda possam ser feitas outras melhorias nas metodologias e nos processos educacionais.

Ao terminar meus estudos no ensino médio, veio a oportunidade de me inserir no curso de magistério na minha cidade. Para mim, significou uma oportunidade de ampliar os meus conhecimentos e de ter também uma formação profissional. Ao concluir este curso, tive como experiência fascinante o contato com crianças da educação infantil, daí o prazer em seguir o ramo da educação.

Lembranças

Jonas Oliveira Santos



Quando era criança, lembro-me de que sempre havia livros e cadernos a minha disposição em qualquer momento que precisasse. Meu pai sempre estava lendo alguma coisa e a minha mãe estava sempre com algum papel na mão. Mas pelo fato de ainda não saber ler, eu não sabia do que se tratava. Não me lembro o nome do primeiro livro que ganhei, mas sei que quem me deu foi a professora doutora Isabel Cristina de Brito Carrara, da Unimontes. Sei que era estória fictícia infantil e que na época eu nem sabia ler ainda, mas adorava folheá-lo e olhar cada desenho que tinha.

Quando entrei para a escola, eu já sabia escrever meu nome e conhecia algumas letras do alfabeto. Nessa época, tinha seis anos de idade e no começo não gostava muito de ir à aula, pois estudava em escola multisseriada, era o aluno mais novo da turma e não entendia muita coisa pelo fato de o professor não trabalhar com conteúdos voltados para minha série. Nesse período, minha mãe era serviçal da escola e sempre que podia me ajudava com as atividades, por isso não tinha muita dificuldade com a escrita. Minha mãe sempre me ajudava com no que ela podia, mas eu não era motivado a escrever pelo professor.

Quando chegou no final do ano, minha mãe percebeu que eu não tinha desenvolvido muito bem e pediu então para o professor me reprovar aquele ano. Fiz a primeira série novamente, mas foi melhor assim porque a professora do ano seguinte era bem mais gentil e tratava de seus alunos com muito afeto e carinho. Na segunda série, a professora sempre contava estórias para a turma. Eu achava aquilo mágico e toda a turma parava para ouvir suas lindas estórias e contos infantis. Essa escola funcionava na casa do meu tio que, na ausência de lugar adequado, cedeu a casa dele para que a gente pudesse estudar.

Depois fui estudar em outra comunidade onde a escola tinha uma biblioteca, mas a professora não incentivava a leitura e a produção de textos. Um dia, passando em frente à biblioteca, vi um livro jogado no chão que me chamou muito a atenção, era um livro de capa dura e de cor amarela. O livro tinha o nome de *O fantasma do Tarrafal*. Peguei o livro escondido e levei para casa. Foi a primeira vez que li um livro por inteiro e gostei tanto que depois desse dia não parei mais de ler.

Hoje percebo que o interesse pela leitura me levou a compreender também outros mundos, viajando nas imaginações, e contribuiu na escrita e no maior interesse pela leitura. Com isso, posso dizer que tenho melhores estratégias para lidar com as demandas do mundo acadêmico, como o trabalho com a escrita de relatórios e de diferentes atividades universitárias.

Tenho vontade de escrever um livro contando a história de meu pai, pois era um sonho que ele tinha que pretendo realizar. Mais à frente, também tenho vontade de escrever livros de ficção científica. Todo esse desejo começou no ensino médio, quando fui realmente incentivado a ler pelo professor de língua portuguesa e espanhola, que colocava a turma para ler no mínimo três livros por semestre. Me apaixonei ainda mais pela leitura e acredito que nunca mais vou parar de ler, pois acredito que é uma atividade prazerosa que contribui muito para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Viagens ao mundo da leitura

Jucélia Viana Barbosa



Durante minha infância, meu processo de alfabetização foi bem avançado por causa da minha irmã mais velha que já estudava as séries iniciais. Lembro-me de quando ela ia para a escola eu ficava em casa chorando, querendo estudar também, mas como eu tinha apenas quatro anos de idade, ainda não podia frequentar a escola naquela época. Eu ficava em casa imaginando a escola e quando minha irmã chegava ensinava o que tinha aprendido a mim e ao meu irmão. As aulas aconteciam como brincadeira de escolinha, onde ela era a professora, procurava as palavras no dicionário e ditava para que pudéssemos escrever. Quando não sabíamos, ela pegava nas nossas mãos para nos ensinar a escrever. O primeiro contato que tive com os livros foi através de dela e de minha mãe que sempre me davam a chance de folhear o dicionário, pintar desenhos de livros, fazer leituras em quadrinhos, além de ouvir o rádio que trazia outros tipos de textos. Comecei a entender as letras através de um dicionário que minha irmã ganhou e um livro bíblico que minha mãe tinha.

Aos seis anos de idade eu já sabia escrever meu nome, os números de zero a dez e formar pequenas frases. Com sete anos eu e meu outro irmão começamos a estudar em uma escola pública na comunidade do Carneiro. No primeiro dia de aula, eu fiquei encantada e queria sempre escrever textos, mesmo de maneira informal, desenhar e colorir. Ficava vendo os desenhos nos livros didáticos e soletrando as palavras que eu já sabia.

A professora era muito incentivadora e nos ajudava muito. Quando algum aluno tinha dificuldade, ela também motivava a colaboração dos colegas. No fundo da sala, havia uma prateleira cheia de livros, onde eu gostava de ficar sentada, nos intervalos, folheando os livros, e soletrando as frases das histórias em quadrinhos.

Com idade de 11 anos eu comecei a estudar na cidade de Ouro Verde, pois as escolas da zona rural só atendiam até a quarta série. Lá foi mais difícil, pois havia mais matérias para

serem estudadas e sempre alguns professores mandavam ler textos e fazer sínteses. Havia vários trabalhos para apresentar e uma biblioteca grande onde os alunos podiam ler quaisquer livros ou pegá-los emprestados. Gostava de ler muito e resumia pequenos contos. Pelo meu desempenho, certa vez fui uma das alunas selecionadas para visitar outra escola para assistir a um teatro. Fiquei muito orgulhosa.

Em meados de 2013 surgiu um projeto na escola que se chamava Contos e Reconto no qual os alunos tinham que escolher um livro e recontar em sala de aula. Acontecia toda segunda-feira ao longo de um ano com gêneros textuais diferentes. Com isso fui adquirindo gosto pelos textos e passei a pegar livros na biblioteca os quais resumia. Além de anotar as leituras, tudo que eu imaginava anotava, como se fosse uma agenda. Em 2016 concluí meus estudos na Escola Estadual Vereador Luzo Freitas de Araújo.

Meu maior sonho era, terminar meus estudos e ingressar em uma faculdade quando, em 2015, prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFVJM e tive a oportunidade de realizar meu sonho que é estar em uma universidade federal, onde me identifico bastante ao curso, pois nele estou aprendendo muito sobre como valorizar o campo, que na maioria das vezes é esquecido.

Hoje trabalho em um projeto na Escolinha Filhos de Dandara em minha comunidade. O projeto é dedicado a ensinar crianças a partir dos três anos a ler e escrever. Também faço parte de uma associação da Comunidade Quilombo Santa Cruz, onde sou líder da pastoral das crianças. Também participo de movimentos sociais.

Memórias de minha vida

Juliana da Silva Moreira



Venho de uma família de analfabetos. Meus avós não sabiam ler e minha mãe só teve a oportunidade de conhecer a escrita a partir dos vinte anos, pois quando era criança, meus avós não tinham condições de mantê-la na cidade, que era o único lugar onde havia escola.

O primeiro contato que tive com a escrita foi na infância por meio da Bíblia e de folhetos que eram utilizados na igreja. Os outros textos com que eu tinha contato eram por conta de minha mãe, que sempre gostou muito de música e, então, ouvia muito o rádio. Além das músicas, ouvia novelas e jornais. Ainda não havia energia elétrica por lá, só colocaram quando completei dezoito anos, mas também dava para ouvir o toca fitas enquanto eu olhava as capas dos discos.

Com seis anos, fui morar na casa da minha madrinha em Queixada, distrito de Novo Cruzeiro (MG), para estudar. Como naquela época não havia transporte escolar e a escola da minha comunidade ficava a uma hora de caminhada, minha mãe achou melhor eu morar com minha madrinha.

Ainda criança, passava minhas férias na roça, na casa das minhas tias. Lá, brincávamos de escolinha e também riscávamos o chão com as letras que sabíamos fazer. Geralmente à noite, os meus tios mais velhos contavam histórias ao redor da fogueira ou na cozinha, sentados no fogão à lenha. Era bem legal! Por ser uma família muito católica, sempre juntavam dinheiro o ano todo para poderem viajar para Aparecida do Norte (SP) e para Senhor Bom Jesus da Lapa (BA). Até hoje meus tios mais velhos mantêm esse costume. Já participei das viagens e é muito bom estar com eles que, apesar de não saberem ler, sempre me incentivam estudar.

Meu primeiro contato com o alfabeto foi na escola, onde aprendi a ler e escrever aos sete anos de idade. Em casa eu tinha a ajuda de tia Roxa com a lição. Enquanto eu não terminasse a tarefa, ela não me deixava brincar. Ela era muito rígida e foi muito bom o tempo que morei

lá, pois minhas notas eram boas, já que meu tempo era só para os estudos. Assim foi da primeira à terceira série. Na escola tinha uma biblioteca, mas era a professora quem escolhia os livros que íamos ler. Já na terceira série, a prática da escrita e da leitura se baseava na cópia de duas a quatro páginas do livro didático.

Com nove anos, fui morar em Teófilo Otoni com a filha da minha madrinha. Estava na quarta série e ela sempre comprava muitos livros para filha dela e me emprestava para ler. Eu gostava da Turma da Mônica e outros gibis. Também tinha livros de contos e fábulas. Eu gostava d'*O Gato de Botas*, *Branca de neve*, *Cinderela*, *João e o Pé de Feijão*, entre outros.

Na adolescência, gostava de ler revistas como *Atrevida*, pois nela tinha tudo que eu gostava: artistas do momento, roupas, acessórios, etc. Eu também tinha que ajudar nos serviços domésticos, o que de certa forma me deixava com menos tempo para ler. Então, passei a ler mais dos livros que os professores recomendavam e estudar os livros didáticos. Eu tinha um diário onde escrevia poesias, o que mais gostava de fazer quando sentia saudades da minha mãe e da minha casa. A leitura me ajudou a não desistir dos meus estudos, pois eu me imaginava nas histórias.

No ensino médio, fiz a leitura dos livros *O Cortiço*, que me marcou muito. Também reli *Dom Casmurro*, *Iracema*, entre outros. Nunca pensei em escrever um livro, mas quem sabe no futuro possa ter a oportunidade, seria algo bom para lembrar as coisas boas que vivi.

Trajatória da Minha Vida

Katiane da Cunha Ribeiro

Tenho 18 anos e sou moradora da comunidade de Capivari, município de Serro, Minas Gerais. Eu sempre fui uma garota muito atenciosa que gostava muito de leitura. Em minha comunidade, desde os quatro anos de idade eu tinha um pouco de contato com textos. Em casa, minha irmã mais velha e minhas primas me passavam alguns conhecimentos que elas obtinham na escola. Fora de casa, os textos com os quais me deparava referiam-se às cantigas de rodas, o terço e os cantos religiosos, o teatro Quatro Gerações da comunidade, do qual participavam desde crianças até idosos. Dentre eles, os meus amigos e parentes. No teatro, todos tinham alguma função: alguns cantavam, outros contavam histórias, outros ensinavam a ler, a brincar, a escrever. Isso, de alguma forma, interferiu na minha formação.

Como em minha comunidade não havia uma biblioteca, eu lia revistas que minhas primas me davam. Quando chegou a minha época de ir para a escola, foi uma barreira imensa a ser quebrada, pois a diretora da escola disse que eu não podia ser matriculada pelo fato de eu ainda não ter os seis anos de idade. Para a primeira série, só aceitavam as crianças que faziam aniversário até o mês de junho. Juntamente com minhas primas, a professora e a minha mãe lutaram e conseguiram fazer com que eu entrasse na escola.

Nessa escola, as turmas eram divididas em duas salas: uma de primeira e segunda séries, outra de terceira e quarta séries. Havia poucos livros, que não davam para quase nenhum dos alunos. Isso dificultava o letramento de todos. Então, a professora começou a comprar livros e passamos a ser divididos em grupos para ler e depois contar para a turma o que havíamos lido. Em casa, e também na casa de parentes, eu tinha contato com textos orais como histórias contadas e cantigas.

Ao terminar a minha quarta série, tive que ir para comunidade vizinha para estudar. Nessa nova escola já existia uma biblioteca e o acesso aos livros era mais fácil. A supervisora era quem 'tomava a leitura' e pedia redações a cada fim de semana. Na escola sempre fui boa aluna, gostava de ler e mais ainda de escrever poemas. Aos meus 16 anos eu tive o meu primeiro livro que ganhei de um amigo. Era um livro de poemas, crônicas, textos que me levaram a ver de modo diferente o meio em que eu vivia. Uma prática prazerosa de escrita era através de cartas e bilhetes com meu primeiro namorado.

Ao concluir o ensino fundamental, eu continuava gostando da leitura e da escrita, mas quando cheguei ao ensino médio acabei deixando de lado essa prática pelo fato de ter mudado outra vez de escola, indo morar em Belo Horizonte. Lá ficava mais ligada a teatros, contos que meus colegas contavam em sala. Depois veio mais um ano, quando ganhei o meu primeiro

celular e mudei todo o rumo de minha vida: não queria mais saber de ler, nem escrever, nem ouvir conselhos das pessoas. Eu só queria saber de redes sociais, ficava muito apegada aos meninos pelo fato de querer conhecer pessoas novas, já que isso em minha época era o máximo na opinião de todos. Achava que estava fazendo o bem para mim. Ao retornar para minha antiga escola, já no terceiro ano do ensino médio, pude ver que eu estava acabando com minha escrita, minha leitura e o meu conhecimento. Acabei ficando de recuperação, coisa que em toda minha trajetória nunca aconteceu. Me arrependi e voltei a ler, a escrever, ver televisão, ouvir música, passei a frequentar o grupo de jovens PROJOVEM, a ir a vários eventos da comunidade. Com isso voltei a ter boas notas na escola.

Ainda no terceiro ano do ensino médio, eu conheci a LEC (Licenciatura em Educação do Campo) e me candidatei. Fiz minha prova e passei no vestibular, mas tive uma barreira enorme a quebrar, porque eu ainda não tinha terminado o ensino médio e, então, fui eliminada. Mas não desisti, terminei o segundo grau e corri atrás dessa oportunidade. Sofri muito, mas graças a DEUS eu consegui. Hoje estou muito agradecida, porque aqui estou tendo novas formas de aprendizagens. Espero que, com o passar do tempo, eu possa compartilhar todo o conhecimento que aqui estou construindo com a colaboração das pessoas ao meu redor.



Realidade do ensino: uma autobiografia

Kelly Silva Ferreira



Iniciei meus estudos na escola municipal de minha Comunidade. Na época, não havia transporte escolar. Então, a gente ia todos os dias a pé ou de bicicleta. Éramos eu, meu irmão, minha prima e mais alguns parentes.

A escrita, mesmo que informal, sempre esteve muito presente em minha infância. Por ver meus tios estudarem, brincava com meus primos de escolinha, isso antes mesmo de aprender a ler e a escrever. Era um sonho estudar. Vivia perguntando minha mãe sobre tudo que via em relação à escola, mas aprender a escrever mesmo foi na escola. No pré-escolar, a professora que me ensinou a ler e escrever foi a Tia Nardete, tia por que ela gostava que a chamássemos assim. Tive uma tia que vivia lendo. Ela lia cada livro enorme e eu achava que ela era doida. Eu não tinha interesse algum em ler aqueles livros um dia na vida, mesmo ela dizendo que a cada livro ela viajava para um lugar diferente. Nesse momento, eu a achava mais doida ainda. Eu gostava de ler histórias em quadrinhos e livros de muitas gravuras e textos curtos.

Eu não saía da casa de minha avó e lá, além de muitas brincadeiras que tinha com meus primos, víamos muito desenho animado na TV. Também ouvíamos muito o rádio, já que minha avó adorava ouvir as músicas que tocavam. Era um tempo muito bom! Meu avô contava tantas estórias que a gente se perdia na imaginação.

Nos meus primeiros anos de escola, minha escrita não era muito boa. Tive muitas dificuldades e repeti o ano logo no início. Chorei tanto por não poder acompanhar meus colegas. A minha professora nessa época era a tia Rosa, um doce de pessoa que conversou tanto comigo para que eu não ficasse triste, falava que eu ia conhecer uma nova turminha e que no final eu ia até gostar de repetir o ano. De fato, eu gostei mesmo. Além de aprender um pouco mais, conheci pessoas que trago como amigos até hoje.



Os textos que os professores sempre usavam eram fábulas, histórias em quadrinhos, muitos desenhos para pintar, entre outros. Eu adorava desenhar! Havia muitas brincadeiras e músicas educativas, já que tínhamos biblioteca na escola. Mas era pouco frequentada. Quase nenhum aluno ia à biblioteca até por que não tinha muito incentivo dos professores.

Na quinta série, por muita brincadeira e muita falta de compromisso, repeti novamente de ano. Eu e mais a metade da classe. Na época, nossa turma foi nomeada de a pior turma da escola. No ano seguinte, jurei nunca mais tomar bomba. Queria me formar logo e sair da escola.

Foi nesse processo de formação que conheci a Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo. Minha mãe estava louca para eu ir estudar lá, então pensei comigo mesmo: estudando na EFA, além de concluir o ensino médio, formaria também no curso profissionalizante técnico em agropecuária. Embarquei naquela nova etapa e me encantei com a forma de aprendizado que a escola aplicava. Me encontrei no curso e foi lá que aprendi a gostar de escrever devido aos relatórios que tínhamos que realizar a cada alternância. Com isso, me interessei também pela leitura, o que fez com que eu escolhesse a área de Linguagens para prestar o vestibular. Hoje estudo na UFVJM, onde faço o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Lembranças escolares

Keyliene Pereira Martins



Lembro-me que desde muito cedo tive um grande interesse pela leitura. Aos quatro anos de idade eu já fazia rabiscos tentando escrever meu nome com a ajuda da minha mãe, a quem sempre pedia para ler as histórias em quadrinhos. E tinha uma grande curiosidade de ficar folheando os livros e revistas.

Com cinco anos de idade, comecei a estudar por causa da minha irmã. Éramos muito apegadas e eu não conseguia ficar sem sua companhia. Nessa idade, a escola não me aceitava e, então, meus pais não enviavam para escola, mas eu chorava muito querendo ir com minha irmã. Então meus pais conversaram com a professora e ela me aceitou. Foi uma alegria imensa.

Minha relação com a escrita era muito boa e isso influenciou muito meus estudos. A maior alegria da minha vida foi poder ler e escrever. Todos os dias, eu e minha irmã, ao chegarmos da escola, mostrávamos nossos pais o que tínhamos aprendido. Era um orgulho imenso para meus pais pelo meu esforço mesmo sendo tão nova.

Nos primeiros anos na escola, minha relação com a escrita foi bem proveitosa. A professora que dava aula não exigia muito de mim, mas eu esforçava muito e minha mãe me ajudava sempre em casa a fazer continhas e a formar frases.

A escola tinha um papel muito bom, o ensino era de ótima qualidade, a professora era muito exigente e cobrava muito de cada um, além de exigir que os pais ajudassem os filhos em casa.

Os primeiros textos que eu li na escola foram estórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Também me lembro que havia uma prateleira enorme na escola com muitos livros que não era exatamente uma biblioteca, mas possuía muitos livros que a professora nos indicava para lermos em casa.

Com 10 anos, era para eu estudar na cidade de Ouro Verde de Minas, já na quinta série. Só que minha professora não me aceitou porque eu não tinha idade de estar naquela série

apesar das minhas notas serem ótimas. Então, eu permaneci na escola da minha comunidade por mais um ano para completar a idade certa e continuar os estudos. Como eu já estava bem avançada nos estudos, a professora me colocava para ajudar os alunos que tinham dificuldades na leitura e na escrita.

Com 11 anos, fui estudar na cidade de Ouro Verde e me deparei com muitas coisas diferentes como um professor para cada matéria, mas logo me acostumei. A maioria dos professores cobravam muita leitura, redação e sínteses do que tínhamos aprendido. Me lembro que isso era frequente em quase todas as matérias como Biologia, História, Português, Ciências e Geografia.

Em 2013, surgiu um projeto na escola chamado *Reconto*. Nesse projeto, tínhamos que pegar livros na biblioteca e ler para recontar para sala inteira. As (re)contações de histórias aconteciam toda semana e sempre era um gênero textual diferente como, por exemplo, fábulas, contos, crônicas e romances. O trabalho durou um ano e ajudou bastante na fluência dos alunos na leitura, pois era uma atividade avaliativa e todos se esforçavam para fazer um bom trabalho.

Em 2015, fiz o vestibular da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) quando estava concluindo o ensino médio. Tive a oportunidade de passar, o que foi um sonho realizado. Identifico-me muito com o curso, pois nele estou aprendendo uma profissão que presta valor à vida no campo, a realidade em que vivo.

Descoberta

Leidiane Calixto da Silva

Tenho 19 anos e moro na Comunidade Quilombola de Água Limpa, município de Ouro Verde de Minas, Minas Gerais. Antes de começar a ir à escola, o meu sonho era ser professora. Eu sempre brincava com minhas primas de escolinha, mas antes disso eu falava que ia estudar em Fidelândia e que um dia eu me tornaria professora. Mas antes de fazer seis anos e começar meus estudos, havia uma professora chamada Shirly que passava perto da minha casa para dar aula, em uma escola que ficava longe, no município de Ataléia, e se chamava Escola Municipal Ordem e Progresso. Quando a professora passava, ela falava para minha mãe que eu ia ser a aluna dela e eu ficava ansiosa para completar a idade certa para começar a estudar. Apesar de mais perto de casa ter uma outra escola, a Escola Municipal Getúlio Vargas, cuja professora era a Mariza, ao completar seis anos de idade, eu fui estudar em Ataléia com a professora Shirly que vinha da cidade de Ouro Verde de Minas. Passei a ir para a escola com ela.

Nos primeiros dias de aula, me lembro que quando saía de casa eu chorava porque não tinha nenhum outro colega ou irmão para ir junto comigo. Íamos somente eu e a professora que eu não tinha intimidade, além de eu não estar acostumada com aquela rotina. Nós íamos a pé. Saíamos de manhã, aproximadamente às seis horas e às sete já estávamos na escola. Nos dias que se seguiram eu já comecei a interagir com a professora e com os colegas de classe e tudo mudou.

Quando eu comecei a estudar, já sabia o meu nome e o alfabeto. Pois bem antes de entrar na escola eu já tinha uns livros didáticos que os meus primos me davam. Meu pai sempre me ensinava em casa a escrever o meu nome, o alfabeto, contar as sílabas, formar palavras, pintar e fazer continhas.

Eu fiquei tão feliz quando eu entrei para a escola que chegava em casa e já ia fazendo as atividades. Na Escola do município de Ataléia, eu estudei da primeira até terceira série.



Certa vez, eu adoeci e fiquei quase um mês sem ir à aula. Então me transferi para a escola mais perto de casa e fui estudar com a professora Mariza. Só que antes de ir para a escola da professora Shirly eu falava que não queria estudar com a professora Mariza, porque ouvia falar que não era uma boa professora. Só que depois da transferência eu comecei a gostar dela.

Quando eu passei para quinta série, que hoje se fala sexto ano, a cozinheira da escola, que se chamava Neuda, me deu um presente porque eu era a menina mais inteligente da turma. Consegui passar para uma nova série e aí fui estudar na zona urbana. Nós morávamos no campo em outra comunidade, a Córrego Queixada 2, no município de Ouro Verde. Depois que eu iniciei o sexto ano na Escola Estadual Eliza Leal, na cidade, me mudei para a Comunidade Quilombola de Água Limpa, onde resido até hoje.

Quando iniciei o sexto ano, na cidade, eu ia no transporte escolar e comecei a conhecer coisas novas, novas disciplinas, novos professores e fiz novas amizades. Juntamente com os colegas visitamos a biblioteca e passamos a fazer várias leituras. Foi aí que me incentivei a ler e a escrever mais. Estudei nessa última escola, a partir de 2008, do sexto ao nono ano. No nono, fizemos a formatura de despedida da escola.

Quando eu passei para o primeiro ano do ensino médio, no ano de 2012, eu fui estudar na Escola Estadual Vereador Luzo Freitas de Araújo. Em 2014, formamos no terceiro ano do ensino médio perto de completar 18 anos. Fizemos uma grande formatura no mês de dezembro.

Em janeiro de 2015, entrei numa faculdade na UFVJM, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em Diamantina, na Licenciatura em Educação do Campo. Estou no quarto módulo na área de Linguagens e Códigos. Agradeço muito a Deus de ter conseguido passar por esses anos anteriores, de estar batalhando e hoje estar em uma faculdade buscando ter mais conhecimento para ser uma futura educadora, o que sempre foi um grande meu sonho.

O descobrir e o decorrer da descoberta

Magno Santos Ferreira



Sujeito do alto Jequitinhonha, precisamente da cidade de Itamarandiba/MG, comunidade Padre João Afonso. Envolvido com atividades de agricultura familiar, tendo assim sempre uma aquisição de saberes empíricos. Acerca dos letramentos em minha vida, comecei a vivenciá-los desde muito cedo, quando tinha contato com textos e ainda não tinha um conhecimento de leitura e escrita. Não sabia ler, no entanto sempre ouvia histórias e narrativas das histórias da família, como também da comunidade. Também havia muitas histórias de terror que meus tios e primos mais velhos sempre contavam e nos deixavam com um sentimento que se caracterizava por medo. Pelo fato de os locais dos causos sempre serem como a passagem para chegar à escola, os morros e bambuzais, sempre esse caminho trazia uma nostalgia por nos fazer recordar das histórias de assombração.

Por ter tido a oportunidade de ser criado na zona rural, sempre lidávamos com animais domésticos, e nos víamos corriqueiramente frente a problemas relacionados à saúde desses. Meus pais e tios estavam sempre lendo bulas de remédios e folhetos informativos sobre prevenções, etc. E por ser de uma família muito religiosa, sempre me deparava com minha avó, mãe da minha mãe, lendo a Bíblia e outras orações em pequena escala. Já meu pai também tinha uma relação forte com manuais de instruções de equipamentos eletrônicos e motorizados, me mostrando a importância da leitura para o aprendizado.

Ganhei revistas nessa parte da infância, algumas revistinhas em quadrinho. Me recordo de que gostava muito de folhear revistas, isso me levava a pensar que estava estudando. Uma vez que via meus primos mais velhos indo à escola, eu me sentia convidado àquele espaço. Era recorrente assistir programas televisivos, educativos ou nem tanto. Eram desenhos animados, além de missas e outras pregações religiosas. Na comunidade prevalecia o cristianismo, sobretudo o catolicismo e, com isso, presenciei vários teatros religiosos, como a encenação da semana santa, entre outros.

Aprendi a escrever meu nome antes de entrar para a escola, como tentava escrever outras coisas com a ajuda da minha mãe. Ela sempre intensificava a aprendizagem com um jogo de letras do alfabeto de madeira com respectivos desenhos, cada madeira com uma letra e um desenho. Era bem legal e esse jogo era como um quebra-cabeças, que era passado a outras

crianças desde que aprendido por uma. Nos primeiros anos de escola, nos era dada a missão de escrever o nome completo, os nomes dos astros, da natureza a nossa volta, como estava o tempo naquele dia. Havia também atividades de colorir desenhos e ligar pontinhos que formavam letras e palavras. A escola foi extremamente importante nos letramentos iniciais da minha vida pelo fato da minha mãe não ter um saber tão grande a ponto de me ensinar muito. O contexto da época dela não possibilitou uma formação que passasse da quarta série. Era outra realidade e, mesmo assim, a escola também teve um papel na vida dela, algo que me ajudou muito, por sinal.

Não era comum alunos novos irem até a biblioteca da escola procurar um livro, no entanto sempre o professor nos levava para exercitar o hábito da leitura. Ao longo da vida escolar houve algumas mudanças. A segunda parte do ensino fundamental foi feita na escola estadual, uma vez que a municipal tinha oportunidade de oferecer um ensino apenas até a quarta série. O lidar com textos se intensificou no sentido de podermos ir à biblioteca e pegar um livro, com o dever de respeitar e cumprir as regras de empréstimos. Às vezes assistíamos os livros em formato de filme, como Harry Potter; Senhor dos Anéis; enfim, tínhamos essas opções. Comecei a me interessar nessa parte da adolescência por música, letras e cifras, além de ler livros com técnicas musicais.

Já no ensino médio, o contato com textos mais complexos cresceu. Pude vivenciar, ainda como estudante da rede pública de ensino, práticas universitárias trazidas pelos ingressantes no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Com o ingresso na universidade, se intensificou a leitura, pela própria necessidade e também por ter oportunidade de ouvir falar de autores brilhantes, muitos propostos pelos professores e pelos colegas que ingressaram antes.

Letramentos na minha vida

Manoel Macedo Martins

Nasci na cidade de Rolim de Moura, no estado de Rondônia. Minha família morava numa comunidade próxima. Quando criança, tive contato com textos escritos em livros infantis, sendo que naquela época eu escutava meu pai contar histórias todas as noites. A cada dia contava uma diferente. Aqueles momentos proporcionavam uma viagem no tempo que tornava a fase da vida mais interessante. Às vezes meus pais iam à cidade mais próxima fazer compras para nossa família, na volta para casa traziam muitos livros infantis com imagem de animais. Quando chegavam em casa com os livros, deixavam sempre guardados, para fazer uma surpresa para mim e minha irmã no anoitecer. Essas noites eram simplesmente incríveis e maravilhosas. Na casa havia um rádio em que escutávamos músicas todas as noites, tendo preferência por ritmos sertanejos.

Na fase de cinco anos de idade, meu pai começou a me ensinar a escrever as primeiras vogais e também o alfabeto, para eu poder escrever o meu nome. Sentia na presença dos meus pais o orgulho de estarem me ensinando a escrever as primeiras letras do meu nome. Ao longo de dois anos aprendi a escrever o meu nome completo, e de todos os componentes

da família, o do meu pai, o da minha mãe e o da minha irmã.



Quando tinha sete anos, em 1994, fui matriculado no ensino básico (primeiro ano na época). Não tive a chance de estudar numa pré-escola, onde morávamos não tínhamos acesso à mesma. Comecei a estudar o primeiro ano, na escola da comunidade. Essa fase inicial foi uma descoberta de novos conhecimentos, desafios e amizades na minha vida. A escola onde tive a fase escolar era bem simples, a biblioteca era numa sala ao

lado a que estudávamos todos os dias, havia apenas duas salas de aulas, que não tinham definição por turma, eram multisseriadas. Toda semana a professora levava a turma para a biblioteca para termos contato com os livros, onde ficávamos folheando os livros com a supervisão da mesma, que nos ensinava a importância que um livro. Lá, os desenhos e as palavras me fascinavam.

Em 1997, houve a separação dos meus pais, uma fase muito complicada para nossa família, sendo que houve a divisão dos filhos. Assim, minha irmã foi morar com minha mãe e, por consenso entre o casal, fiquei morando com meu pai. No ano seguinte, acabei de terminar o

ensino básico na escola onde tinha iniciado os meus estudos. No mesmo ano, mudamos para a cidade de Ouro Verde de Minas- MG, onde se iniciou uma nova fase na minha vida.

No período de 1999, fui matriculado em outra escola, dando início ao ensino fundamental. Estava inserido em um ambiente totalmente diferente do qual estava acostumado. Nesta fase, as salas tinham separação por turmas. A partir desse momento tudo mudou. Comecei a ter contato com muitas coisas novas, passando a conhecer uma biblioteca, com vários livros de diferentes assuntos. Lá foi onde fui pegando gosto pela leitura dos livros didáticos e fazendo resumo dos mesmos, tudo incentivado pelo meu professor de língua portuguesa Valdir.

Após quatro anos fazendo o ensino fundamental, em 2003 fui matriculado no ensino médio. Nesse período, os professores trabalhavam com os alunos a escrita e a leitura, época em que todos nós alunos fazíamos relatórios das disciplinas estudadas. Durante essa fase aprimoramos nosso conhecimento na interpretação de texto, trabalhando com livros didáticos e temas diversos, mantendo uma relação de ensino-aprendizagem. No ano de 2005, concluí o ensino médio na mesma cidade. A partir dessa fase, fiquei 10 anos fora da comunidade escolar. Nesse período, trabalhei em diversos setores, sendo o último no Programa Saúde da Família (PSF), em que exercia a função de agente de saúde, mas sempre fazendo concursos na região onde moro.

No ano de 2015, um amigo de nossa família me convidou para fazer um vestibular na LEC (Licenciatura em Educação do Campo) da UFVJM, onde acabei ingressando. Nessa nova fase, tive contato com os textos acadêmicos e com a produção dos mesmos, juntamente com as regras da ABNT, sendo uma experiência totalmente diferente da qual eu estava acostumado na escola. A didática acadêmica faz com que a gente se torne um docente crítico em relação aos acontecimentos da sociedade na qual estamos inseridos.

Luz para o meu aprendizado

Maria Karina Oliveira

Em minhas memórias, são poucas as lembranças que tenho sobre o meu desenvolvimento na escrita e leitura, principalmente em relação a materiais didáticos que tive contato. Porém, recordo-me de uma pequena criança de cabelos curtos e pretinho ainda com cinco anos de idade, parecendo uma indiazinha. Desde sempre muito comunicativa, dialogava com todas as pessoas que tinha contato, conversava até mais do que sabia.

Sempre morei na zona rural em uma pequena comunidade, no município de Itinga. Porém, com os meus seis anos de idade, devido a problemas relacionados à saúde da minha mãe, toda família se mudou para a cidade de Itatiaia, município do Rio de Janeiro. Sempre procurei ficar próxima à minha mãe, era ligada nela o tempo todo. Quando ela ia tomar seus medicamentos, as bulas dos remédios viravam minha descontração quase sempre.

Durante o tempo que moramos em Itatiaia, fui matriculada em uma creche. O ponto negativo da situação era a real situação por que estava ali: minha mãe não podia ficar comigo devido seus tratamentos. Entretanto, passei ali momentos relevantes para minha alfabetização. Lembro-me perfeitamente de todas as atividades que realizávamos na creche, dos esportes, das músicas e dos filmes animados que sempre assistia. O que eu mais gostava era do *Pequeno Bambi*. Aliás, a primeira palavra que falei e escrevi na escola foi Bambi. Na creche tínhamos contato com gêneros narrativos como as estorinhas infantis. Após um ano morando em Itatiaia, retornamos às origens, na cidade de Itinga. Em minha comunidade, fui matriculada na escola municipal que existia naquele tempo. Foram anos muito importantes para eu me aperfeiçoar na escrita e na leitura. A minha mãe era ex-professora da escolinha e me incentivava muito em casa, o que contribuiu para o despertar da minha curiosidade.



Nas séries iniciais do ensino fundamental, tive bastante contato com práticas sociais e culturais voltadas para a relação escola-comunidade, como as leituras e participações nas celebrações da comunidade, das narrativas que fazíamos sobre a comunidade e seus habitantes, dentre outras. Sempre gostei muito de ler e lia todo material que minha mãe

utilizava nos seus tempos de professora. Minhas irmãs preferiam brincar de boneca. Outra coisa que eu fazia sempre era ouvir as modas sertanejas com meu pai, com aquelas narrativas da vida do campo acompanhadas de um tom rústico da viola. Eu e minhas irmãs também íamos brincar de escolinha e, claro, eu sempre queria ser a professora. Isso além dos livros que costumávamos a ler, como *O Menino Molequinho*, *A Turma da Mônica* e vários outros.

Em minha casa, algo muito comum eram as noites de estórias. Como não havia energia elétrica naquele tempo, sempre reuníamos a família e digamos que eu tinha um livro de estórias fictícias e histórias reais em casa: o meu pai que sempre nos narrava todas elas. Ficávamos horas toda família na cama de casal da minha mãe ouvindo longas estórias, até dormirmos. As melhores noites eram quando meus pais não me tiravam da cama e me deixavam dormir com eles. Passei boa parte da minha infância em contato com gêneros narrativos, além de ler bastante a *Bíblia* e as preces na igreja da comunidade. Com o passar dos anos, comecei a gostar muito de ouvir o rádio. Lembro-me que o meu pais só ouviam moda de viola e eu gostava de ouvir aquelas estórias narradas nas músicas sertanejas, pois pareciam aquelas que meu pai nos contava todas as noites. Algo engraçado nessa época foi que continuávamos a nos reunirmos à noite iluminados por velas para a contação de contos. No entanto, o meu pai sempre pedia que nos contássemos umas estórias. O interessante é que eu, mesmo grandinha, contava estórias que continham sempre algum personagem com o nome de Bambi.

E foi assim que se deu o início ao meu processo de escrita e leitura, a partir do filme *O Pequeno Bambi*. Atualmente sou estudante de Linguagens e Códigos na UFVJM e me vejo futuramente como professora e trabalhando com estes gêneros textuais em sala. Pretendo, assim, dar continuidade a esse processo contínuo de aprendizagem.

Minhas lembranças de letramento

Maria Natiele Soares Ramalho

Quando criança aproveitei de tudo, fui sapeca, moleca, chorona, fiz arte para danar. Sempre tive contato com textos escritos em livros e revistas velhas que me davam para brincar, fazia de conta que sabia ler e escrever quando na verdade só rabiscava. Lembro-me do meu irmão mais velho sentado na mesa da sala estudando, fazendo a lição de casa, e a minha mãe escrevendo em suas cadernetinhas as receitas que ouvia no rádio. Via-a lendo a Bíblia e celebrando na igreja da comunidade, costume esse que mais tarde eu também adotei. Ambos me influenciaram muito, uma vez que fui para a escola já escrevendo meu nome. Já brincávamos de escolinha mesmo antes do meu primeiro contato com a escola. Na minha casa tinha um toca-fitas e um rádio que ficava ligado o dia todo. Passava música, notícias, previsão do tempo, inúmeras coisas; mas, segundo minha mãe, eu só prestava atenção nas músicas e saía repetindo igual papagaio.

Com cinco anos de idade, tive que ir para São Miguel, ficar na casa de uma tia, pois era hora de começar a estudar de verdade. Eu ia para casa dos meus pais só aos finais de semana e de vez em quando. Meu primeiro dia de aula foi mágico. Era tudo o que eu queria, mesmo que o sacrifício fosse ficar longe dos meus pais, apesar de que naquela época eu ainda não tinha essa compreensão. Logo aprendi outras letras além do meu nome, números, desenhos e assim o ano foi passando. No dia da formatura, eu fui escolhida para ir a frente fazer o juramento. Era tudo simples, mas inesquecível. Usei uma beca vermelha, nossa, me lembro como se fosse hoje! E a amizade com a minha primeira professora tenho até hoje. “Eternamente Tia Cida”, como aprendi a chamá-la.

No ensino fundamental recordo-me de ter chorado muito. Tudo parecia muito difícil, mas depois tudo foi se ajeitando. A metodologia era outra, fichinhas de A a Z, textos em quadrinhos, fábulas, produções de textos, e assim fui sendo alfabetizada. Não gostava muito de brincar de pique, gostava de ficar em turminhas menores. Nessa época não éramos motivados a ir à biblioteca, mas sempre tínhamos que ler, teve até um projeto na minha escola chamado *Zé do Livro* (um boneco que a gente levava para casa junto com um livro para ler para ele). Eu gostava muito de levar o *Zé* para casa. Ao longo da minha vida escolar, tive bons professores. Do quinto ao nono anos, adorava os projetos de peças teatrais, os recontos, ler livros, recitais de poemas e ainda dançava quadrilha todos os anos. Foi umas das melhores épocas até hoje.

Mas, por acaso ou descaso da vida, para concluir o ensino médio novas mudanças vieram. Tive que mudar de escola, mudar de cidade, ficar mais longe ainda dos meus pais, que nunca

mediram esforços para que eu e meus irmãos estudássemos; as férias ao lado deles passavam voando e já era hora de voltar à rotina.

Em 2013 fui para Frei Gaspar-MG para estudar o ensino médio. O primeiro ano não foi legal, havia alunos demais dentro de uma mesma sala que não queriam saber de nada. Isso foi me desmotivando, já não tinha interesse em ler, na escola nem biblioteca tinha direito. No segundo e terceiros anos, as coisas foram melhorando. Chegou uma professora que amava dar aula e que queria ensinar de verdade. Usava de uma metodologia além do cuspe e giz, conseguia prender a nossa atenção e queria que a gente aprendesse mesmo. Ela dava temas para gente pesquisar, estudar e debater em sala, a qual era dividida em grupos contras e a favor. No final, pedia uma redação. Isso nos preparava para o ENEM. Com isso, éramos instigados a ler, a ter curiosidade e a sermos cidadãos pensantes na realidade em que vivemos.

Por fim, logo que sai do ensino médio, fiz o vestibular da LEC. Passei, fiquei muito feliz. O curso hoje vem me possibilitando novos conhecimentos, novas experiências, como a leitura de textos científicos, atividade em que no começo tive muita dificuldade, eles pareciam impossíveis de entender. Mas com o passar dos módulos tudo vai clareando e as minhas expectativas para novos cursos já começam a surgir.

Memórias: viajando ao mundo da leitura

Maria Nilza Rodrigues dos Santos

Observar os meus irmãos mais velhos fazerem as tarefas da escola despertou em mim interesse pelo estudo e leitura. Com isso, aos cinco anos de idade, exatamente no ano de 1999, meus pais me colocaram para estudar na escolinha multisseriada de minha comunidade de Ilha das Cabras, situada na zona rural do município de Rio Pardo de Minas-MG. No início, depois de ter descoberto que estudar também é cansativo, eu pouco queria ir para aula, pois preferia ficar brincando a ir a pé para a escola. Apesar de ser razoavelmente perto, era cansativo para uma criança. Contudo fui me acostumando à rotina da escola e de estudos e sempre ia a pé até a escola.



Lembro-me que o que eu mais gostava nos livros eram as gravuras. Passava as folhas dos livros para ver todas elas e quando acabava começava de novo ou pegava outro livro na caixa. Tive vários professores até o quarto ano. Com isso, era mais complicado o aprendizado por ter que adaptar a maneira de ensino de outra pessoa. Uma coisa bem engraçada era que eu inicialmente não conseguia escrever a letra “E”, quando eu escrevia em letra de forma escrevia de “costas” /virado, ou melhor, espelhado. Meus pais, de famílias muito simples, estudaram pouco. Meu pai não chegou a completar o antigo primário e minha mãe foi à escola por dois dias e abandonou por morar muito longe.

Lembro-me que minha mãe me ajudava fazer algumas tarefas da escola e um dia ela notou que eu escrevia puxando dois riscos de cada lado da letra: “A” e ela ficou tentando me ensinar escrever o “A” com um risco só o “a” minúsculo. A escola em que estudei, na roça, tinha muitos buracos na parede. Por isso sempre coloríamos desenhos e enfeites para enfeitar a sala e cobrir os buracos. Aos sete anos de idade me lembro que a matéria que estudei era separação de sílabas. E da mesma forma que eu ficava tentando ler tudo que via escrita quando comecei a aprender a ler, comecei a tentar separar as sílabas das palavras que lia. Eu tinha dois livros com histórias infantis e uns textos bem divertidos com imagens. Amava passar horas lendo as historinhas e imaginando aqueles contos. Recordo que em uma mudança que minha família fez na nossa casa eu acabei perdendo um dos meus dois livros. Fiquei triste por isso e meus irmãos me deram um livro com travessuras do *Menino*

Maluquinho. Eu até gostava das charges e tudo, mas o que eu gostava mais era dos contos e dos textos do meu livro.

As primeiras lembranças que tenho sobre assistir programas de TV são as de cinco anos de idade aproximadamente. Assistia na casa da minha avó aos programas de desenhos e ao seriado Chaves. Quando eu tinha que dar recados na casa dos vizinhos eu ficava assistindo o Chaves e esquecia de ir embora. Outras vezes eu esquecia o que era para falar. Na minha casa ainda não tinha televisão, mas meus pais compraram uma quando eu tinha nove anos. Antes disso, o meio de comunicação mais utilizado em casa era o rádio. Hoje me lembro com saudade do meu falecido avô Levindo. Sempre quando vinha passear em casa contava para mim e meus irmãos causos antigos, rimas, musiquinhas infantis e fábulas, cada um mais engraçado que outro. Eu ainda me lembro perfeitamente de alguns deles.

Mudei de escola em 2003, quando a maioria das escolinhas rurais no Brasil foram nucleadas. O novo prédio da escola era legal, mas eu sentia falta da outra escolinha onde o recreio era mais divertido; brincávamos de pega-pega, queimada, casinha e tantas brincadeiras legais. Já não se coloria tantos desenhos, mas tínhamos produções ilustradas de texto para fazer e eu amava.

Meus professores do ensino fundamental e médio copiavam muito no quadro ou mandavam copiar do livro e eu não gostava muito de reescrever; mas gostava de produzir textos. Formei-me no ensino médio aos 16 anos de idade. Três anos mais tarde ingressei numa faculdade privada no curso de pedagogia, mesmo tempo que tive meu primeiro celular, possibilitando-me interagir melhor no mundo do letramento. Tempos mais tarde, sem condições de continuar a pagar os estudos, tranquei o curso. Logo em seguida ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM onde atualmente estudo Linguagens e Códigos.

Uma vida de letramentos

Marilene Rosa Dos Santos

Tenho 28 anos de idade, sou nascida e criada com minha família na comunidade Gameleira próxima à cidade de Medina. Meu pai é Manoel e minha mãe Nair, tenho cinco irmãs e três irmãos. Iniciei os estudos aos sete anos, na Escola Municipal Padre Egídio, escola rural, próxima à minha residência, fazia todo o percurso caminhando. A escola tinha uma única sala, multisseriada, onde a professora trabalhava com poucos recursos. O meu contato com a escrita e a leitura aconteceu na escola na escola, mas em casa ouvia sempre meu pai Manoel fazendo a leitura da Bíblia e fazendo reflexões escritas sobre a leitura feita. Isso me deixava curiosa e sempre pedia para ver, mesmo não sabendo o que estava escrito.



Os meus primeiros dias de aula foram de brigas com a professora Rosimar, pois ela era uma pessoa de pouca paciência e implicava com a chupeta em minha boca. Como eu era muito chorona, acabava fazendo birra sempre e não me adaptava à turma. Meu alívio foi quando houve a troca de professoras e entrou a professora Simone. Essa era muito paciente e tentava solucionar os problemas em sala de aula sempre, principalmente quando eram relacionados à aprendizagem do aluno. A partir daí, as coisas começaram a melhorar. Como o meu problema era com a chupeta, a professora trouxe um diário infantil com a capa do *Piu-piu*, com as páginas cheias de ilustrações e adesivos, e falou que se eu desse a chupeta a ela, ela me dava o diário. Então, negócio feito. Fiquei com o diário e o apelido de Piu-piu na escola. Para estimular e incentivar, todos os dias, tinha que escrever no diário o que havíamos aprendido em sala de aula. A professora olhava e deixava um recadinho escrito algo como “lindo”, “muito bem”, “você é uma gatinha”. Eu derretia toda. Simone era uma ótima professora e usava sempre estratégias para despertar o interesse dos alunos nas aulas e desenvolver melhor a aprendizagem. Entre suas estratégias estava o quebra-cabeça com os números e o alfabeto; a atividade dos animais e seus nomes; brincadeiras; prêmios para que conseguisse montar os quebra-cabeças. Era muito bom! Ela nos levava para fora da sala e sentávamos todos debaixo de uma árvore, contando histórias ou lendo um livro, ou catando cantigas de rodas como “Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu, dona chica cá dmirou do berro que o gato deu, miau”, e muitas outras. Como a escola

não tinha biblioteca e eram poucos os livros disponíveis, a escola recebia doações de livros das famílias.

Logo que aprendi formar as frases, a comunicação com os parentes que moravam longe era por meio de cartas. Meus pais começaram a me incentivar através da escrita de bilhetes e cartas. Não esqueço minha primeira carta. Foi para minha irmã mais velha que também é minha madrinha e que morava em Belo Horizonte. Além do texto da carta, desenhei um monte de corações e flores para enfeitar.

Sobre as atividades para casa, eu adorava quando tinha que fazer recortes de revistas e formar palavras e textos. Era sempre com o jornal que meu pai trazia do sindicato, ou com os folhetos do culto e panfletos de propaganda. Como não tínhamos condições financeiras para comprar cola, mãe fazia mingau de goma para usar como cola.

Os melhores dias eram véspera de São João e Natal. As quadrilhas eram muito boas. Adorava pintar os desenhos de balão e da fogueira, enfeitar a escola, até os ditados com as palavras que representasse o São João. Quando chegava dezembro ouvia as histórias sobre Papai Noel, o nascimento de Jesus e o famoso amigo secreto que deixava todos ansiosos para saber que presentes ganhariam.

Com as mudanças da escola rural para a escola da cidade, as formas das professoras ensinarem, os textos e os livros mudaram. Os livros de histórias, bíblicos, revistas e jornais passaram a ser mais didáticos e romances. Eram cinquenta minutos para cada matéria e quem aprendia bem, quem não aprendia passava sem aprender mesmo. Na EFA (Escola Família Agrícola), no ensino médio e técnico em agropecuária, líamos livros voltados para a formação, projetos e o campo. E quando cheguei à universidade voltei a fazer a leitura de todos novamente, pois vi a necessidade de fazer a leitura de todos os tipos de livros para a minha formação, e vi a importância de todas as fases e das formas que eu aprendi a leitura e a escrita.

Os caminhos da minha educação

Mateus Felipe Oliveira Santos

Nasci em uma pequena comunidade do interior chamada Pratinha, no município de Ataléia-MG. Durante a infância minha mãe fazia desenhos e eu pintava, sendo muito apegado ao papel. Meus primeiros contatos com textos se davam indiretamente por meio da televisão, da música e das cartas que recebíamos dos parentes distantes, mas o que mais me marcava mesmo eram as estórias que meu avô contava, mitos, lendas, além de alguns livros que minha mãe lia para mim.

Com cinco anos de idade, prestes a ingressar no pré-escolar, foi constatado que eu havia uma doença rara no fêmur, e isso me abalou muito. Devido à doença fiquei dois anos com uma das pernas imobilizadas, me movendo através de muletas e cadeira de rodas. Pelo fato



de a escola ser distante de casa, fiquei esses dois anos sem estudar. Quando realmente estava curado, fui obrigado a me mudar para Frei Gaspar-MG para morar com minha avó e minha madrinha. Na época sofri muito, já que era muito ligado à natureza e

à vida no campo, mas meus pais acharam melhor assim. Minha madrinha era servente na escola ao lado da casa de minha avó.

Ingressei na escola na fase introdutória já sabendo escrever o meu nome graças à minha madrinha, que me fazia estudar pelo menos uma hora por dia. Ela sempre me colocava para ler e fazer cópia de textos ou decorar a tabuada. Eu não suportava aquilo, pois desde muito pequeno adorava assistir TV. Só que graças a essas atividades me desenvolvi bastante quanto à leitura e à escrita. Quando fui para o primeiro ano, era um dos melhores alunos da sala e mais velho que todos os outros. Diante disso, a supervisora da escola e minha madrinha acharam prudente me trocar de turma e me colocaram no segundo ano. Isso, mais ou menos em março. Adaptei-me rápido à turma, a professora para nos instigar a ler adotou o projeto “Zé do Livro”, no qual nós tínhamos que levar um boneco de pano com um livro para casa e ler juntamente ao boneco.

Com o passar dos anos, meu gosto literário mudou muito. Logo nos meus anos iniciais, era fissurado por poesia. O livro *Arca de Noé* de Vinícius de Moraes foi muito importante para mim, além de ser o meu favorito, principalmente o poema 'A Porta'. Estudei em Frei Gaspar

até a terceira série e retornei para casa na roça, pois nesses três anos não tinha conseguido esquecer os meus hábitos do campo. A parte ruim era que deixei todos os meus amigos.

Durante todo o ensino fundamental éramos muito incentivados a ler por nossa professora de português, com o projeto de reconto, no qual todas as segundas tínhamos que relatar um capítulo do livro lido. A partir daí comecei a mudar o meu gosto literário. Passei a me interessar por aventuras, fantasias e mitologia grega. Ao finalizar o ensino fundamental, minha escola não tinha ensino médio, então tive que voltar para Frei Gaspar para cursá-lo, deixando novamente minha vida no campo e meus amigos.

No meu ensino médio, conheci uma pessoa que mudou toda a minha perspectiva. Ela me trouxe valores e abriu meus olhos para importância dos estudos: minha professora de língua portuguesa, que sempre demonstrou muito amor por sua profissão além de saber conduzir muito bem uma sala de aula. Eu sempre disse que não seria professor, no entanto hoje já sinto um interesse muito grande em estar à frente de uma sala de aula e vou levar essa minha professora como exemplo e modelo, com o objetivo de retribuir todos os ensinamentos que ela me proporcionou. Do meu primeiro ao terceiro ano, nós fomos muito motivados a ler e escrever para que nos preparássemos para o vestibular, então o foco era nos submeter a debates para usarmos o nosso poder de argumento.

A universidade me introduziu outro gênero textual, os textos científicos, que são muito interessantes, mudaram minha forma linguística e escrita. Isso, além da minha visão de mundo que foi transformada. Hoje tenho outros propósitos, todos ligados ao desenvolvimento educacional de minha comunidade e à valorização cultural da mesma, fazendo com que comunidade e escola se unam para um propósito maior, o desenvolvimento social de nosso meio e o seu fortalecimento territorial.

Minha grande paixão

Maura Rodrigues

Lembro-me como se fosse ontem meus primeiros contatos com a leitura e com os textos, tudo culpa da minha irmã. Eu tinha uns quatro anos e ela oito, quando ela me ensinou a juntar as palavras e me incentivou a ler. Com cinco anos eu já lia muito, todos os livros didáticos que ela estudava na escola, trazia para casa e me ensinava tudo. Meu primeiro ano na escolinha, com seis anos, foi muito frustrante exatamente pelo meu grau avançado na leitura. Ficava isolada num canto da sala de aula, pois eu era a única que sabia ler e escrever, então, segundo a “tia”, eu iria atrapalhar o desenvolvimento dos meus colegas. Ficava mais brava do que triste, pois eu gostava de saber, de ler e não me deixavam aplicar, chegava em casa e brigava com minha irmã por isso, mas mesmo assim retomava minhas aulinhas particulares, pois eu não queria parar de aprender. Como a situação estava ficando um tanto sem sentido para mim e para a professora na escola, ela resolveu me mudar de série, então eu ainda com meus seis anos fui parar no que na época era a primeira série. Mesmo sendo a mais novinha e miúda, era tratada como igual e assim fui seguindo, apaixonada pelos estudos, que era a única coisa que me importava para além de fazer amigos ou de brincar. Lia muito livro didático, escutava muita moda de viola com meu padrasto, o que fez com que eu e minha irmã começássemos a criar poesias. A gente gravava tudo em fita cassete, era muito legal. As poesias eram recitadas, em forma de música ou de jornal.

Fazia parte do congado do bairro onde morava, participava dos teatros na capelinha (com muito esforço para vencer a timidez). Até os meus nove anos tive o privilégio de ter minha irmã como grande incentivadora nos estudos, pois na escola eu não sentia esse esforço por parte dos professores.

Mudei de bairro e conseqüentemente de escola e, na quarta série, conheci um professor de história que me fez ter certeza do caminho que eu queria seguir; o de educadora. Apaixonei-me pela matéria e pela forma simples e objetiva do professor ensinar. Ele oferecia um leque de bons autores a cada aula ministrada e eu lia todos que podia. Até hoje encontro com ele no bairro, mas ele nem imagina a importância que teve no meu processo educativo.

Nunca repeti de ano até me formar no ensino médio. Durante toda minha trajetória escolar, sempre preferi ficar em casa lendo do que ir para rua brincar. Não que não tinha amigos, mas por ser muito tímida não gostava de socializar. Amava os crimes de Agatha Christie, não gostava muito de romances, mas curti bastante Sidney Sheldon na adolescência. Claro que minha vida escolar não foi sempre flores, houve leituras obrigatórias de livros que não pude comprar, resumos a que não tive acesso e conflitos com professores por este motivo, o que

marcou um tanto minha história de aprendizado. Porém, como eu já disse, a minha vontade e o gosto pelos estudos sempre foi enorme.

Entre o ensino médio e a faculdade se passaram 11 anos, pois tive que trabalhar e não sobrava tempo para os estudos, porém não desisti. Nesse intervalo, minha paixão pela política se aguçou e, no meu processo de militância, passei a ler mais sobre estudiosos, pensadores e filósofos socialistas, que inclusive é o que me prende até hoje. Passei a trabalhar em ONGs, o que me levou à universidade estadual, onde me formei em Gestão de Organizações de Terceiro Setor. Imagina, as melhores leituras que pude fazer eu fiz. Desde artigos constitucionais a cartas da ONU. Passei por outras universidades me agarrando à leitura dos meus pensadores favoritos como Marx, Lenin e Paulo Freire. Hoje estudo Licenciatura em Educação do Campo, casando tudo o que li sobre a luta socialista pela terra com a possibilidade de aplicar na prática processos educativos para os sujeitos que têm pouca ou nenhuma oportunidade de acesso à escola.

A leitura pela sobrevivência

Mauricio Teixeira Mendes



Nasci na comunidade São Pedro, zona rural do município de Itamarandiba. E foi em um mundo distante da povoação, sem recursos como estrada e energia elétrica, que tive meu primeiro contato com a leitura. De família católica, lembro-me de meu primeiro livro, contava a história de Adão e Eva, ganhei de uma tia. Ainda não sabia ler as palavras, mas fazia uma leitura onde ficava olhando as imagens e pensando o que ali estava representado. Aos sábados era uma festa, meu avô ligava o rádio a pilha na varanda da casa e eu, minhas tias e alguns vizinhos, nos reuníamos para ouvir. Quando o locutor proseava a gente só escutava. Quando tocava uma moda, a gente dançava. Minha família participava das novenas de Natal e vez ou outra acabava tendo contato com os livros da novena.

Minha mãe havia feito supletivo e começou a dar aula, eu era ainda criança quando tivemos que mudar por causa dos empregos que minha mãe acabara conseguindo. Devido passar por situações precárias, minha mãe me levava para a escola e com cinco anos já sabia ler e escrever. Um dia sentado na taipa do fogão à lenha, tinha uma lata de óleo daquelas de 18 litros, fixei o olhar na palavra óleo e com dificuldades falei *ó- le- o*. Minha mãe se espantou e pediu que repetisse. Sem saber se o que tinha feito era bom, fiquei meio *ressabiado*, mas quando minha mãe contou para o meu pai com uma feição feliz, repeti várias vezes e tudo que eu via lia.

Dias depois minha mãe me levou na escola, chamou a diretora e disse que eu tinha que ser matriculado na primeira série, justificando que eu sabia ler e escrever. Tudo que a diretora mandava eu lia. No ano seguinte, já com seis anos, entrei na primeira série. Na escola tive pouco incentivo para a leitura, mas gostava muito de revista em quadrinhos, principalmente de *As aventuras de Asterix e Obelix*. Sempre gostei de música e com onze anos comecei a tocar violão, então tinha que ficar ouvindo o rádio até passar a música preferida, daí copiava as letras para aprender tocar. Também na adolescência comecei os namoros de escola, e escrevia cartas apaixonadas para várias garotas.

A dificuldade de acesso ao livro e ter que trabalhar para ajudar minha família foi me desestimulando a leitura. A escola foi ficando cada vez mais difícil. Na minha comunidade consegui concluir o ensino fundamental, mas o ensino médio estava muito difícil. Fui estudar a cerca de trinta quilômetros de minha casa, quando chovia andava mais de vinte quilômetros a pé, à noite e embaixo de chuva. Abandonei a escola e fiquei um tempo sem estudar, o que ia causando mais distanciamento da leitura. Em uma cidade vizinha consegui uma vaga no SESEC e foi assim que com muita dificuldade concluí o Ensino Médio. Durante oito anos engavetei os estudos juntamente com a leitura.

Surgiu uma nova oportunidade, vestibular do curso de Licenciatura em Educação no Campo da UFVJM. Fiz o vestibular e fui classificado. Comecei a estudar e tive muita dificuldade de retomar o hábito à leitura. Quando comecei a ler textos acadêmicos acabei me interessando nas disciplinas e nos temas que tratavam da minha realidade de sujeito camponês marginalizado e às vezes excluído pela sociedade. Através destes textos fui percebendo o quanto seria importante o letramento para ajudar a minha comunidade.

A leitura que era uma obrigação acabou sendo prazerosa, pois a cada dia me sinto mais parte desta história que a Educação do Campo me proporciona. Atualmente estou cursando as disciplinas do IV módulo e estou muito animado com as dinâmicas de incentivo à leitura. Quando passei pela disciplina de introdução à literatura descobri um mundo desconhecido por mim. Estou com muitas expectativas dentre elas publicar livros, artigos, fazer mestrado e doutorado.

Um mergulho em meus letramentos

Napolitânia Gonçalves da Silva



Vasculhando as minhas memórias de letramento, me recordo de que o mais comum em minha casa e nos lugares que eu frequentava antes ingressar no primário era o contato com revistas em quadrinhos e muitos livros para colorir. Nesse tempo, não permitiam que crianças pegassem nos livros para não sujar. Antes do primário, durante e até nos dias atuais, minha referência foi a minha mãe. Ela sempre lê a Bíblia e, desde pequena, esse foi meu incentivo. Ela fazia revezamento, minha irmã tinha que ler um versículo e ela lia outro. Eu ficava com muita vontade de ler, mas não conhecia todas as sílabas. Mais adiante, comecei a juntar as sílabas e, quando fui para o pré-escolar, já sabia ler muitas frases e escrever meu nome.

Como minha mãe trabalhava de doméstica, às vezes trazia algumas coisas que as patroas não utilizavam. Uma vez ela trouxe para casa algumas fitas cassetes com histórias de contos de fadas. Aquilo foi motivo de festa, pois ainda não tínhamos ouvido história daquele jeito, somente quando a professora contava em sala. Outro contato com texto era nas folias e nas rezas de que eu participava, pois a comunidade católica sempre teve uma presença muito forte em minha vida. Me lembro de que o professor pedia para a turma escrever como foi nosso dia, o clima, se o dia estava ensolarado ou nublado, entre outros. Isso nos dava liberdade para escrever outras coisas, eu sempre escrevia 'mãe te amo'.

No ensino fundamental, minha referência era minha professora de português que, apesar de ensinar pouco, compunha suas músicas em sala e ainda cantava para todos da turma. Isso nos fazia viajar em um mundo de imaginação. Pensávamos: “como ela é louca”. Já no ensino

médio, tive uma rígida professora de filosofia e o que ela tinha de antipática, tinha de exigente! Mal sabia eu de como isso seria de grande valia para meu aprendizado. Tínhamos que apresentar todo mês um trabalho ou uma peça teatral, o que exigia muito de nós, pois as apostilas da mitologia grega que usávamos eram enormes. E ao ingressar na universidade vi que as apostilas dela nem eram tão grandes assim!

Sinceramente, me recordo de ter lido alguns livros, mas o que não me sai da memória é o diário de Anne Frank: uma menina de 13 anos, judia, que na Segunda Guerra Mundial teve que se esconder durante dois anos. Nesse período, ela escrevia seus pensamentos e sentimentos destes anos de confinamento.

Minha trajetória escolar

Nicarla Serafim de Souza

Nasci no Quilombo Santa Cruz, zona rural de Ouro Verde, um lugar pequeno. Foi ali que comecei a construir meu primeiro contato com a leitura, mesmo lá não havendo energia elétrica. Aos cinco anos de idade, meus pais contavam muitas histórias para mim e meus irmãos; além disso, minha mamãe já havia começado a nos ensinar ler e escrever nessa época. Através das histórias que eram contadas, surgia uma vontade imensa de ter um livro, mas não tinha condições de comprar um.

Quando completei seis anos, comecei a estudar na primeira série. Nesse tempo não havia transporte escolar, a gente ia a pé para escola. Era muito longe de casa, mas a gente era uma turma grande eu, meu irmão, meus primos e primas, meus vizinhos. No primeiro dia de aula, a minha professora era a tia Rosaria. Ela começou a nos ensinar a fazer o nome, em seguida foram as vogais, depois o alfabeto. Mais para a frente, começamos a aprender a ler, foi uma experiência muito boa, tudo era novo para mim. Notava o quanto a leitura realmente fazia as pessoas viajarem e conhecerem novos lugares e pessoas sem sair do lugar. Lia tudo que encontrava pela frente, naquela época eu era apaixonada por personagens do mundo da fantasia. O que mais marcou a minha infância foi que assim que aprendi a ler, o meu sonho era ter um livro.

Sentia-me triste, pois a gente na escola não tinha biblioteca. Mas, num certo dia, fui para escola e, ao chegar lá, tinha um pessoal de fora vendendo livros. Fiquei desesperada naquele momento, eu e meu irmão. A gente foi lá olhar os livros e, ao chegar lá, eu peguei um livro que contava a história da Branca de Neve. Naquele momento, tudo que mais queria era ler aquela história, porém, mais uma vez, não tinha dinheiro para comprar. Foi aí então que minha professora estava passando e comprou-o e me deu de presente. Neste momento eu fiquei muito feliz, foi um dos melhores presentes que ganhei na vida.

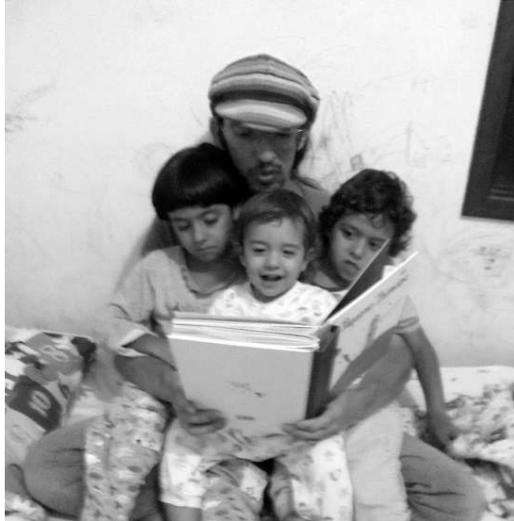
Com 11 anos fui estudar na cidade de Ouro Verde de Minas, pois na zona rural não tinha ensino da quarta série em diante. Fiquei muito ansiosa, iria conviver com novos professores em sala, o que seria algo muito novo para mim. Começamos a estudar matérias novas, desenvolvi novos conhecimentos, comecei a fazer outros tipos de leituras e a ver novas formas de escrever. Esforcei-me bastante até chegar ao ensino médio, quando tive que me dedicar ainda mais, pois tinha o objetivo de fazer faculdade.

Terminando o ensino médio, eu prestei vestibular em uma faculdade em Teófilo Otoni, optei pelo curso de enfermagem, consegui passar com 50% de desconto e comecei a fazer a faculdade em janeiro de 2015. Quando fiquei sabendo do curso da LEC, tive interesse, fiz a

inscrição e consegui passar no vestibular. Atualmente estou matriculada em uma universidade federal. De uma criança que só queria um livro da Branca de Neve, passei a ler agora grandes autores brasileiros renomados e vou a cada dia construindo mais e mais saberes.

A biblioteca da minha vida

Pablo Bedmar Soria



Sempre estive rodeado de livros. Lembro das prateleiras cheias no salão de casa, poucos novos, muitos velhos como o diário do bisavô da minha mãe, escrito com sua caligrafia perfeita de escrivão, cheio de histórias da guerra de Cuba. Em casa meu pai desenhava seus protótipos de aerodelismo, e a minha mãe estudava enfermagem, escrevendo muito e desenhando esqueletos. Eu tinha que ficar na ponta dos pés para conseguir enxergar acima da mesa e achava seus desenhos difícilísimos. O diário local circulava de casa em casa, e eu sempre gostava

de pegá-lo na caixa de correios assim que chegava da escola. Mais tarde também me interessei em ler os jornais, sobretudo o de domingo, com artigos mais elaborados.

Certa vez, aos três anos, tive que fazer uma viagem com a minha mãe. Acho que foi uma viagem para fazer testes de visão e minha mãe foi me comprar uma revista de quadrinhos. Devo ter sido muito insistente, porque ganhei uma de super-heróis em branco e preto, que na época era só para adultos. Adorei pintar os desenhos, mas não entendia o que estava escrito ainda. Foi meu primeiro *comic*. Mais tarde, fui colecionador de centenas deles.

A minha tia Terê lia trechos de livros antes de ir dormir: “A história sem fim”, “Momo” e outros de Michael Ende, que virou um dos meus autores favoritos. Lembro-me de quando aprendi a ler na escolinha e do peso dos meus primeiros óculos escorregando sempre no meu nariz. Desde sempre, dividia com meus três irmãos as histórias de quadrinhos, e alguns fascinantes livros ilustrados. Lembro-me com especial carinho de um deles: “O Livro Vivo dos Barcos”, com figuras *pop-up* e janelas que podiam abrir e fechar, para ilustrar os mecanismos por dentro dos barcos, submarinos etc.

A TV em casa era em preto e branco. Eu não enxergava bem e, por isso, deitava muito perto, na frente. Meu pai gostava de futebol e filmes de faroeste. A minha mãe gostava mais de ouvir rádio, especialmente notícias. Em algum momento, alguém nos presenteou com uma fita de contos infantis, que escutávamos aos sábados, na casa de uma tia, pois não tínhamos tocafitas. Aprendi eles de memória de tanto escutar. Demorou muito até chegar em casa o primeiro

toca-fitas, emprestado; foi na época em que Michael Jackson lançou seu disco “Thriller”, que a minha irmã mais velha gravou e não parava de escutar.

Eu nunca tive muito interesse na escola, mas lia muitos *comics* e desenhava homenzinhos lutando e gibis de detetives durante as aulas. Não tinha biblioteca na escola, mas ia para a biblioteca municipal muitos dias, para fazer trabalhos ou para ler, pois fica muito perto da escola. Lia sobretudo durante as férias de verão, num quiosque no parque com livros e gibis da biblioteca. Com isso, eu podia deitar na grama por horas e ler os quadrinhos e livros de aventuras. Naquela época, era costume escrever cartas. Minha mãe guarda muitas delas.

Na escola sempre escrevemos. O tema era geralmente livre, com alguns gêneros definidos. Meus textos eram sobretudo de fantasia. Lembro-me de alguns títulos como “A Biblioteca Universal”, inspirado na enciclopédia de casa que me fascinava quando pequeno, na qual achava que estava escrito o saber do mundo inteiro. Lembro-me também da série “Luz de Luna I, II, III...”, com novas histórias protagonizadas pelo personagem Piotr Nicolievich, que peguei emprestado de um dos primeiros livros que lemos como tarefa para casa. Na escola onde estudei o primário, se guardavam livros de contos em caixas escondidas no banheiro do diretor, e lembro que algum dos meus favoritos eu roubei dessas caixas junto com outro amigo, igualmente apaixonado por livros. O gosto pela leitura crescia com o tempo, às vezes faltei nas aulas do secundário porque não conseguia parar de ler os livros de J.R.R. Tolkien.

A leitura tem me ajudado a aprender muita coisa de forma entretida, sobretudo a cultivar a imaginação e a criatividade, a expressar melhor minhas ideias, a cultivar e aprimorar muitas habilidades e a entender culturas e línguas diferentes. Durante a universidade, mudou meu tipo de leitura para textos muito acadêmicos, cheios de teorias, dados e referências, numa linguagem que satisfaz a curiosidade, porém não o gosto pela leitura.

Mesmo sendo a escola o local onde eu aprendi a ler e escrever, foi a minha tia Tere quem me inspirou a gostar de ler livros, e a família que sempre disponibilizou livros por perto. A facilidade de ter uma biblioteca pública e bem completa do lado da escola e perto de casa foi também fundamental, a que agradeço infinitamente.

Portas abertas pelo conhecimento

Patrícia Pereira de Souza



Durante toda a minha infância convivi com pessoas semianalfabetas que possuíam um conhecimento de mundo muito grande. Apesar da deficiência de leitura existente em minha casa, desde os meus quatro anos de idade eu realizava leitura

de textos não verbais, pois a minha mãe me presenteava com livros de historinhas infantis. A minha mãe era alfabetizada, no entanto nos separamos quando eu ainda tinha apenas dois anos de idade. Desde então eu a apenas uma vez por ano.

Alguém que me incentivava muito a conhecer o mundo da leitura era o meu tio mais velho que trabalha em um dos hotéis mais conhecidos de Guaratinguetá. Ele é um homem muito culto e possui uma etiqueta que para nós moradores do campo era admirável. Toda vez que ele ia em casa eu ficava observando a sua forma de se portar, folheava os seus livros e revistas, assistia junto a ele os programas da TV Aparecida e Canção Nova.

A minha primeira professora se chamava Maria do Rosário. Ela pedalava todos os dias 20 quilômetros para ir e vir da minha comunidade, mas trabalhava com amor de forma dinâmica. Foi com ela que aprendi diversas brincadeiras para melhorar a minha psicomotricidade, brincadeiras que realizo com os meus alunos em uma escola quilombola comunitária que também se localiza em minha comunidade.

Sempre gostei de ouvir e escrever versos e histórias contados pela minha avó. Quando estava no quarto ano retirei folhas de cadernos velhos e coleí umas nas outras montando um novo caderno, fiz um lindo desenho na capa, ainda tenho na lembrança o dia em que o mostrei para a minha professora. Ela ficou admirada com minha criatividade e propôs que escrevesse nele versos, poemas e poesias, algo que estimulou a minha leitura apesar de até então não gostar de poesias.

Sempre quis estudar com caderno de capa dura. Era um sonho, mas minha família não tinha condições até que minha avó teve acesso a uma política pública de nome Bolsa Escola e pode comprar uma caderneta com a capa mais resistente. Às vezes eu saía da escola às

pressas, pois nas épocas de plantação, ao chegar em casa eu ia para a roça com a minha avó e lá realizava as minhas tarefas escolares.

A minha avó sempre foi muito religiosa. Recordo que ela sempre me levava à igreja aos domingos para participar da catequese e no período da tarde íamos juntas ao culto. Lembrome que a minha primeira leitura na igreja foi o Salmo, eu ainda não conhecia a palavra 'quando', e foi então que adquiri o letramento sobre essa palavra.

Aos 10 anos comecei a estudar em Ouro Verde, ia todos os dias no ônibus escolar, mas tinha semanas em que íamos a pé e voltávamos às sete horas da noite e ficávamos esperando outro carro para nos levar até nossas casas. Tinha dias em que chegávamos na escola sujos de lama e passávamos por discriminações pelos nossos colegas de turma.

Entre os presentes que a minha mãe me dava estavam tintas para colorir e cadernos de desenho. Gostava muito de pintar e no sexto ano a professora de artes pediu que fizéssemos um quadro abstrato e a cada aluno deu uma frase de um filósofo. Foi aí o meu primeiro contato com a filosofia, infelizmente a minha pintura não foi selecionada.

Desenvolvi o meu gosto pela leitura com o incentivo de amigas que sempre iam à biblioteca. Comecei lendo um livro da mitologia grega, pois era esse tipo de narrativa que conhecia, temos em minha comunidade uma minibiblioteca de nome Arca das Letras. Ao ler o segundo livro da biblioteca de onde estudava, já estava nos anos finais do ensino fundamental, foi aí que me apaixonei por romances.

No ano de 2010, a minha turma produziu um livro chamado *Ensinamentos Grandiosos* para ser exposto na feira de cultura da escola. O conteúdo do livro era de fábulas escritas pelos alunos do primeiro ano do ensino médio.

Me formei no ano de 2013 na Escola Estadual Vereador Luzo Freitas de Araújo. Fiquei o ano de 2014 fora da sala de aula, mas não deixei de adquirir novos conhecimentos. Apesar disso, neste mesmo ano fiz o Enem e o vestibular para ingressar no curso Licenciatura em Educação do Campo no *campus* de Diamantina. Fui aprovada. Já no ano de 2015 recebi o resultado do Enem e fui aprovada também pela Universidade Federal de Viçosa, porém, pelo fato de ser o mesmo curso, optei por permanecer em Diamantina.

No ano de 2016 passei por outro processo seletivo e fui selecionada pela UNILABE para cursar Agronomia, mas infelizmente devido a distância e por estar em outro curso preferi continuar na Licenciatura.

Hoje eu sou docente na Escolinha Filhos de Dandara, catequista, membro de uma associação quilombola, integrante do grupo de jovens, participante de movimentos sociais e por fim, aluna do curso Linguagens e Códigos.

Da infância à juventude

Paulo Vitor Alves

Nascido e criado em Sabinópolis-MG, filho adotivo de duas pessoas queridas, meus pais estudaram até a quarta série do ensino fundamental. Antes mesmo de entrar para a escola, minha irmã me buscava na casa de meus pais para passar algumas horas na casa dela, afinal, meu pai ia para o trabalho e minha mãe, que tinha os afazeres domésticos, não tinha muito tempo para ficar me pajeando. Ao chegar à casa da minha irmã, ela contava as histórias, me mostrava as gravuras e eu tinha que recontar em seguida a partir dos desenhos. Como ela é professora, sempre tinha livros, enciclopédias, revistas, coleções de livros, gibis, jornais, etc.

Minha irmã me mostrava as ilustrações e contava o que representavam e também dava algumas atividades de ligar os pontos. Eu não tinha uma coordenação motora boa, mas ela sempre dava um auxílio. Foi assim que aprendi a escrever o meu nome. A forma que o meu pai lia as coisas era totalmente diferente de todas as pessoas que eu ouvia lendo. Mas só com o passar dos anos que eu fui entender o porquê daquela forma de leitura. Entrei para a escola Municipal Pingo de Gente para fazer o pré-escolar sabendo escrever só meu nome, ou a desenhar meu nome, pois eu não tinha a noção das habilidades de codificação e descodificação do ato de ler.

Depois do primeiro contato com o alfabeto, e dominando reprodução dos sons, todo e qualquer lugar que tinha escritos eu tentava ler. Quando não conseguia ler, pedia ajuda a quem estava me acompanhando. A minha professora do pré era a Amarilda que foi uma excelente professora e tinha muita paciência com todos os alunos. Entendendo as palavras, ganhei mais livros ilustrados e com pequenas histórias de fácil compreensão para eu ler e contar as histórias para minha irmã. Eu tinha sempre horários marcados para a hora do lazer também, eu tinha sempre uma hora por dia, eu ia para a pracinha brincar com os amigos, jogar bola, pique-esconde, chuta lata, polícia e ladrão. Sempre gostei de ter amigos.

Depois de um tempo passei para o fundamental I, que foi do primeiro ao quinto ano, e fui estudar artes, educação física, linguagem oral e escrita, matemática e ciências naturais. Tive professoras boas e com metodologias bem interessantes, material com muitas gravuras, tirinhas e textinhos em sala de aula. O para casa era de atividades de soma, subtração, divisão, pesquisas em jornais, revistas e outros. No ensino fundamental II, do quinto ao nono anos, com o acesso à internet, as pesquisas e buscas foram facilitas. Por incentivo dos professores e interesses pessoais, sempre ia à biblioteca. Então, fiz o meu primeiro curso de informática básica.

Quando passei do fundamental II para o ensino médio, mudei para Belo Horizonte, onde tive contato com um letramento maior do que eu tinha na minha cidade. Então dei meus pulos dentro da capital (risos) e me dediquei mais ao trabalho que aos estudos. Meu primeiro emprego foi em um supermercado. Aprendi fechamento, balancete, algumas coisas de almoxarifado, depois trabalhei em uma escola de informática onde tive que fazer vários treinamentos e depois um avançado. Passaram-se alguns meses e um amigo meu de Belo Horizonte, que trabalhava em um almoxarife, disse que iria sair do emprego e que teria que indicar alguém. Como eu havia trabalhado no supermercado como almoxarife e tinha uma compreensão do que eu teria que fazer para aprimorar, eu fiz um curso online de almoxarife para incrementar o que eu já sabia. Depois arrumei outro trabalho que ganhava mais em uma loja de ourives. Eu dava banho nas joias, polia, fabricava algumas coisinhas também. Nesse meio tempo fiz Orville Carneiro para tentar entrar no Cefet ou no Coltec que têm o ensino médio e técnico, mas infelizmente não consegui. Estudei em algumas escolas públicas de BH, mas não conciliava com meus trabalhos. Então voltei para minha cidade e concluí o ensino médio no EJA (Educação de Jovens e Adultos) e passei na UFVJM.



Minha relação com gêneros textuais

Renata Mendes Assis

Quando criança, não tinha muito acesso a livros ou qualquer tipo de informação. Aquilo com que eu mais tinha contato eram uns folhetos e uma Bíblia para criança, distribuído pela igreja da minha comunidade. Meus pais sempre me incentivavam a ler, e eu tinha o desejo muito grande de poder ler na igreja como meus colegas mais velhos liam. E contam meus pais que eu gostava muito de ler, então eu pegava revistas, jornais, folhetos etc. Com qualquer tipo de texto eu fazia isso. E mesmo não sabendo ler direito, fingia que sabia, inventando ou criando uma leitura a partir das imagens. Isso com certeza ajudou na minha interpretação e na construção de minha leitura.

Quando ingressei na escola, já sabia ler um pouco, escrever meu nome e estava ansiosa para poder estudar. Na biblioteca, gostava de ler história em quadrinhos, chapeuzinho vermelho, histórias de princesas, narrativas, fábulas etc. Do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, inicialmente tivemos o professor tio Zezinho que, posteriormente, por motivos adversos, foi substituído por tia Raquel. Chamávamos de tios por termos um respeito e carinho muito grande por eles. Eles eram professores muito bons, todos os dias no início da aula, escrevíamos uma espécie de calendário específico, colocando dia, mês, ano, nome do estudante e do professor, nome da escola etc. Eram informações básicas que nos incentivavam a escrever. Nessa época, a professora nos orientava a executar teatros, danças, leituras, entre outras atividades que ajudaram muito em meu desenvolvimento no processo de letramento.

Passar para o ensino fundamental II foi meio que um impacto, pois estava acostumada somente com um professor trabalhando em uma escola multisseriada. Ao me deparar com um professor para cada disciplina, senti a falta da proximidade dos antigos professores, mas com o tempo fui me acostumando à nova realidade. Nesse período, gostava muito de escrever redações. Nessas atividades o professor dava um tema a ser abordado e, quando isso não acontecia, eu mesma escolhia um e escrevia. Conduzida pela professora de português Dilvânia, tivemos um chá literário, onde construímos um caderno. E, a cada semana, líamos um livro e fazíamos um resumo, mais o desenho da capa do livro, e respondíamos um questionário proposto pela professora com informações do livro. Esse projeto foi um dos que mais gostei, pois, a partir dele, me interessei mais pela leitura. Não só a professora de português nos incentivava, mas também os professores das disciplinas de inglês, história, entre outras.

O ensino médio foi o período que mais me esforcei a ler e a escrever, principalmente redações, pelo fato de me interessar em prestar vestibulares para posteriormente ingressar em uma faculdade. A professora de português sempre pedia redações e me incentivou a participar de um curso de redação, conduzido pelo diretor da escola. Foi uma experiência enriquecedora, na qual aprendi muito.

Portanto a escola e meus pais tiveram um papel fundamental na construção de minhas práticas de leitura e em meus aprendizados. E hoje estar na faculdade, cursando Licenciatura em Educação do Campo na Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LEC/UFVJM), é um sonho realizado.

Infância querida: autobiografia de letramento

Rosimara Soares



Ainda lembro bem o quanto eu desejava ir para a escola. Morávamos no campo, meus pais eu e meus irmãos, e tínhamos pouco acesso a livros, somente à Bíblia e a revista de cosméticos.

Na minha comunidade só existia uma escola com uma professora que tinha a antiga quarta série que, naquela época, era um grau muito elevado de estudo. Então comecei a estudar com uns sete anos, quando eu já sabia escrever algumas letras e principalmente as vogais. Lembro que ouvíamos muitas músicas à noite, pois não tínhamos televisão.

A professora passava muito texto para casa. Tínhamos que decorar tudo para que, no outro dia, ela tomasse a leitura na sala de aula para que todos ouvissem. Meus irmãos mais velhos sempre me ajudavam na decoreba. Demorei muito para aprender a ler, apenas decorava, pois era essa forma que a professora estimulava. Quando terminei a antiga quarta série, passei a estudar na cidade mais próxima: Brasília de Minas. Íamos de ônibus. Era a maior festa no caminho para ir e para voltar, cansativo, mas era muito bom.

Quando terminei o ensino fundamental, fiquei um tempo sem estudar, pois não tinha o ensino médio na escola. Depois de uns três anos comecei o ensino médio no mesmo processo, ia de ônibus e era praticamente o dia todo de viagem e era muito cansativo. Tive muitas dificuldades, pois passamos a ter vários professores e muitas disciplinas. Muito diferente para quem estava acostumado apenas com um professor.

Parei de estudar várias vezes, era muito difícil e meus pais não se importavam muito com os estudos dos filhos. Acho que por não terem estudado. Depois de várias tentativas terminei o ensino médio. Novamente levei vários anos para começar a estudar novamente. Conheci um

amigo que me falou sobre a educação do campo na UFVJM. Fiz a inscrição do vestibular com umas amigas, fizemos a prova e conseguimos passar. Fiquei muito feliz, pois sempre quis fazer português e essa foi uma grande oportunidade que via no momento.

Apesar das dificuldades, me sinto feliz em estar cursando Licenciatura em Educação do Campo, pois percebo que estou dentro da minha realidade, no contexto do campo, e preservando a minha cultura e identidade.

Grandes viagens no mundo da leitura

Sabrina Lemes Vieira

Nasci na comunidade de Padre João Afonso, zona rural do município de Itamarandiba, sou filha de pequenos agricultores. O meu primeiro contato com a leitura vem de berço, meu nome é Sabrina pelo fato de minha avó ler livrinhos de romance de uma série que era vendida em bancas, cujo título é “Sabrina”. Meu primeiro contato pessoal com a leitura foi através de meus primos, pois eles eram mais velhos e brincavam de dar aulas para mim e para os mais novos. Na varanda da casa da minha avó passávamos a metade do dia brincando de escolinha e só não brincávamos à noite, porque na casa não havia energia elétrica. Foi ali que construí um desejo enorme de aprender a ler, para viajar no mundo das histórias, como diziam meus primos.

O domingo era o melhor dia e ao mesmo tempo se tornava o pior dia da semana. Eu e meus primos acordávamos cedo, para irmos à igreja. Eles faziam parte do grupo da liturgia, já eu ficava somente olhando. Sentia-me uma burra, achava que nunca iria aprender a ler, mas logo esse sentimento passava, pelo fato de no final da liturgia sempre ter uma apresentação teatral com músicas e era aquilo o que mais me animava. Eu participava de papéis pequenos, mas o que importava era estar lá. Ao ver todos da minha família lerem, imaginava que aquilo era uma sabedoria fora do normal, eu queria construir a minha também. Entretanto, quando descobri que meu pai não sabia ler, não queria pensar que ele era burro, então queria ensiná-lo e, sem saber o que tinha nos livros, eu dava aula para ele como meus primos faziam comigo.

Aos seis anos de idade fui para escola, já sabia escrever meu nome, mas ainda não lia. No meu primeiro dia de aula estava totalmente animada, ia fazer parte da turminha da tia Roseana - ela amava que a chamássemos assim. Mas aí veio uma decepção: naquele ano ela não nos ensinou a ler, ficamos somente nos numerais e alfabeto. No outro ano, tinha mudado de professora, era a Tia Eliane, professora que deixou saudades. Agora sim, aos sete anos de idade aprendi a ler. Nossa, a cada aula eu chegava em casa ainda mais eufórica, queria ler tudo o que via pela frente. Foi aí que ganhei o Almanaque do Menino Maluquinho e me apaixonei por Ziraldo. Eu amava aquele livro, lia e relia-o muitas vezes e não me cansava. Às vezes tinha umas palavras que eu nem sabia o que significava, aí a imaginação ocupava ainda mais a minha mente.

Na escola, passei muitas dificuldades. Nem tudo era fácil só porque gostava de ler, minha escrita sempre era muito questionada pelos professores, pelo fato de eu querer escrever tudo usando a ficção dos livros que eu lia. Até que a minha professora resolveu fazer um projeto em que os alunos iriam cada um escrever um diário que dialogaria com a realidade do seu

autor, não com a dos livros. E foi aí que percebi que escrever também era interessante, que leitura não se construía somente lendo, era importante escrever também.

A escola sempre teve um papel de extrema importância na questão do meu letramento, incentivava-me a produzir textos, pois, segundo uma professora de português, seria praticando que iríamos aprender. Éramos motivados a ler e apresentar em sala o que líamos, foi aí que tive mais contato com a literatura. Comecei a ler livros de autores brasileiros como Guimarães Rosa, Aluísio Azevedo, José de Alencar. Autores que dialogavam com minha realidade de moradora do campo. Agora, a menina dos meus olhos é Raquel de Queiroz, de quem o meu livro preferido é “Um alpendre, uma rede, um açude”. Ainda me recordo dos primeiros textos que produzi lá no ensino fundamental, eram textos que hoje vejo o quanto foram importantes no meu aprendizado. Na escola, a biblioteca era pequena, porém proporcionava grandes viagens no mundo da leitura. A relação que obtive com a leitura vai evoluindo a cada livro que leio, porque tendo ali a criar uma relação pessoal com autor e personagem, e sinto que isso faz com que me aperfeiçoe mais e mais. Ao sair do ensino médio, fui direto para Universidade, no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC). Comecei a fazer parte de outras condições históricas, de outros mundos de letramento. Construindo e desconstruindo saberes. Pois é isso que a leitura nos proporciona: uma grande diversidade de olhares e pensamentos.

Minhas memórias de letramento

Samuel Lemes Pereira



Em minha infância, o acesso que eu pude ter ao letramento foi através das histórias ou causos que meus avós, pais, tios e amigos da família contavam nas rodinhas de conversas. E quando eu ingressei na creche, aos seis anos, eu não me lembro de muita coisa, só do meu primeiro grande amigo que perdi, por não ter força o suficiente para protegê-lo. Lembro também que eles costumavam contar história para nós e faziam teatro de fantoches. Já na pré-escola, com sete anos, eu me recordo de que foi nesse período que eu aprendi, que se eu não aprendesse o que era desenvolvido na aula eu apanharia.

Eu lembro também que tinha muita dificuldade, nessa época, de aprender o ABC. Eu só o aprendi depois que fui ameaçado a levar uma surra. Felizmente eu aprendi alfabeto em duas horas, foi aí que descobri que só aprendo se eu sentir algum sentimento forte como, por exemplo: medo. Mesmo antes desse período, a música sempre esteve presente na minha vida, tanto na escola quanto em casa. Meu pai sempre escutava: sertanejo, forro, rock. E meus irmãos escutavam: funk, funk de apologia ao crime, rap, hip hop. Na escola, os professores sempre estimulavam a cantar música educativa. Lembro que, essa fase, minha vida não foi muito boa. Eu sempre ficava em aulas de reforço e lá eles nos ensinavam a ler e escrever. Lembro que tinha umas balas 'Kiss' que vinham com figurinhas com charge e eu colecionava e gostava de ler elas. Nessa fase ganhei um livro chamado “O Velho e o Mar”, antigamente, quando meu irmão estudava, eles davam mais de um.

Chegando ao ensino fundamental, na escola estadual, tinha o Professor Tutu. Eu sempre lia os livros de ciência e biologia que tinha na escola, lia jornais que meu pai usava como tapete do carro, gostava sempre de ler as tirinhas, a coluna de cinema e a coluna esportiva. Lembro que foi nessa época que assisti a meu primeiro filme legendado, seu nome era *Resident Evil 3*. Quando cheguei ao nono ano, ocorreram muitas mudanças psicológicas em mim. Foi nessa época que mudei de cidade.

O principal motivo de ter mudado de cidade foi a política, os professores que apoiavam o prefeito descontavam em meus irmãos na escola, prejudicando sua formação, pois fazíamos parte da oposição política. Mudando de Cristália para a zona rural de Janaúba, em 2010, me lembro que meu irmão me deu algo que mudaria meu mundo. Ele me deu uma revista que ensinava a desenhar passo a passo, foi aí que começou meu interesse por livros que

ensinassem a desenhar. Comprei muitos, gostava muito do assunto, também comprava muitos livros de mensagens de amor.

Em 2011 meu irmão comprou duas revistas em quadrinhos conhecidas como mangá, a número 37 e a 38. Mais tarde ele comprou a 40 e a 39 da série *Gantz*, me diverti muito lendo esses mangás. Pouco tempo depois meu irmão mais velho comprou a 26 de *One Piece*. A partir daí, comecei a compra desse tipo de revista para mim e, atualmente, leio muitos títulos. Alguns exemplos: *Naruto*, *One Piece*, *Gantz*, *Hunter x Hunter*, *Sete Pecados Capitais*, *Bleach*, *Freezing*, *Resident Evil* e vários outros. Esses foram alguns tipos de leituras que a escola nunca me deu a oportunidade de conhecer. Quando terminei o ensino médio, tive contato com várias fontes de leitura diferentes. Comecei a acessar outras fontes de leitura como internet, receitas, documentos, animes, filmes legendados, jogos de videogames.

Chegando à LEC tive acesso a textos que nunca tinha visto, são textos que possuem uma linguagem científica, foi muito difícil compreender tal tipo de leitura. Eu comecei também a escrever esse tipo de texto, a LEC está sendo fundamental para minha educação. Atualmente, eu penso em escrever histórias em quadrinhos a exemplo de estúdios que transformam seus personagens em filmes. Mas são apenas sonhos bobos que tenho.

Um *tour* pela minha história de letramento

Sandra Ferreira da Silva

As minhas memórias de quando eu era pequena estão um pouco apagadas, mas me recordo das mais marcantes no meu processo de letramento. Em minha casa, o contato com livros ou com qualquer texto escrito era mais de forma indireta, vendo meus irmãos fazendo suas tarefas de casa. Eu apenas assistia televisão e ouvia rádio – pois minha mãe ficava sempre com seu radinho ligado nas notícias da cidade – e brincava com meus colegas. Antes de começar o ensino fundamental, quando nem tinha contato com a escola, eu já havia aprendido através da minha irmã a escrever meu nome.

O contato com livros ou textos escritos também era através dos livros didáticos que meus irmãos utilizavam. Como toda criança curiosa, eu vivia folheando e rabiscando esses materiais. Na minha comunidade religiosa, havia os livrinhos das rezas, tanto nas missas quanto nas novenas de natal. Nessas situações, eu ficava observando cada um com os seus materiais em mãos e olhando os desenhos que haviam neles. Porém, não me recordo de ter ganhado algum livro antes de começar a vida escolar. Além disso, a influência em relação a práticas de leitura na minha família não era muito boa, pois minha mãe não lia muito, meus irmãos trabalhavam e eu só brincava.

Quando enfim entrei para o pré-escolar foi a maior alegria. Com pouco tempo estudando, aprendi a ler. Nesse período eu adorava histórias em quadrinhos e gibis. Com o passar do tempo, achei muito legal conhecer os diversos gêneros textuais, como contos, lendas, fábulas etc. Era mágico ver a realidade ou a ficção sendo passadas para o papel de maneiras tão criativas. Teve uma época em que eu estudava no turno da tarde e a professora decidiu que eu não podia continuar naquela sala, pois os demais alunos não estavam no mesmo nível que o meu e isto estava me impedindo de aprender novas matérias. Ela não podia planejar a aula de acordo com as minhas necessidades, porque os alunos não conseguiriam acompanhar, então fui transferida para o turno da manhã.

Na quinta-série, conheci uma professora de português que se preocupava muito com leitura e produção de texto. Foi através dela que passei a me interessar por leitura e me apaixonei por poemas, a partir de então costumo escrever alguns poemas autorais. Até então, os demais professores só se preocupavam em ensinar outras coisas. Então, quando era preciso fazer alguma redação, a falta de leitura dificultava. Depois de algum tempo com essa professora, foi possível perceber uma enorme diferença. A minha maneira de escrever já era outra, já sabia organizar melhor minhas ideias, já tinha adquirido um conhecimento maior por ter lido

vários livros e diversos gêneros textuais, inclusive indicados pela professora de português. Ou seja, o hábito de leitura me abriu um leque de novas informações.

Quando iniciei o ensino médio, já em outra escola, senti uma enorme diferença na metodologia utilizada. Os professores se preocupavam muito em nos ensinar gramática, porém não praticávamos muito a leitura e produção de texto. Eu tentava manter o hábito de ler livros, mas já não tinha uma professora que me apresentava histórias interessantes e instigantes. O ensino médio não me foi de muito aprendizado, em minha opinião deixou a desejar. Os professores não eram muito de incentivar a gente, apenas cumpriam seus horários seguindo o currículo escolar e, como eu não tinha acesso à internet nem na escola e muito menos em casa, não tinha muitas fontes de pesquisa.

Assim que concluí o ensino médio, tentei o ENEM, mas não tive muito sucesso. Fiquei um ano sem estudar, apenas trabalhando, até que surgiu o vestibular da LEC da UFVJM. Estudei, fiz a prova e consegui ingressar numa universidade federal em um curso voltado para a Educação do Campo, no qual são formados professores para atuarem no âmbito rural para melhorar a educação neste setor. Me deparar com a linguagem acadêmica foi um tanto difícil, pois até então nunca imaginei como seria, mas esse contato com textos em linguagem mais formal me abriu novos conhecimentos e pensamentos, uma nova visão de mundo. Na universidade, os textos nos aproximam de uma realidade mais crua na qual se pode interagir, discutir, aprimorar a nossa forma de escrita. Esse processo pode nos transformar em cidadãos mais críticos e nos inserir mais e melhor na sociedade ao nos possibilitar aprender diversos saberes.

Conhecimento e sabedoria

Sandra Moreira Alkimim

Tenho 21 anos, sou natural da cidade de Mirabela/MG, da comunidade de Riachão e, atualmente, moro na cidade de Mirabela. Um grande dia na vida de uma criança é o dia de ir para escola pela primeira vez. A minha primeira escola a Escola Municipal Ezequiel Nunes, cujo nome lhe dado pelo fato do morador mais velho da comunidade se chamar Ezequiel Nunes. Tínhamos apenas uma sala onde funcionavam aulas multisseriadas.

O terreno foi doado por uma moradora, a Dona Martinha, que utilizou um cômodo de sua casa para ser a sala de aula. Ela também foi a primeira professora da comunidade, mesmo sem formação, pois tinha apenas a primeira série.

O tempo foi passando e a quantidade de alunos foi aumentando e a forma que dona Martinha encontrou foi de ensinar suas filhas para que elas a ajudassem. As filhas Sirlene, Matilde, Walneide e Sylvania também não tinham formação, mas, mesmo assim, três delas davam aula, até por que naquele tempo não precisava ter formação nenhuma para trabalhar dando aula.



Dona Sirlene foi minha primeira professora e hoje me recordo como foram minhas primeiras aulas. Eu não gostava da escola, mas era obrigada a ir. No início, minha mãe me levava e eu chorava. Muitas vezes eu voltava para casa com minha Mãe. Outras vezes ela ficava até a aula finalizar e foi assim que eu me acostumei.

Lembro-me quando Dona Sirlene me ensinava as primeiras frases. A didática que a professora utilizava para nos ensinar a escrever consistia em passar o lápis em cima das letras, ligando os pontos e treinando minha coordenação motora. As primeiras palavras eram meu nome, o nome da escola e dos meus pais. Dona Sirlene também nos ensinou a contar de um até dez, o alfabeto, a ler tirinhas, a formar palavras, a separar as sílabas, a ler histórias com a da Chapeuzinho Vermelho, dos Três Porquinhos, entre outras. Aprendi muito com minha professora Sirlene.

Fiquei nessa escola até a terceira série, mas antes de finalizar fui para outra escola, mas não me adaptei, pois não conseguia acompanhar os outros colegas. Então, não cheguei terminar a terceira série na escola nova e voltei para a escola antiga.

Lá eu terminei a quinta série e fui para outra escola. Essa já era distante de minha casa e para terminar a oitava série enfrentei dificuldades como a distância, as estradas, o ônibus que sempre dava problemas, o rio que enchia e que, muitas vezes, nos fazia perder aula. Foi assim que finalizei meus anos no ensino médio.

Hoje agradeço à minha primeira professora que foi quem me ensinou a chegar até aqui. Sou grata por tudo que aprendi e se sou alguém é porque batalhei muito e valeu cada minuto de dedicação. Mesmo encontrando dificuldades eu não desisti. Sou formada em Docência Infantil – pós-médio - e estou no curso de Licenciatura em Educação do Campo na área Linguagens e Códigos. Tudo que aprendi e adquiri foi de grande relevância e contribuiu muito para minha formação que vai continuar nesse processo de aprendizagem.



Minhas leituras

Sandra Moreira da Silva

Quando eu era criança, antes de entrar na escola, meu pai me contava histórias que me encantavam. Na minha mente ainda posso ver aqueles seres fantásticos de quem ele me falava com tanto entusiasmo. Lembro-me de uma princesa-senhorita guerreira, de um baú que guardava um chifre com poderes e de uma vilã da qual a senhorita guerreira sentimentalmente cantava para alguém *“hortaleiro, hortaleiro, cadê dom príncipe com a sua morotó?...”* Ah, sim. Nessa história tinha o hortaleiro e o príncipe. A morotó era a mulher má, que perseguia a princesa e enganou o príncipe. Ele também contava uma história de uma família que nunca tivera contato com espelho. Foi assim meu contato com o mundo das histórias que, posteriormente, me influenciariam como leitora, sedenta de novas aventuras.

No entanto, ao entrar na escola, as coisas não soavam tão fáceis. Aquelas letras, aquelas palavras não tomavam forma de nada para mim. Sei que no pré-escolar eu consegui escrever meu nome logo que a professora o fez no quadro. Eu olhava letra por letra e desenhava no caderno. Aquilo durou uma eternidade. E eu sabia que aquele era o meu nome. Foi o que aprendi no pré durante o único mês que o frequentei.

Na primeira série eu não entendia patavina. A professora era a tia Telma e nessa época, eu não era uma aluna muito atenta. Minha ficha só caiu mesmo quase no final do ano, quando estávamos estudando a letra “U”. Repeti o ano e fiquei muito frustrada com isso.

No ano seguinte conversei e brinquei menos. Mas ainda não tinha aprendido a ler e escrever com a desenvoltura esperada para a idade. Percebendo minha dificuldade, meu irmão mais velho, Saulo, começou a me ensinar a ler e a escrever enquanto me ensina a tarefa de casa. Ele usava o dicionário “Júnior” para isso. E assim íamos formando várias palavras através das sílabas. CA+SA= Casa. PA+NE+LA= panela. O dicionário ajudava porque nele as palavras já vinham separadas em sílabas e era ilustrado. Então, ele raciocinava comigo e era paciente ao ensinar. Foi assim que aprendi a ler mesmo.

Na terceira série, havia um armário com vários livros na sala de aula. Li uma estorinha que me chamou a atenção. O livro contava o caso de um bichinho preguiça que ao sair para passear encontrou um pé de jabuticaba e gostou muito de comer dos seus frutos. Na sua casa, não tinha nenhum pé de fruta porque sua família era de preguiças. Por isso, essa preguicinha ia todos os dias onde estava a jabuticabeira...



Lembro bem das ilustrações desse livro, da preguiça na árvore com aquela carinha de sono gostoso, depois ela passeando vagarosamente até se deparar com o pé de jabuticaba e assim por diante. Se tinha alguma lição a ser transmitida, não estava claro para mim, eu gostava mesmo era da historinha em si e dos desenhos.

Após esse pequeno livro, tive vontade de ler mais e de conhecer outras histórias. E, assim, conheci as aventuras de Aladim e seu tapete voador que viajava pelos quatro cantos do mundo e tantos outros personagens fabulosos. Nas séries iniciais, conheci também a *Turma da Mônica*, o *Pato Donald*, o *Tio Patinhas* e o *Menino Maluquinho*. Ganhei um monte de revistinhas HQs de uma menina de outra turma. Gostei muito e, para falar a verdade, ainda tenho umas em casa.

Na quarta série li *Os pequenos jangadeiros* da série vaga-lume. Foi uma aventura sensacional, até então eu não sabia que a carne de sucuri era cor de creme rosado e de alguns detalhes sobre peixe assado e, se me recordo bem, esse livro fala alguma coisa de assar ovo em colher. Puxa... é muita viagem...

Ao ir para a outra escola, nos anos finais do ensino fundamental, continuei tendo bastante contato com a leitura através de livros e revistas em quadrinhos. Como não tinha televisão em casa, ler era minha principal forma de divertimento. O primeiro livro que li na nova escola foi *Robson Crusoe*, não lembro o nome do autor, acho que é *Daniel Defoe*. Nesse embalo sempre que terminava um livro, pegava outro. Na quinta série a escola nos presenteou com livros. Ganhei *A Odisseia*, *A formiguinha e a neve* e *Historinhas pescadas*.

Meu irmão mais velho também gostava de ler. Um livro que ele lia e me emprestou foi *Minha vida de menina*, de Helena Morley. Esse livro é um diário de uma menina que viveu aqui em Diamantina antigamente, no contexto da abolição da escravidão. Eu ficava imaginando como seria essa cidade, Diamantina e outros assuntos. Nesse ínterim, achei que seria interessante eu também escrever um diário. E o fiz até os dezoito anos. Na adolescência tive contato com vários gêneros textuais. Nessa fase também já tinha contato com a televisão e assistia a filmes, desenhos, novelas. O interessante é que percebi que muitos filmes que assisti eram frutos de livros que já tinha lido antes. Por exemplo, o filme *Tróia* foi logo associado a *A Odisseia* de Homero. Durante a adolescência tive muito contato também com a Bíblia e outras leituras bíblicas. Assim, muitos livros me influenciaram e me marcaram bastante.

Atualmente, tenho contato com os novos gêneros textuais, sobretudo os provindos das novas tecnologias. A leitura é um processo constante: para cada novo livro, revista, filme, etc., há uma nova experiência e um novo aprendizado. Leitura é um processo contínuo de desconstrução, construção e renovação. E assim vamos nos formando, nos humanizando e nos apoderando de novos letramentos.

Viajando no meu letramento

Sarah Santos Pereira

A escrita foi comum em minha vida desde muito pequena. Com aproximadamente dois anos, tive o contato com a escrita através da minha mãe. Eu e minha família morávamos em uma carvoeira, pois minha mãe era cozinheira e meu pai mexia com forno de carvão. Lá tive bastante contato com a leitura, porém tenho poucas recordações. Minha mãe me ensinava a ler fazendo algumas letras no caderno para eu passar o lápis por cima. Ela também me ensinava a desenhar passando óleo na folha para facilitar meu desenho através do desenho dela. Ela sempre me ensinava nas tardes e, no intervalo, enquanto eu aprendia, ela fazia o jantar. Outros suportes de textos a que também tive acesso foram a televisão e o rádio. Eu me interessava muito tanto pelas letras transmitidas naquela tela pequena, quanto pelo áudio da voz de um homem na rádio. Ganhei meu primeiro livro de um dos trabalhadores da carvoeira onde morávamos. A minha mãe sempre o lia para mim e eu ficava impressionada com aquelas “lindas histórias”, como se viajasse pelas palavras lidas pela minha mãe, e com as gravuras apresentadas naquelas folhas de papel. Eu não entendia o que era realmente, mas “aquilo” me proporcionava um ótimo sentimento que sou incapaz de descrever. Tenho este livro até hoje, e ele foi um dos mais marcantes em minha vida.

Quando entrei na escola, no ensino fundamental, já sabia um pouco a ler e a escrever desde os cinco anos, mas muitos colegas meus não. Mesmo assim, eu era uma criança muito curiosa e sempre queria aprender mais. Com o passar dos anos, fui melhorando a questão tanto da escrita quanto da leitura, e tudo o que eu encontrava, eu lia. Eu achava mágico o meu novo mundo, “o mundo da leitura”. Na escola, as professoras queriam me passar de série porque achavam que eu sabia um pouco a mais que meus colegas, porém elas não podiam fazer isso. Minha mãe foi chamada na escola porque eu inventava tarefa para fazer em casa, e ela não entendia meus vícios com o caderno e com a leitura, mas minhas professoras adoravam isto. Em casa, eu e alguns amigos brincávamos de escolinha. Éramos os professores e ensinávamos meu irmão, meus primos e minhas bonecas a ler e a escrever. Nós trazíamos todos os dias da escola giz para usar no quadro - que era a porta do meu guarda roupa. Minha mãe brigava muito comigo, mas a gente continuava brincando. Na sala de aula, tínhamos pouco contato com a biblioteca no ensino fundamental, pois era difícil as professoras nos pedirem para ir procurar livros, elas sempre traziam para a sala de aula. O ensino médio foi um momento em que tive mais contato com a leitura, pois as professoras nos pediam para ler livros, fazer redação, ler artigos, e fazermos resumos para apresentar na sala de aula. Como sou bem dramática, gostava de me aprofundar nos mínimos detalhes da história para que a

turma entendesse a leitura. O escritor José de Alencar me encantava com seus livros, como; *Lucíola, Iracema, Senhora, O Guarani*. O autor me fazia rir e viajar na história.

O papel da escola na minha vida com relação aos textos foi muito importante, pois ela me ajudou a ver e entender o mundo de outra maneira. Mas nem todos os professores nos motivavam a ler, e em casa a família achava loucura estudar aquele tanto. Isso foi ruim, pois acabei desanimando e, com isso, fazendo somente o necessário.

Mundo de imaginação: sonhos para mudança

Sônia Ferreira Souza

Antes de frequentar a escola, eu tinha pouco acesso a textos. Sempre morei na zona rural, venho de família humilde e meus pais trabalham com agricultura família para o próprio sustento da família. Assim, eu tinha pouco acesso a cartazes, avisos e outros textos. Um tipo textual que eu me lembro era o instrucional. Era comum a minha mãe anotar as receitas que ouvia na Rádio Inconfidência Mineira.



Era um programa de uma radialista chamada Dulce Maria. Minha mãe pedia para que a vizinha anotasse as receitas na parede, que era pintada com barro, para depois a receita ser passada para o papel. Também era comum eu ver as pessoas escrevendo cartas para mandar para seus familiares que estavam no interior de São Paulo no corte de cana.

O meio de comunicação que existia era o rádio. As pessoas mandavam cartas para as rádios pedindo para ouvir músicas e ofereciam para as pessoas queridas. Era muito gostoso ouvir o nome da gente na rádio. Era como ir ao programa do Faustão da rede Globo.

A televisão era um meio de comunicação apenas para a cidade, pois até pouco tempo não havia energia elétrica na zona rural. Eu não tinha contato diretamente com a escrita. Via pessoas escrevendo, mas só fui escrever as primeiras letras quando eu tinha seis anos, quando entrei para escola. Na escola a primeira coisa que se aprendia era o nome. Tínhamos que escrever o nome várias vezes seguidas até decorar. Os textos lidos eram para treinar a fluência e geralmente traziam várias palavras com um tipo de dificuldade ortográfica. Um texto muito comum que nos era ensinado era o bilhete, mas não eram passadas para a gente todos os elementos de um bilhete, como remetente, destinatário assunto, despedida e assinatura.

A sala em que eu estudava era muito pequena e tinha 38 alunos. Era uma turma multisseriada. Não havia merenda e tinha que levar de casa algo para comer na hora do recreio e muitas vezes a fome apertava e eu comia dentro da sala mesmo.

No início de minha alfabetização, o papel da escola era ensinar ler, escrever e fazer contas. A escola até então era como se fosse uma fábrica de alunos. Os professores ensinavam e os alunos aprendiam. O ensino era muito restrito e o conhecimento era apenas o básico.

A escola não tinha biblioteca, nem muito menos computador. Os poucos livros que tinham não podiam ser passados aos alunos para não estragar. A minha professora não era habilitada, estava fazendo pedagogia e não tinha muita prática com alunos. Seguiu o que foi feito com ela no passado, deixava os alunos de castigo porque acreditava que assim estaria impondo limites a eles. A esta altura, o cenário educacional estava mudando e várias leis estavam sendo debatidas e muita coisa da LDB de 1996 já estava sendo colocada em prática. Mas na zona rural estas mudanças chegavam a passos lentos e os professores não tinham capacitação para mudar suas práticas pedagógicas.

Nas terceira e quarta séries, a escola começou a ser vista com outra função. Os gêneros textuais começaram a ser trabalhados nas escolas com mais ênfase e tinha como objetivo preparar o aluno para a vida. A explosão de gêneros textuais deu uma reviravolta na cabeça dos professores e junto com eles vieram também os eixos que deveriam ser trabalhados em cada disciplina. A produção escrita passou a ser fundamental e a leitura passou a ser essencial na vida e no trabalho dos professores. A leitura deixou de ser mecânica para ter sentido para os alunos que precisariam ler com compreensão e fluência. As avaliações externas passaram a ser em todas as escolas e os professores começaram a se preparar mais para o papel de educador. A escola passou a ter o cantinho de leitura e os alunos tinham acesso aos livros desse espaço. A produção escrita também se expandiu e os alunos passaram a produzir seus próprios textos.

Minha infância e as letras

Tálita Tamires Teles Evangelista



Quando criança, eu era muito levada e curiosa. Minha mãe trabalhava muito, por isso ela me mandava juntamente com meu irmão do meio para a casa dos meus avós. Foi lá que tive meu primeiro contato com as letras: todas as tardes meu avô pegava a Bíblia e, com um pedaço de tábua e outro de carvão, começou a me ensinar a ler e escrever pequenas palavras. O detalhe é que ele nunca foi à escola, mas conseguia fazer tudo que uma pessoa estudada fazia, lia e escrevia com

perfeição. O mais legal é que em pouco tempo eu já sabia muita coisa.

A vida no campo era muito simples, por isso todas as tardes meu avô ligava o rádio e, como toda criança curiosa, eu sentava em frente ao aparelho e ficava ouvindo tudo que o radialista falava. Eu adorava as músicas e as orações que passavam nos programas, era a forma que eu encontrava para aprender mais palavras e pronunciar as letras corretamente. As noites eram as mais esperadas por mim. Meu avô fazia uma grande fogueira no quintal nas noites de lua cheia e nos fazia viajar por vários lugares, épocas, conhecendo novas pessoas e personagens. O mundo da fantasia simplesmente abria as portas para nós nas diversas histórias, nos contos, nas crônicas, nas piadas, nas histórias folclóricas e nas músicas tocadas na voz e violão.

Como morava na cidade, às vezes eu e meu irmão tínhamos que voltar para ficar perto de mãe. Na nossa rua morava um professor que estava indo embora para Portugal e estava construindo uma casa de dois andares naquela rua. Quando ele partiu, sua família decidiu levar seus livros para “a construção”, nome que escolhemos para a casa inacabada. Um dia, um amigo descobriu “o tesouro da construção”, estava escondido no andar de cima num quatinho. Como nosso grupinho era muito “atentado”, decidimos que iríamos fazer uso daquele monte de livros. O quatinho era pequeno, trancado a chave e cadeado. Só havia uma pequena janela perto do telhado e apenas eu conseguia passar. Os outros me levantavam e me empurravam para dentro, depois eu saía catando os livros, passando pela janelinha para os outros. Eram livros de português, matemática, geografia, história, ciências, inglês; coisas difíceis de entender para um bando de crianças que mal sabia ler. Foi então que eu, vasculhando a montoeira de livros, achei uma coleção de revistinha da Turma da Mônica. “Caramba”, foi uma alegria para toda criançada, pois aqueles quadrinhos eram mais

fáceis de ler, já que aquelas imagens nos ajudavam muito. Até que um dia, a sogra do professor descobriu a invasão e fez uma reclamação para os nossos pais. Bem levei alguns puxões de orelha, mas não demorou muito, eu estava novamente dentro do quartinho, sozinha, viajando por diversos universos. Só parei de invadir o quartinho quando um dia me desequilibrei e cai. Nessa proeza, quase quebrei o nariz e fiquei sentindo dor no braço por muitos dias, mas não contei para minha mãe porque o castigo seria pior, mas tudo isso fez o meu desejo de entrar na escola aumentar.

Quando entrei na escola, já sabia muita coisa. Eu era esperta e isso me ajudava muito. No entanto, minha professora parecia não gostar, ela sempre dava um jeito de me punir por saber fazer as tarefas, sempre passava deveres diferentes e mais difíceis para mim, até as avaliações eram diferentes. Às vezes, o que ela fazia me deixava constrangida e meus colegas sempre colocavam apelidos de que eu não gostava. Foi tão complicado que a minha mãe teve que ir à escola por causa da situação. Tínhamos uma biblioteca, íamos lá todos os dias, os livros eram escolhidos pela professora, pois não podíamos entrar na biblioteca para não fazermos bagunça. Os livrinhos que eu adorava ler eram os seguintes: *O disco voador*, *O engraxate*, *A vida secreta de Jonas*, e a coleção de livrinhos *Semeando*. Todos eles me fascinavam.

No ensino fundamental e médio, foi muito mais simples para mim. Eu já tinha um contato muito grande com a leitura, mas apareceu uma professora que ajudou mais ainda a abrir meu leque de tipologias textuais. Ela era simplesmente incrível e fez com que muitos da minha sala tomassem o gosto pela leitura. Depois que terminei o ensino médio, fiquei por um ano sem fazer nada. No entanto, não deixei de ler. Foquei mais em livros de ciências, pois prestei nesse período um vestibular na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Felizmente consegui passar para fazer Licenciatura em Educação do Campo na área de Ciências da Natureza na UFVJM de Diamantina.

Minha trajetória escolar

Tatiane Mendes Sousa

Quando criança, meu primeiro contato com a escrita foi a partir de folhetos que a igreja distribuía para os leitores e da Bíblia, da qual a minha mãe fazia leitura para mim. Lembro-me de um pé de maracujá, local onde eu e meus primos brincávamos de escolinha. O mais velho, chamado de David, pelo fato dele já estudar, era o professor que passava para nós atividades conforme o que havia estudado na escola.

As primeiras letras que aprendi foram as vogais, ensinadas pelos meus pais. Dos anos iniciais do ensino fundamental, me recordo da tia Salete ensinando a escrever o meu nome, o nome dos meus pais e o da escola, que é Escola Estadual Elpídio Ribeiro dos Santos. Lembro-me também, em seguida, de ela começando a me ensinar a ler. Lá fazíamos a leitura de diversos livros, me lembro bem de um que jamais me sai da memória, que foi a obra *Menina bonita do laço de fita*, de autoria da Ana Maria Machado. Esse livro aborda a história de uma menina de pele escura que tem um coelho como vizinho e que é encantado por ela. O que esse coelho mais deseja é ter uma filha linda e pretinha como a menina. Nessa fase inicial, tive vários professores (as), cada um com sua metodologia. Com as orientações deles eu fazia redações, participava de teatros, fazia a leitura de livros etc.

Do sexto ao nono ano do ensino fundamental foi diferente, pois para cada matéria tinha um professor (a). Entre eles, destaco a Dilvania, professora de português, que realizou com a minha turma um projeto literário que funcionava da seguinte maneira: toda semana, cada estudante pegava um livro na biblioteca da escola e levava para casa e fazia leitura. Posteriormente, cada um tinha que fazer um resumo do que entendeu sobre o livro. Assim como ela, muitos dos professores incentivaram a leitura como, por exemplo, os das disciplinas de história, ciências e redação.

No ensino médio, assim como no ensino fundamental, também participei junto com os meus colegas de outro projeto literário, que teve o nome de “Chá Literário”. Essa atividade foi organizada pela professora de português Vanderleia, que seguiu o mesmo estilo do projeto da professora Dilvania, já citado acima, mas com algumas diferenças. Por exemplo: havia apresentação de teatro e de cadernos confeccionados e produzidos pelos estudantes contendo o resumo de cada livro, além de um momento para um chá, que foi servido as pessoas presentes no evento. Nesse projeto, fiz leitura de um livro que me chamou muito atenção. Trata-se da obra do Antoine de Saint-Exupéry chamada *O Pequeno Príncipe*. Durante esse tempo, também participei de um curso no qual aprofundei meus conhecimentos

em texto dissertativo e fiz a leitura de um outro livro que me chamou muito atenção na época, mas do qual já não me recordo o nome.

Em seguida, fiquei sabendo do vestibular de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM e resolvi me inscrever. Prestei o vestibular, passei e hoje faço esse curso onde aprimoro meus conhecimentos acerca das realidades atuais. Minha maneira de escreverá melhorou bastante a partir de então. Posso dizer também que até minha visão de mundo mudou. Hoje busco a habilitação em Linguagens e Códigos, sou apaixonada por leitura, o livro que mais leio é a Bíblia o meu maior incentivo são os meus pais.

Vitórias-régias de Claude Monet

Thainá Fernandes Cordeiro

Desde pequena, os livros e os contos sempre fizeram parte da minha história. E acredito também que seja assim na vida da maior parte de filhos de professores, principalmente de Língua Portuguesa. Sempre acompanhava minha mãe na escola e, enquanto ela dava aula, eu ficava com minha madrinha, que era bibliotecária do local. Falo da Escola Estadual Antônio Fernandes de Oliveira, onde eu passaria boa parte da minha vida até me formar no ensino médio. Nessa brincadeira de ficar em meio a tantos livros, eu passava muitas horas folheando, olhando as figuras e imaginando: do que aqueles desenhos tratavam? Afinal eu não sabia ler, até então eu era muito pequena, estava na idade de ir para “crechinha”, que era a pré-escola. Na creche, porém, não me adaptei, chorava muito e de forma nenhuma me acostumei, mas, em compensação, aquela biblioteca era incrível. Tinha um livro na biblioteca que sempre me chamava atenção pelos desenhos, que era uma linda menina em um jardim, mas tinha umas flores estranhas, que eu nunca tinha visto. Ao ler aquele livro passavam mil coisas em minha cabeça.

No Natal, ganhei de presente de minha avó, que também era professora aposentada, um quadro verde com o qual minha mãe me ensinou ler e escrever. Foi sofrido, pois minha mãe me cobrava muito. Todo esse esforço e essa cobrança acabaram sendo muito gratificantes, pois entrei na primeira série do ensino fundamental já sabendo a leitura e a escrita, sempre me sobressaía em relação aos demais alunos. Eu amava ler, em casa tinha uma coleção da Turma da Mônica a qual guardo até hoje.

Um dia, fui até a biblioteca e fiz o empréstimo do tão sonhado livro das flores estranhas e comecei a ler, isso já na segunda série. Lembro que demorei muitos meses para lê-lo, mas amei tanto! Ele se chamava *Linéia no jardim de Monet*. A história tratava de uma menina e seu vizinho, que eram jardineiros e foram visitar o jardim do grande pintor Claude Monet. Lá, apaixonaram-se pelas pinturas das vitórias-régias – as ninfeias, como descrito no livro, as famosas ninfeias de Monet. Era fascinante, lembro que li esse livro umas vinte vezes. Para minha sorte, logo que passei para o ensino médio, no meio do primeiro ano, chegou à escola uma remessa de livros literários. Fui então procurar um livro para ler, pois, por ler tanto, essa prática já tinha se tornado um vício. A leitura para mim era algo tão necessário como o alimento e eu me interessava em especial por livros de suspense ou histórias de terror, algo que prendesse toda minha atenção.

Procurando no meio dos livros, acho que por ironia do destino encontrei a segunda edição, já bem decadente, do livro *Linéia e seu jardim*. Fiquei extasiada, como aquela capa me trazia

boas lembranças! Sem pensar duas vezes, fiz o empréstimo do livro. Minhas amigas zombaram de mim por ler um livro de contos infantis, porém nem me importei, mal sabiam da importância daquele livro para mim. O livro já não era tão bom quanto o primeiro, não sei se por que eu cresci, mas já não tinha a mesma graça, algo que me deixou um pouco decepcionada.

Outra paixão eram os filmes. Nunca gostei de televisão, quando pequena assistia a desenhos, *O Castelo Rá-tim-bum!* de preferência, mas muito de vez em quando. O que me prendia e até hoje me prende são filmes. Para mim, são livros em que os personagens me mostram outra face, diferente daquela que eu havia criado; contam uma história em duas formas diferentes: a visual e a imaginária.

Hoje, já ciente, vejo como a leitura e a escrita são importantes para nós. Afinal, somos sujeitos que, a partir de quando assinamos o nosso nome, criamos a nossa identidade. Essa identidade também é construída lendo mais, adquirindo conhecimentos, evoluindo com o mundo, descobrindo nossos direitos e tudo ao nosso redor, assim como eu conheci ainda na minha infância as ninfeias, ou se preferirem as Vitória-régias.

A busca por uma identidade

Valdeci Raimunda Fernandes



Nos meus tempos de criança, lembro que brincava muito sozinha, mas também com meus irmãos mais velhos, primos e vizinhos da rua. Eu morava na comunidade de Mendanha, distrito de Diamantina, Minas Gerais. As brincadeiras já eram pedagógicas; casinha ou mesmo escolinha, em que as crianças mais velhas que já estavam na escola queriam transmitir o que estavam ali aprendendo.

Meu primeiro contato com o letramento se desencadeou através de contos que dois vizinhos nos relatavam, o senhor Trajano e o senhor Arnaldo. Quando a energia da rua faltava, a criançada se reunia e corria para a porta da casa dos dois. Fazíamos uma roda e os mesmos se assentavam em um banquinho e nos relatavam as histórias de lobisomem, assombrações, pescarias e outras. Ao ouvir as histórias eu viajava, ficava com medo, sorria e experimentava turbilhões de emoções.

Na casa da minha vó tinha uma vitrola, na qual passavam músicas ritmadas, piadas e poemas. Ouvíamos programas de rádio, que transmitiam notícias, comerciais e também radionovela. Quando o circo chegava na comunidade era a maior felicidade, pois tinha a apresentação dos bonecos de marionetes com suas histórias e danças. Também costumava ter um concurso de música e uma tia minha ganhava todas as vezes. Como consequência, ela era premiada com ingressos para toda a turma entrar nos próximos espetáculos.

Lembro-me também de um caderno de desenho que meu pai tinha, no qual, além dos desenhos, a letra era muito linda. A minha primeira experiência com os cadernos e livros foi aos sete anos de idade no primeiro ano do pré-escolar. Fiquei ansiosa para ir à escola, mas não durou muito a minha vontade; a professora trabalhava com um método muito tradicional, cansativo e me lembro ainda do calor que fazia na sala de aula.

Esse sofrimento durou pouco, pois no semestre seguinte mudou a professora, chegou a Dona Aurora, que por si só era amável. Nas aulas dela tínhamos apresentação teatral, leituras, danças e poemas nas datas comemorativas da escola. Para meu alívio, fiquei com a mesma professora até terminar a quarta série do primeiro grau.

Sem esquecer o livro com o título Jeca Tatu de Monteiro Lobato, foi o meu primeiro contato da cultura escrita. Na minha comunidade não existia a extensão de série do ensino fundamental II. O que me deixou muito triste foi que tive de deixar o meu habitat e ir morar em Diamantina. O que não deu muito certo, acabei abandonando a escola e fui trabalhar no garimpo junto com a minha família. Me casei, tive meus filhos, anos depois conheci o EJA (educação para jovens e adultos) e a partir daí voltei a estudar. Isso, apesar de nunca ter deixado de ler livros como: romances, literatura em geral, contos, poesia. Também não deixei de assistir televisão e ouvir rádio e, atualmente, tenho o celular e o computador. Assim, continuo o meu letramento em diferentes contextos e essa trajetória é um dos motivos pelos quais luto pelo não fechamento das escolas do campo.

O segundo grau não foi muito diferente. Continuei no projeto e passei a cursar o técnico em agropecuária, onde o letramento era em forma oral, escrito, visual e com foco na prática. E enfim o sonho de cursar universidade aconteceu!!! Fiz meu primeiro Enem e passei para o curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) e Zootecnia. Comecei a cursar o BHU, mas estava faltando algo em minha vida de campesina. Quando me informaram sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC), me inscrevi, fiz o vestibular e passei. Nesse momento, minha perspectiva de aprendizado mudou, tendo foco no contexto do sujeito do campo com quem me identifico. Ficou clara, então, a minha tomada de decisão: a busca, o envolvimento e a expectativa de mudanças para uma formação desses sujeitos e para uma esperança no amanhã.

Portanto, é a partir da prática da leitura que hoje tenho uma coleção de livros. E ainda pretendo escrever um livro no qual abordarei o tema do *Garimpo no Vale do Rio Jequitinhonha*, algo que faz parte da minha vida.

Memória da minha infância

Valdinéia Pereira dos Santos

Eu, Valdinéia Pereira dos Santos, tenho 31 anos, resido na comunidade Quilombola do Paiol, os meus pais são Agricultores Familiares. A minha mãe é analfabeta e o meu pai tem o ensino fundamental incompleto – a antiga quarta série. Vou relembra um pouco das memórias da minha infância.

Quando criança, meu primeiro contato com texto e letramento foi informal. Isso foi na minha família, lembro um pouco que naquela época não tinha energia elétrica, usava-se lamparina a querosene, a casa em que eu morava era de pau a pique. À noite eu tinha muito medo, era muito escuro, a minha mãe contava causos antigos dos pais e dos avós e também outras histórias como a de João e Maria. Nessas noites, eu viajava na imaginação até pegar no sono. Em noite de lua cheia, os vizinhos sempre visitavam uns aos outros, era a oportunidade de brincar de cantiga de roda e jogar versos. Essas eram as brincadeiras de que eu mais gostava, até as pessoas mais velhas interagiam com as crianças, ensinando-as a brincar.

Tenho uma lembrança muito forte desta época. O meu pai ia para o corte de cana de açúcar no estado de São Paulo em busca de melhores condições de vida para a família, eu era a filha mais velha, minha mãe não sabia ler e nem escrever, não existia telefone, a forma de comunicação era através de carta. Essa assim que o meu pai dava notícias dele e, ao mesmo tempo buscava saber como estava a família. Quando chegava a carta, eu ficava muito curiosa e achava muito bonitas aquelas letras escritas no papel, mas não entendia nada. Era a vizinha que lia e respondia as cartas do meu pai. Outra forma de contato com o mundo era a prática de ouvir rádio. Os meus pais ligavam o rádio a pilha pela manhã e à noite todos os dias, para saber as horas e as notícias do mundo. A Rádio Nacional era uma das rádios que eu mais adorava ouvir.

A minha relação com a escrita teve início com a idade de seis anos. Naquela época só se entrava na escola com sete anos, mas com seis anos de idade minha mãe conversou com a professora, que se chamava tia Maria, para ela me ensinar o alfabeto e a escrever o próprio nome. Mas, na verdade, eu ia apenas para conhecer as letras, sem compromisso de aprender. Foi com sete anos que pude entrar na escola. Da primeira à quarta série, estudei na própria comunidade, onde a sala era multisseriada. Essa professora teve um papel importante na minha vida: com ela eu aprendi escrever, ler pequenos textos, falar como foram as férias, como o dia está, se é ensolarado ou não, produzir bilhetes etc.

No quinto ano tive que sair da comunidade e ir para a cidade. Todos os dias era pau de arara, não tinha ônibus. Quando cheguei no sexto ano, fiquei apavorada, porque cada disciplina

tinha um professor. Eu não estava acostumada com isso, era novidade, achei que não ia conseguir acompanhar as matérias. Com muito esforço e dedicação me adaptei rápido. Sobre essas séries do ensino fundamental, lembro-me de muito pouco do que fazíamos em relação à leitura e à produção de texto. A escola tinha biblioteca, mas a gente não tinha acesso, a professora cobrava muito pouco dos alunos, não incentivava a leitura. Já no ensino médio foi um pouco diferente, eu já tinha acesso à biblioteca e os professores cobravam mais produção de texto, tal como textos narrativos e dissertativos.

No ano de 2003 conclui o ensino médio. Entre 2011 e 2012 realizei e conclui o curso de magistério e foi nesse curso que realmente vi que a leitura é muito importante. Porém, quando entrei na faculdade, percebi que eu tinha uma bagagem muito vazia em relação à leitura. Então fui obrigada a praticar para fazer um bom relatório. Para mim, isso significa que a leitura pode nos transformar e tem a capacidade de nos influenciar no modo de agir e pensar.

Tempo que não volta mais

Vera Lucia Fernanda Macedo

Até meus sete anos de idade ainda não tinha tido contato com papel, lápis e borracha, pois sendo filha de pais analfabetos que nasceram e cresceram no campo sem conhecer a cidade. Eu não tinha noção de como era uma televisão, não conhecia sequer uma moto e o único carro que eu conhecia era o jipe do patrão do meu pai.

Aos oito anos de idade a minha tia disse para a minha mãe que meus irmãos e eu tínhamos que estudar. Então minha mãe pediu que a minha tia matriculasse a mim e a um irmão. Os outros dois mais velhos não podiam estudar, pois tinham que ajudar meus pais com a lida na roça. Sendo assim, meu irmão e eu fomos morar na casa da minha avó em um povoado onde tinha escola.

Lembro-me como se fosse hoje, quando cheguei na escola com meu irmão, a qual só tinha duas salas minúsculas. Tocou o sinal e entramos para sala. Achei aquilo tudo muito estranho e ao mesmo tempo diferente. A professora mandou que todos se sentassem. Logo após, nos entregou caderno, lápis e borracha e começou a escrever no quadro e pediu-nos que esperássemos mais um pouco. Então ela pegou o meu caderno e do meu irmão, passou umas garatujas e mandou que nós passássemos o lápis por cima.

Mas o que eu não entendia era o porquê que nós não podíamos escrever do quadro até que um certo dia pude então compreender que naquela mesma sala funcionavam três turmas, primeira, segunda e terceira série, ou seja, era uma sala multisseriada. Mas aquilo me encafifava, sendo eu muito curiosa resolvi então copiar do quadro sem a permissão da professora que, quando viu me pegou pela orelha e me botou de castigo de joelhos e de braços abertos com a cara na parede. Quando chegou a hora de ir embora, ela não me deixou sair. O meu irmão tomou partido e ficou perto de mim. Ela mandou ele ir embora, mas ele disse que sem mim ele não iria, foi quando ela pegou uma régua de madeira e bateu nele e ele revidou quebrando o relógio dela. Então ela nos levou nos até a casa da minha avó e chegando lá a coisa ficou feia. Apanhamos de novo e eu chorei por dois dias, até que meu pai veio nos buscar.

Quando eu já estava com nove anos, voltei novamente para a escola e estudei até os 11 anos. Eu adorava recitar poesia e participar de todos os eventos que aconteciam na escola. Antes de concluir a quarta série, eu parei de estudar para trabalhar em uma cidade.

Com 11 anos fui trabalhar de empregada doméstica e babá de quatro crianças sendo uma com nove anos, duas gêmeas com sete e outra com cinco. Eu tinha que trabalhar para ajudar

meus pais que, nessa época tinha oito filhos para criar. Só voltei a estudar com 24 anos, já casada e mãe de dois filhos. Há nove anos concluí a quarta série e em um ano eu concluí o ensino fundamental através do Telecurso 2000. Depois de três anos que eu tinha parado de estudar, surgiu uma oportunidade na UNIMONTES para assentados da reforma agrária que nos dava o direito de fazer o magistério, que era o Magistério em Educação do Campo (MAGICAMPO).

Dos nove irmãos que eu tenho, quatro são analfabetos, quatro têm o ensino fundamental incompleto e só minha irmã mais nova concluiu o ensino médio. Só eu estou cursando uma graduação na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e não pretendo parar por aqui. Quero ir além!

Épocas que marcaram minha trajetória de vida

Vinícius Lima Cardoso

Durante minha infância, mesmo antes de entrar na escola, já existia uma relação minha com livros de fábulas, histórias em quadrinhos e outros folhetos com imagens que me chamavam atenção. Olhando os desenhos ali nesses materiais, comecei a conhecer os gestos e expressões que aquelas imagens expressavam e transmitiam. Cresci em um grupo semianalfabeto, minha mãe tinha um maior conhecimento para saber o que era jornal da igreja, folheto de loja, conta de luz, televisão. Isso para mim remetia a um fortalecimento de crer que algum dia em poderia ser como ela e saber ler. Meu primeiro livro foi de fábula: “A Lebre e a Tartaruga”. Minha mãe pegou-o emprestado e foi dali que começou tudo, muito difícil, mas aprendi a ler e escrever. Isso, aos seis anos de idade, momento de muito orgulho para minha mãe e que me marcou.

A minha primeira professora foi Maria do Rosário, que sempre nos motivava a desenvolver nossas capacidades de leitura. Lembro-me de um dia letivo, em que houve uma prova de leitura, quando todos leram e eu ganhei como melhor leitor e fui privilegiado com um presente da professora: um videogame, o que me fez pensar que eu poderia ser melhor cada vez mais. Como na escola não tinha biblioteca, a professora trazia livros, jornais e revistas para podermos ler e levar para casa. Também na catequese da igreja apresentávamos a encenação do Menino Jesus no Natal e isso era motivo de orgulho para os pais.

Quando terminei as séries iniciais, para mim já tinha conseguido muito e vencido uma batalha. Foi quando comecei a estudar na cidade: ia de ônibus e às vezes a pé ou de bicicleta. Toda a minha rotina mudou. Eram quatro professores por dia, conteúdos e alunos diferentes, o que se tornou um grande desafio devido a minha trajetória e meu modo de aprender e conhecer, por ser do campo. Comecei então no sexto ano e fui até ao nono ano do ensino fundamental passando por vários professores diferentes que me ensinaram bastante. Deparei-me então com uma professora que se destacava na escola e que começou a dar aula para a minha classe, fazendo leitura, produção de texto e ditado. Isso tudo melhorou minha leitura e abriu minha mente para várias novas palavras de que eu mesmo não tinha conhecimento. Além disso, lembro que ela apresentou um livro a partir do qual fizemos uma novela e apresentamos para a escola inteira, o que motivou vários outros alunos.

Ao longo de minha trajetória de vida escolar e fora da mesma, houve melhorias no meu desenvolvimento e fui aprendendo ser crítico. Percebi que existem coisas importantes na vida social e é muito difícil discernir o que é a coisa certa ou errada oferecida pelo mundo. Minha leitura e escrita melhoraram bastante aos longos dos anos, lendo livros de histórias e ouvindo

dos mais velhos contar. A internet também foi algo que me ajudou no meu desenvolvimento, pois os professores de várias matérias passavam trabalhos em grupo e eu sempre ajudava os colegas pegando os trabalhos deles para fazer, fazia num centro de computação da Comunidade Quilombola Santa Cruz. Isso me ajudou bastante e com isso conseguia uma renda extra para lanchar no intervalo. Como era extrovertido e sedutor algumas meninas faziam cartas com declarações, pois não tinha telefone celular nem se utilizavam programas como WhatsApp, atualmente bastante comum.

Formando-me no ensino médio, senti que mais uma batalha eu já tinha vencido e já imaginava trabalhar e fazer uma faculdade. Comecei a trabalhar no supermercado em Teófilo Otoni-MG e como a faculdade tinha um custo alto não havia eu como fazer. Então, por incentivo dos meus pais, eu entrei na autoescola para tirar habilitação e assim era minha rotina: trabalho, autoescola, academia de musculação e casa. Eu morava numa república, chegava do trabalho e ia ler os livros e ver os vídeos que a professora da autoescola passava. Estudando muito, tirei habilitação, sendo uns dos momentos mais difíceis por que já passei.

O tempo passou e veio a divulgação do edital do curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFVJM), quando percebi que era a minha oportunidade para ingressar em uma faculdade federal. Fiz o vestibular e passei, ficando muito feliz, pois um sonho começava a se realizar, trazendo-me novos conhecimentos e agregando novas formações para o meu currículo como um todo, sempre transformando e inovando para uma vida qualificada. E aqui estou com mais um objetivo, o de me formar em Linguagens e Códigos.

Minhas memórias

Vitor Moreira dos Santos

Meu primeiro contato com a escrita foi na minha comunidade, lá tem um acervo cultural que é constituído de vários elementos históricos – e linguísticos, contexto, por exemplo, livros, jornais, revistas, cartuns e revistas em quadrinhos. Mesmo sem saber ler e escrever, eu tive o contato com esses gêneros textuais. Devido a ser difícil o acesso à internet naquela época, e morar na zona rural, eu tinha acesso apenas a outros suportes, como rádio e TV.

Antes de entrar na escola eu sabia escrever o meu nome e juntar algumas sílabas, porém não sabia ler. Com o passar do tempo, durante o primeiro ano escolar, isso foi suprido, tendo como resultado inicial a primeira leitura de uma palavra que estava disposta em um quadro verde, que era “jacaré”. Contudo, posso considerar que meu processo de alfabetização começou a partir dos quatro anos. Logo de início, como eu já tinha certo conhecimento, que me foi adquirido através dos meus pais, não ocorreu um estranhamento com a minha incisão neste novo ambiente que era a escola. Ao contrário, acabou acontecendo uma identificação de objetivos em que o conhecimento passou a ser minha diversão e obrigação diária. Mesmo com a defasagem na questão de internet, houve um contraponto relevante na minha história que foi a dedicação que tive nas áreas tecnológicas, que começou aos 11 anos de idade. Isso aconteceu mesmo sendo considerado uma loucura por outras pessoas, visto que neste tempo a computação não tinha sido disseminada em todos os lugares como hoje. A partir de então, a minha forma de pensar mudou drasticamente. Com o passar do tempo, comecei a comparar tudo que via na *web* com aquilo com que me deparava no mundo “real”, fazendo uma espécie de ponte entre dois mundos.

Meu interesse pela leitura aconteceu realmente aos 12 anos, quando me interessei por uma revista em quadrinhos do anime Pokémon. Eu via alguns colegas lendo e achava aquilo interessante. Com o passar do tempo, fui me interessando por crônicas, sendo que o primeiro livro em que li desta categoria foi *O Príncipe Amarelo*. A partir desse livro, despertei ainda mais minha leitura e fui lendo outros livros frequentemente. Minha escola era na zona rural em que eu morava, ela pertencia ao município, lá tínhamos um pequeno acervo constituído de livros e jogos educacionais tais como: quebra-cabeças, dama, etc. Esse acervo, porém, não era parecido com uma biblioteca. Ao ingressar na escola estadual, o meu conhecimento foi ampliado, visto que tínhamos uma biblioteca que nos atendia de forma mais plena e um acervo bem completo, contendo vários tipos de livros. Como já gostava de ler, essa incursão neste novo ambiente escolar aumentou muito a minha vontade de obter conhecimento, então

eu passei a frequentar a biblioteca para pegar livros que geralmente eram de histórias, sendo elas variadas.

Contudo, ao me adentrar no ensino médio e posteriormente na UFVJM, tive uma mudança drástica na minha procura pelo conhecimento. A partir dessa nova situação, supri toda a defasagem de conhecimento que me parecia restar obter, pois desde então eu tive contato com pessoas que tinham as informações de que eu necessitava.

Enfim, com os passar dos anos, tendo vivido essa busca quase insana por conhecimento, a minha linguagem começou a mudar e os meus pensamentos já começaram a avaliar todas as ações que aconteciam no meio externo. Comecei, assim, a gravar tudo que via, passando então a possuir uma memória fotográfica. A partir daí, despertou em mim uma grande vontade de produzir um livro que trate da igualdade entre os mundos da tecnologia e o mundo “real”. Ele mostraria para seus leitores que a computação é empregada em nosso dia-a-dia, tendo a intenção de ampliar a visão desses leitores em potencial e mostrar-lhes que não existem diferenças entre esses mundos.

Tortura e glória

Walisson Victor Caldeira de Freitas

Lembro-me muito vagamente de que eu não tive uma infância muito fantasiosa. Eu e minha família morávamos em uma vila da comunidade de Engenheiro Dolabela, a qual ainda não tinha energia elétrica. Tive pouco contato com a escrita, o que me lembro são de folhetos de calendários, folhetos bíblicos e joguinhos que meus irmãos mais velhos possuíam. Sendo eu o caçula da família, apenas olhava com interesse enorme de poder brincar, porém era repreendido pelos meus irmãos: “Para moleque, você vai quebrar”, ou “não mexa no que não é de sua conta”.

Algumas vezes eu ouvia histórias de meus avós, histórias de assombração que eles mesmos inventavam porque nunca tiveram contato com a leitura, mas sinto que era isso que dava uma veracidade para o conto, e eu morria de medo. Dessa forma, criei um gosto por contos de terror, mais tarde viria a ler Charles Baudelaire, Agatha Christie, Edgar Allan Poe e outros autores.

A luz surgiu-me quando eu realmente entrei na pré-escola. Seu nome, Dona Olga Izar Atalla. Assim aconteceu meu contato definitivo com as palavras, sem repreensões e com mais incentivo pelas professoras. Mas surgiu-me um desespero, pois, estando na creche, sentia a falta da minha mãe e isso me amedrontava. E eu, um garotinho de cabelos longos, que vez ou outra era comparado a uma menina, corria para fora da creche em direção a praça, e minha mãe ia atrás com toda paciência, me buscava e me colocava dentro da sala com as outras crianças choronas.

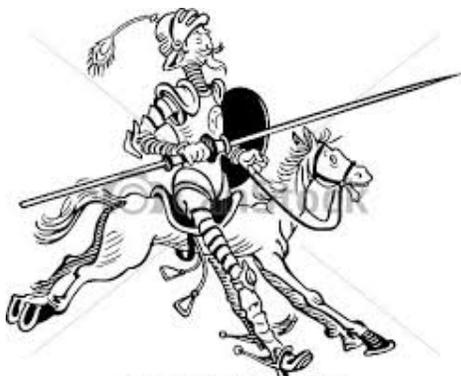
A partir do meu segundo ano na creche já estava acostumado, íamos eu e meus primos sozinhos para escola, nem precisávamos mais de nossas mães. Se eu passei a gostar de estudar? Odiava, minha infância inteira eu não gostava de ir à escola, mas isso não significa que eu não aprendia nada, estudava mesmo sem gostar. Essa era uma questão que só se resolveria no oitavo ano do ensino fundamental. Mas até lá... eu frequentava a escola corretamente, produzia meus trabalhos, vez ou outra frequentava a biblioteca, folheava as revistas em quadrinho da *Turma da Mônica* e do *Sítio do Pica-pau Amarelo* e livros infanto-juvenis. Mas, ainda assim, alguma coisa me incomodava, não me sentia bem naquele ambiente, a escola é cruel com as pessoas, talvez seria esse o motivo da minha raiva, e por esse mesmo motivo eu abandonei a escola no meio do ano, e voltei no ano seguinte.

Então pensei comigo mesmo: Por que motivo eu parei de estudar? Há alguém melhor do que eu? Quem pode me julgar a não ser eu mesmo? Ou Deus, talvez... Então tudo mudou quando eu voltei a estudar no oitavo ano, e decidi que não ia me deixar influenciar por bobagens e

que seria o melhor aluno da sala, o que decerto eu fui, ou cheguei perto. Então encontrei a professora que me mostrou a literatura, minha primeira obra a ser degustada foi uma tragédia de Shakespeare: *Romeu e Julieta*. Era uma edição ainda pequena, mas eu teria todo o tempo para ler várias outras obras de Shakespeare, José de Alencar, Machado de Assis, Vinicius de Moraes etc. A partir de então, virei o que chamam de rato de biblioteca, aquela pessoa que não sai de dentro da biblioteca. Fazíamos chás literários na sala de aula, debatíamos sobre os escritores e suas obras, organizávamos peças teatrais, escrevíamos textos e os pregávamos nos corredores da escola. Posso dizer que os anos finais de contato com a escola foram os melhores, talvez pela maturação mental, isso fez que eu percebesse que o erro não estava em mim, e sim em quem me menosprezava.

Minhas lembranças de letramentos

Yasmin Rodrigues de Barros



Fui criada por meus avós em uma comunidade muito pequena. Entrei para a escola aos sete anos, pois não havia escola na comunidade e era preciso acordar às quatro e meia da manhã e caminhar aproximadamente cinco quilômetros até um ponto em que o ônibus nos buscava. Por iniciar meus estudos aos sete anos, minhas tias não queriam que eu ficasse atrasada em relação aos demais alunos da minha idade, então me ensinaram a ler e escrever

em casa. Minha primeira professora se chamava Conceição, mas todos a chamavam de tia Ceiça, a mesma era muito cuidadosa comigo, pois sabia de todo o percurso que eu fazia até chegar à escola.

Minha mãe sempre morou fora, mas sempre me incentivava a estudar. Ela me presenteou com um quadro verde e giz para que eu e minha tia da mesma idade brincássemos de escolinha. Recordo-me de que sempre que minha mãe chegava de viagem me ensinava a fazer orações ao deitar e ao acordar, dizia que se eu não rezasse teria pesadelos ao dormir. Às vezes eu cochilava no meio da oração e ela me fazia rezar tudo novamente. A oração de que eu mais gostava era a do anjo da guarda, pois mesmo sem entender algumas palavras, eu sabia que ele iria zelar pelo meu sono. Quando pequena, inúmeras vezes me sentia sozinha por ser a única aluna da sala que não morava com os pais, mas um dia ganhei um diário da minha mãe, para que, em todas as vezes em que eu me sentisse assim, pudesse conversar com meu diário.

Meus avós sempre diziam que eu devia me esforçar para passar de ano na escola, pois sofria muito para estudar. Muitas vezes o ônibus quebrava, chovia e eu perdia muitos dias de aula. Para eu não ficar atrasada nos estudos e nem em recuperação, minhas tias, que eram mais velhas, me ajudavam. Por eu ser ruim em esportes sempre gostei de ir para a biblioteca nas aulas de educação física, pegava livros de contos de fadas e quando fui crescendo passei a ler muitos romances, pegava um livro e queria ler logo para saber o final. Quando passei para a quinta série as coisas começaram a mudar. A professora de português cada vez mais passava livros para ler e era sempre um desafio diferente. Na oitava série, minha professora mandou que lêssemos um livro chamado *Os Miseráveis*. Fiquei horrorizada com o nome, tentando imaginar do que se tratava e até hoje me sinto marcada por esse livro, por ter sido

uma leitura maravilhosa e ter aprendido que não podemos julgar um livro pela capa. Depois deste livro, passei a apreciar e a ler outros gêneros, pois até então só me interessava por livros que tivessem histórias românticas.

No primeiro ano do ensino médio, uma professora se tornou referência para mim. Ela nos relatava histórias de mocidade, quando sempre estava presente em discussões de relevância social. Aos dezesseis anos, ela já fazia discursos nos comícios políticos, o que fazia com que os políticos a perseguissem. Eu sempre ficava ansiosa para as aulas de português, pois em muitos dias essa professora nos recitava poemas, trazia seu irmão músico, entre outras atividades. A metodologia adotada por ela sempre nos apaixonava, e ela sempre trazia um desafio diferente. Presenteou-me, por exemplo, com uma proposta de fazer um musical sobre Dom Quixote, que se tornou um dos meus livros prediletos. Mas não parou por aí. Também me convidou para participar de uma noite cultural sobre Vinícius de Moraes e Tom Jobim. Nessa ocasião, cantei músicas desses mestres, que estão na história da cultura brasileira. Foi um privilégio, pois sempre fui muito influenciada pela música, uma forma de arte que consegue me emocionar muito.

A escola, professores e família foram e são muito importantes para que a leitura tenha se tornado um hábito para mim, e hoje sou marcada por todas essas lembranças que se fazem presentes em minha vida. Assim que concluí o ensino médio, tentei diversas vezes o ENEM e, por fim, em 2015, inscrevi-me para o vestibular da LEC. Graças a isso atualmente estudo na Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e sou motivada a ler textos acadêmicos, artigos e livros científicos que são essenciais para a vida universitária e para a construção dos mais diversos saberes.